

Letícia Vieira Santos

nossa caminhada

Trajetórias e Desejos de Líderes Institucionais
Negras Engajadas Socialmente

Natalia



nossa
caminhada

The text is presented in a black, elegant cursive font. The word "nossa" is on the top line, and "caminhada" is on the line below it. The text is framed by three thick, black, wavy horizontal lines that extend across the width of the page. The first line is positioned below "nossa", the second below "caminhada", and the third is further down, creating a decorative border.

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes
da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Santos, Letícia Vieira

Nossa Caminhada: Trajetórias e Desejos de Líderes
Institucionais Negras Engajadas Socialmente / Letícia Vieira
Santos; orientador, Dennis de Oliveira. - São
Paulo, 2022.

224 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Departamento de Comunicações e Artes / Escola de
Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.

Bibliografia

1. Engajamento social. 2. Combate a desigualdades. 3.
Cotidiano . 4. Representatividade. I. de Oliveira, Dennis
. II. Título.

CDD 21.ed. - 070

Elaborado por Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Departamento de Jornalismo e Editoração

NOSSA
CAMINHADA
NATALIA CHAVES

Trajetórias e Desejos de Líderes
Institucionais Negras Engajadas
Socialmente

Letícia Vieira

São Paulo
2022

Resumo

O presente trabalho visa retratar, com foco nos contextos político e social, as trajetórias de engajamento social de mulheres negras que ocupam cargos de liderança em instituições públicas. Por meio de depoimentos, o trabalho aborda os processos de formação política das entrevistadas, as motivações para o ativismo e a militância, e as formas com que o engajamento social se faz presente na atuação profissional de cada uma delas. A proposta é explicitar, por meio de eventos cotidianos, a relação que as trajetórias retratadas possuem com as oscilações políticas e sociais dos locais e períodos em que ocorrem, na tentativa de desmistificar a figura da mulher negra pioneira e engajada. O resultado do projeto é um livrorreportagem que pode ser acessado através do site do Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP.

Palavras-chave: Mulheres Negras, Liderança, Engajamento Social, Ativismo, Militância.

Abstract

The present work aims to portray, with a focus on political and social contexts, the trajectories of social engagement of black women who occupy leadership positions in public institutions. Through testimonies, the work addresses the processes by which the interviewees had their political formation, the motivations for activism and militancy, as well as the ways in which social engagement is present in the professional performance of each of them. The goal is to explain, through everyday events, the relationship that the portrayed trajectories have with the political and social oscillations of the places and periods in which they occur, in an attempt to demystify the figure of the pioneer black woman who is also politically engaged. The result of the project is a non-fiction book that can be accessed through the website of the Department of Journalism and Publishing at ECA-USP.

Keywords: Black Women, Leadership, Social Engagement, Activism, Militancy.

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, Dennis de Oliveira, pela orientação e pelo apoio.

Aos entrevistados, por se colocarem disponíveis e compartilharem suas histórias comigo, em especial às entrevistadas centrais Flávia Paixão e Natalia Chaves, que contribuíram intensamente com depoimentos e indicações durante toda a produção.

Agradeço também aos professores que participaram da minha formação como jornalista pelos ensinamentos que serviram como base para a produção deste livro.

Aos meus pais, Maria José Vieira Santos e Antônio Eduardo Silva Santos, e minha irmã Helisa Vieira Santos, por todo o amor e o cuidado que me permitiram chegar até aqui.

Aos meus amigos, Bruno Maciel, Letícia Marcelino, Gabriela Teixeira, Gabriel Bastos, Giovanna Simonetti, Juliana Santos e Maria Clara Rossini, pelo carinho, pelo acolhimento e pelas risadas que tornaram tudo mais leve.

Ao jornalista Leandro Bernardo, pelo apoio na revisão, na diagramação e no projeto gráfico.

À minha amiga e colega de curso Bianca Muniz, pela produção das lindas ilustrações que compõem o livro.

À psicóloga e psicanalista Marília Sgorlon, pela escuta e pelo suporte nos momentos de angústia e também nos de entusiasmo.

Aos professores Ishayas e aos meus colegas de meditação, pelos ensinamentos e pelas trocas que me ajudam a acessar o silêncio todos os dias.

ÍNDICE

Ato 1 - Bagagem 15

Ato 2 - Rota 31

Ato 3 - Partida 47

Ato 4 - Corrida 59

Ato 5 - União 89

Bibliografia 97

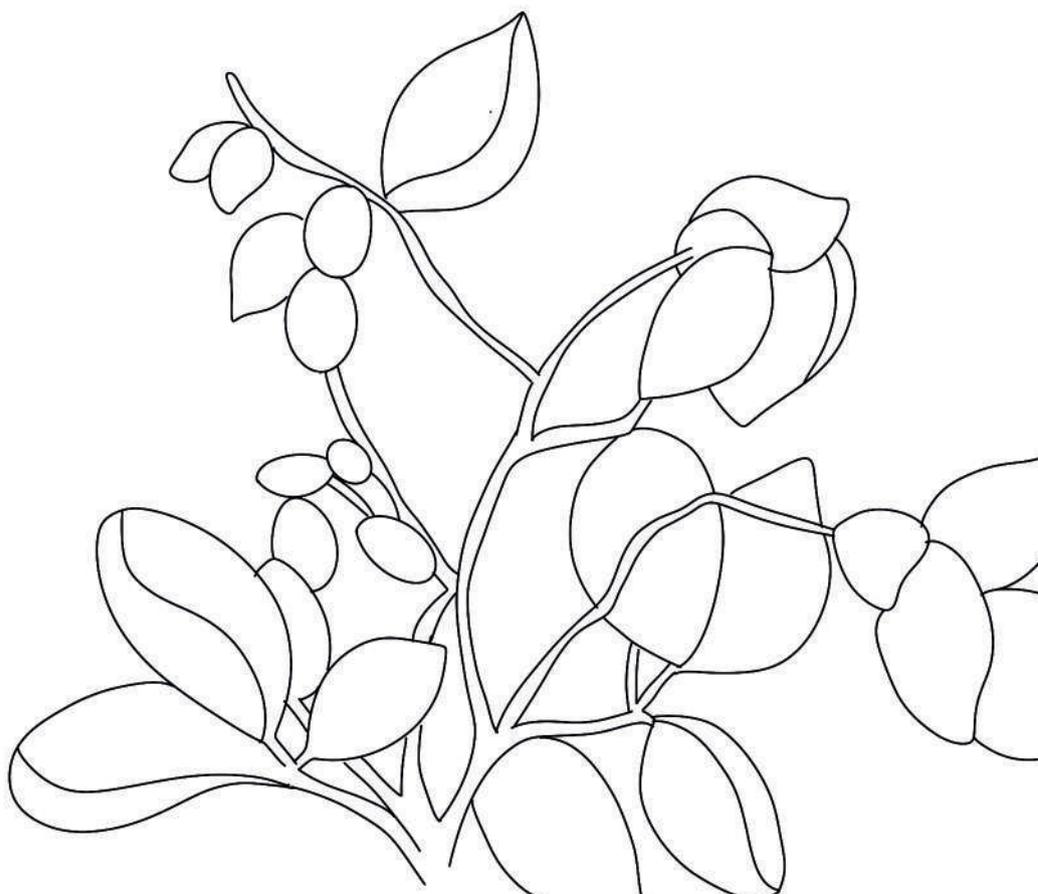
Fotos 108

Em memória de Ilnete Silva Santos, minha avó.

Natalia



*“Toda vez que alguém me diz que eu
sou força motriz eu quero responder:
Eu acredito na minha continuidade,
eu boto fé no meu legado, mas eu
também preciso de você”
Versos de Ryane Leão, compartilhados
pelo Instagram @ondejazzmeucoracao.*



ATO 1

BAGAGEM



Capítulo 1

Uma grande família

16

Preservar as origens e viver sempre em comunidade. Esses são os dois maiores ensinamentos que Natalia Chaves, covereadora da bancada feminista do PSOL em São Paulo, diz trazer da família.

O aprendizado veio pelo exemplo. Passando por bairros da periferia de São Paulo e de Guarulhos, Natalia cresceu em meio a muitos tios e tias, a primos e primas, mas também ao pessoal da padaria, à vizinha da frente e a vários outros amigos, que acabavam integrando a família.

Giovana Chaves, sua única irmã, lembra que nas comemorações havia sempre muita comida e não podia faltar música. “Forró era o que mais tocava, porque minha família toda é da Bahia”, ela comenta.

As duas são filhas de um casal de primos. Ambos nasceram na região da Chapada Diamantina – porção central do estado baiano, mas só foram se conhecer em São Paulo.

O pai, Gildesio de Oliveira, ou Gil, como costuma ser chamado, veio ainda criança para a capital paulista, na companhia dos pais, que buscavam melhores condições de vida. Tem, ao todo, sete irmãos – quatro homens e três mulheres.

Em São Paulo, a mãe, Emília de Oliveira, trabalhou muitos anos como empregada doméstica e, mais tarde, passou também a ser cuidadora de idosos. O pai, Orlando Ferreira, por sua vez, realizou uma série de atividades informais até a aposentadoria.

Dirlene Chaves, hoje mãe de Natalia e Giovana, veio à cidade pela primeira vez a passeio, por volta dos

18 anos. Ao visitar a tia, irmã de sua mãe, percebeu um clima de paquera vindo do primo, mas nem deu muita bola. “Acho que ele tinha menos de 15 anos, era uma criança ainda”, ela explica.

Dirlene teve 15 irmãos, dos quais nove vieram a óbito logo após o parto. O pai, Gilson Chaves, era trabalhador rural e a mãe, Ana de Oliveira, dona de casa. Aos 7 anos, a menina passou a morar com uma das tias no município baiano de Wagner, onde ouvia-se falar que estavam as melhores escolas públicas da região.

Quando chegou a hora de cursar os últimos anos do Ensino Básico, Dirlene optou pelo técnico em agropecuária. Após um ano de formada, veio a decisão de ir em busca de um emprego em São Paulo.

Depois de um tempo hospedada na casa de um dos irmãos, que já estava há cinco anos na cidade, a jovem recém-chegada foi morar com a tia, mãe de Gil. Ao reencontrar Dirlene, o primo deu continuidade às investidas, até que os dois começaram a namorar. “Eu brinco com ele, falo que me venceu pelo cansaço”, diz ela. Gil e Dirlene nunca formalizaram a relação, mas já estão juntos há 30 anos.

As duas filhas do casal vieram de surpresa. Natalia foi a primeira, quando Dirlene tinha 22 anos e precisou dar uma pausa no anticoncepcional para realizar um tratamento médico. Gil, que na época tinha apenas 18 anos, ficou aflito com a possibilidade de complicações genéticas por conta do grau de parentesco com a namorada. “Ele se preocupava demais de eu engravidar uma outra vez, mas graças a Deus nenhuma teve nenhum problema”, afirma Dirlene.

Giovana nasceu três anos depois da irmã e se tornou sua maior companheira para as brincadeiras no quintal de casa. A mãe acabou abrindo mão

do trabalho como atendente no supermercado para cuidar das filhas pequenas. O pai, por sua vez, começou a ganhar experiência profissional como motorista.

Capítulo 2

Casa de Guarulhos

A família de Natália morou por vários anos no bairro de São Mateus, no extremo leste de São Paulo. Eram três casas no terreno, todas alugadas. Na menor delas, com apenas dois cômodos além do banheiro, morava uma tia. Em outra, um pouco maior, ficavam os avós paternos e um tio. Na construção ao lado, com dois quartos, sala, cozinha e banheiro, moravam as duas meninas e os pais.

“A gente tem aquele ditado, ‘quem casa quer casa’. E eu falava para o meu marido: vamos ter nossa casa, porque desde que a gente está junto sempre moramos com seus pais”, conta Dirlene. Segundo ela, vários outros parentes moravam no mesmo bairro e a casa estava sempre cheia. Isso tornava mais difícil que o casal experimentasse a sensação de estar traçando sua própria história.

2003 foi o ano da mudança. Natalia, Giovanna e os pais deixaram a casa alugada e partiram para Guarulhos. O município, vizinho à capital, concentra a segunda maior população do estado de São Paulo e se destaca pela presença de indústrias e centros de logística.

A nova casa era pequena, ficava em um bairro bastante precarizado e não tinha o melhor dos acabamentos, mas era uma casa própria. “Foi uma alegria muito grande ter saído do aluguel,

não é fácil para ninguém”, afirma Gildesio.

No início, o casal e as filhas contavam apenas com um quarto, um banheiro e uma cozinha. A rua de terra e a cobertura de telha, que não segurava bem a umidade, fizeram a família passar por momentos difíceis. “Tenho bastante lembrança de quando era de madrugada e a gente ficava acordada, porque nossos pais e nossos avós estavam tirando água de dentro de casa”, diz Giovana.

Além dos avós, os vizinhos também vinham dar uma força no trabalho, mas ainda assim havia vezes em que a família precisava se abrigar na casa de um primo de Gildesio, que morava um pouco mais a frente. Lá, o revestimento do telhado era bem melhor. Aquilo era um alívio. Ainda que só por um tempo, todos podiam se ver livres das goteiras, da umidade e das variações bruscas de temperatura.

Com os pais trabalhando o dia todo e os avós morando em outro bairro, quem costumava ficar com as meninas quando voltavam da escola era a dona Maria, vizinha da família.

Natalia e Giovana davam conta das tarefas da escola de forma bastante independente e seguiam à risca o modelo de garotas bem comportadas. Era improvável que aprontassem qualquer peripécia, mesmo se estivessem chegado no auge do tédio.

Ainda assim, dona Maria se dedicava a proporcionar alguma diversão para as meninas durante o tempo livre. Elas se recordam de brincar com uma massinha caseira preparada pela vizinha e de assistirem à televisão, onde geralmente acompanhavam programas sobre animais e seus hábitos de vida, daqueles que são reprisados em um *looping* aparentemente infinito nos canais de TV a cabo.

As melhorias na casa nova vieram aos poucos. Gil começou aumentando a parte da frente, com um quarto para as meninas e uma sala. Depois, construiu o segundo andar, com mais dormitórios.

Assim que a primeira parte da reforma ficou pronta, os pais de Gil e seu irmão mais novo vieram morar com a família. O retorno dos avós, que também passaram a não ter mais o peso de pagar o aluguel todo mês, foi de grande ajuda para as obras e também para a rotina da casa.

Os avós passaram a levar e a buscar as crianças na escola, além de ficarem com elas quando os pais não estavam em casa. Como a avó sempre trabalhou fora, quem mais tomava conta das crianças era o seu marido. “Foi uma pessoa muito importante na criação das minhas filhas”, afirma Dirlene, que guarda com carinho a lembrança do suporte que recebia por parte do sogro.

Capítulo 3

Clubinho do RBD e igreja católica

“Minha mãe é meio superprotetora”, confessou Giovana enquanto contava sobre sua infância. Ela e a irmã não costumavam brincar na rua, com as crianças das redondezas. Não só pelo medo que a mãe tinha de deixar as filhas longe da supervisão dos adultos, mas também por uma questão de personalidade. Eram meninas tímidas e reservadas, como as próprias descrevem.

As crianças com quem mais gostavam de brincar

eram duas primas que moravam em Itaquera, bairro da zona leste de São Paulo, há uma distância de 20 quilômetros de Guarulhos. “Nós quatro sempre fomos muito próximas, e a gente gostava de RBD. Foi o primeiro nome do nosso clubinho”, lembra Giovana.

A sigla RBD se refere à novela mexicana *Rebelde*, exibida no Brasil pelo SBT entre 2005 e 2006¹. A produção foi uma “febre” entre os jovens, chegou a ser exibida em mais de 30 países e seguiu dando frutos, com novas versões lançadas ao redor do mundo. O quarteto das primas, todas com menos de 10 anos de idade, treinava coreografias inspiradas no sucesso *teen*.

Dentro do clubinho, até as integrantes mais tímidas se permitiam soltar a criatividade e, após os ensaios, tinha sempre a hora do show. Todos os familiares presentes eram convidados a assistirem às apresentações, que aconteciam no quintal da casa onde estivessem reunidas.

Outro ponto importante dessa relação era o fato de as primas de Itaquera frequentarem a igreja católica, onde a mãe era catequista. Giovana acredita que, talvez por isso, o Clube RBD às vezes trocava a rebeldia pela religiosidade e acabava também encenando eventos bíblicos em ocasiões como a Páscoa.

Alguns anos depois, as irmãs que moravam em São Mateus também começaram a se interessar pela igreja e a frequentar as missas com a tia, a avó e as primas. Os pais, no entanto, nunca tiveram esse hábito. Eles apareciam apenas nos eventos mais importantes, como a cerimônia de primeira comunhão das filhas.

1. Fonte: <https://natelinha.uol.com.br/televisao/2020/08/15/ha-15-anos-sbt-estreava-rebelde-e-via-banda-rbd-se-transformar-em-fenomeno-no-pais-149372.php>

Giovana, apesar de parcialmente imersa no discurso religioso, mantinha um olhar crítico sobre o que escutava. Ela cita a época da crisma, quando já era adolescente, e via os catequistas condenarem o aborto. “Nunca me sentia bem quando eles começavam a falar desses assuntos, essa parte mais conservadora. É meio que uma submissão da mulher”.

Natalia, por sua vez, chegou a partilhar de algumas ideias defendidas pela igreja tradicional. Sobre o direito ao aborto, inclusive, admite já ter sido contra. “Tive posicionamentos bem antifeministas, assim... Nunca fui de direita, mas eu também era mais conservadora em alguns assuntos”, declara a covereadora.

Mais tarde, com a expansão de seus círculos sociais e a definição mais precisa de alguns posicionamentos, as duas irmãs deixariam de lado o hábito de frequentar a igreja.

Capítulo 4

Escola do bairro

Quando se mudaram para Guarulhos, Natalia e Giovana foram estudar em uma escola estadual que ficava a 15 minutos de caminhada da nova casa. Sobre os critérios de escolha da instituição onde as filhas iriam estudar, Dirlene diz que sempre teve a sorte de contar com escolas públicas próximas de casa, sem muitos problemas de convívio entre os estudantes, e com uma estrutura razoável para que as filhas conseguissem ter uma boa base de conhecimento.

Em meio à mudança de cidade, a mãe, que havia dado uma pausa no trabalho para ficar com as filhas,

foi aprovada em um concurso público do município e conseguiu ser alocada para trabalhar justamente na parte administrativa da escola em que as meninas estudavam.

As duas eram alunas bastante comprometidas. De tempos em tempos, uma professora ou professor vinha aconselhar Dirlene a colocar as filhas em uma escola particular. Insistiam que lá elas encontrariam uma qualidade melhor de ensino.

Natalia chegou a realizar provas de bolsa em alguns colégios, mas nenhum resultado foi suficiente para que a mensalidade coubesse no orçamento da família. Dirlene sempre frisava: “se eu não posso pagar para as duas, não vou pagar só para uma”.

No final das contas, a permanência na rede gratuita não foi um problema. As irmãs seguiram na mesma escola até o fim do Ensino Fundamental e nunca deixaram de ser ótimas alunas. Prestavam atenção nas aulas, faziam todas as atividades e seguiam sendo bem vistas pelos professores.

Em casa, elas contavam com um ambiente tranquilo e ainda mais incentivos por parte dos pais. Até Gildesio que, ao contrário da esposa, não havia sido um aluno tão interessado nas aulas, já que queria mesmo era encontrar um trabalho, sempre buscou encorajar as filhas. Ele afirma ter usado sua experiência como um exemplo de atitude que as filhas não precisariam ter. Tentava transmitir a elas que “criança estuda, adolescente também e até adulto. Depois, tenta um trabalho, porque aí vai ter um trabalho melhor”.

Foi na escola de bairro, na periferia de Guarulhos, que Natalia reafirmou seu gosto pelo estudo da língua portuguesa. Essa afinidade com a disciplina

havia despertado na estudante, desde muito cedo, o desejo de ser professora. A certeza da vocação persistiu por anos, até que Natalia conheceu a inesquecível turma da 8ª série (atual 9º ano). Assistindo ao caos que os colegas eram capazes de instaurar em sala de aula, ela achou mais prudente começar a pensar em outras profissões. Entraram para o páreo as áreas de jornalismo e o bacharelado em letras, mas a decisão definitiva viria só mais tarde.

Também foi nessa época, por volta de 2009, que a irmã mais velha passou a estudar inglês por conta própria. O motivo? Um fenômeno chamado Jonas Brothers. Seguindo a onda de grande parte das pré-adolescentes bombardeadas pelas produções da Disney Channel, canal de televisão a cabo, Natalia virou fã de carteirinha do trio de irmãos, que compunha músicas pop apaixonadas e tinha sua própria série de TV.

Como as aulas da escola não davam embasamento suficiente para que Natalia pudesse exercer seu papel de “jonática” (nome que se dava aos fãs do Jonas Brothers) – o que englobava, além de decorar as letras das músicas, bater papo com fãs de outros países pela internet –, sua única opção foi dar um jeito de treinar nas horas vagas. “Fui aprendendo meio que naturalmente, por causa das músicas”, conta.

Em meio aos colegas de classe – que nem sempre eram os mais comportados – Natalia começou a desenvolver seu jogo de cintura, mantendo uma boa relação com todas as “panelinhas”, sem propriamente fazer parte de nenhuma. “Eu era meio protegida. ‘Com a Natalia não pode mexer’ e tal”, comenta. Ela conta que tinha alguns amigos próximos – geralmente os bastante dedicados

ao estudo, assim como ela –, mas faz questão de reforçar que também era tratada com carinho pelos demais colegas.

Giovana, por outro lado, não guarda boas lembranças do período de Ensino Fundamental. “Sempre fui meio esquisita, sabe? Eu quase não tinha amigos”, confessa enquanto deixa escapar uma risadinha, meio sem graça.

Durante a infância, a irmã mais nova precisou usar tampão em um dos olhos – além dos óculos –, o que contribuía para que ela se sentisse deslocada em relação às outras crianças. Ela diz não saber o que veio primeiro, se a timidez ou uma condição chamada “Transtorno dos sons da fala persistente”. O nome se refere a “dificuldades no desenvolvimento da fala que não desaparecem à medida que a criança cresce”², ou seja, crianças que já estão em idade escolar seguem trocando os sons. Dizem “ada” quando, na verdade, desejam dizer “água”, por exemplo.

Giovana conta que tem uma lembrança muito vívida de uma garota vindo perguntar se ela era muda (sic), já que não conversava com ninguém. “Eu nem abri a boca para falar, só acenei com a cabeça que não”, ela relembra. Durante o intervalo das aulas, Giovana tinha a companhia da mãe, que trabalhava na escola. Em sala, se dedicava 100% aos estudos, o que lhe garantia uma chuva de elogios por parte dos professores.

Um pouco mais tarde, mas ainda na mesma escola, Giovana faria duas grandes amizades.

2. Fonte: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/62371#:~:text=Introdu%C3%A7%C3%A3o%3A%20Transtorno%20dos%20sons%20da,fonol%C3%B3gica%20dos%20sons%20da%20fala>

Marcela e Carla viraram suas companheiras inseparáveis durante o 6º ano e elas conversavam bastante durante o tempo livre. “Essa época já era mais legal. Me sentia menos diferente do resto”, declara Giovana.

O transtorno na fala já havia sido superado há algum tempo. Após uma professora ter dado um alerta à família, a mãe de Giovana começou a levá-la de quinze em quinze dias até um posto de saúde especializado, no centro de Guarulhos. Com alguns meses de tratamento fonoaudiológico, as trocas de sons pararam de ocorrer.

Capítulo 5

Escola do centro

Quando Natalia estava para entrar no Ensino Médio, sua mãe foi em busca de vaga em uma escola na região central de Guarulhos, que contava com uma estrutura melhor do que as do bairro onde moravam. Dirlene se preparou para chegar o mais cedo possível na fila, que contornava a Escola Estadual Prof^a Alice Chuery. Queria garantir a qualidade dos últimos anos de estudos da filha mais velha, e conseguiu.

Com Natalia já entrando na adolescência, Dirlene e o marido se sentiam suficientemente seguros com a ideia de que ela realizasse sozinha um trajeto de mais ou menos uma hora até a nova escola. Ainda assim, sempre que podia, o pai a acompanhava até o ponto de ônibus da rua mais movimentada do entorno.

No Ensino Médio, Natalia teve contato com os professores que mais marcaram os seus anos de estudo. “Tinha um de história que era muito bom. Alguns alunos tinham medo dele”, lembra enquanto

ri da situação, já que teve tempo suficiente para construir uma outra impressão sobre o mestre. Foi com ele que Natália e mais dois colegas participaram da Olimpíada Nacional de História do Brasil, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Com os laços estreitados após a viagem, o professor se tornou uma das grandes referências, que impulsionaram a estudante na hora de prestar o vestibular.

Foi também nesse período que Natalia começou a aprofundar seus conhecimentos em espanhol. A escola estadual contava com um Centro de Estudo de Línguas (CEL) que, à época, disponibilizava cursos de inglês e espanhol como atividades extracurriculares para alunos que tivessem interesse.

O inglês não caiu no esquecimento. Gil estava conseguindo um bom retorno como taxista nesta época, entre os anos de 2011 e 2012. Com isso, foi possível matricular a filha mais velha em um curso de língua inglesa.

Natalia usou seus conhecimentos, adquiridos durante os tempos de devoção a ídolos *teen*, para entrar direto no último módulo do nível intermediário da escola de idiomas Cultura Inglesa. Lá, estudou até se formar, com direito a um teste internacional que lhe garantiu o certificado de proficiência.

Com a formatura do Ensino Médio se aproximando, Natália voltou a pensar sobre suas opções de curso para o vestibular. Chegou a cogitar jornalismo, mas logo concluiu que não se sentiria bem com uma rotina que lhe exigisse escrever por demanda. Decidiu, então, pelo curso de letras, com foco em tradução.

Na hora de escolher a universidade, a primeira que veio à cabeça foi a Universidade de São Paulo (USP). Depois, Natalia percebeu que não era bem

o que queria. A estudante tinha desenvolvido uma paixão muito grande por línguas estrangeiras e estava decidida a se tornar tradutora, vertente que não parecia ser o foco do curso da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP – de acordo com sua análise na época.

Sendo assim, a melhor opção era fazer o Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) e usar a nota para tentar obter uma bolsa integral em universidades particulares, por meio do Portal Único de Acesso ao Ensino Superior (ProUni). Natalia era elegível, uma vez que havia estudado em escola pública durante todo o Ensino Médio e possuía uma renda familiar de até 1,5 salário mínimo por pessoa³.

Gil e Dirlene deram total apoio e deixaram a filha tranquila para fazer a escolha que achasse mais acertada, sem se preocupar com expectativas de terceiros. “Letras não é um curso de muito prestígio. Então eu acho que eles sempre entenderam muito bem, nunca encheram o saco com isso”, comenta Natalia sobre os pais.

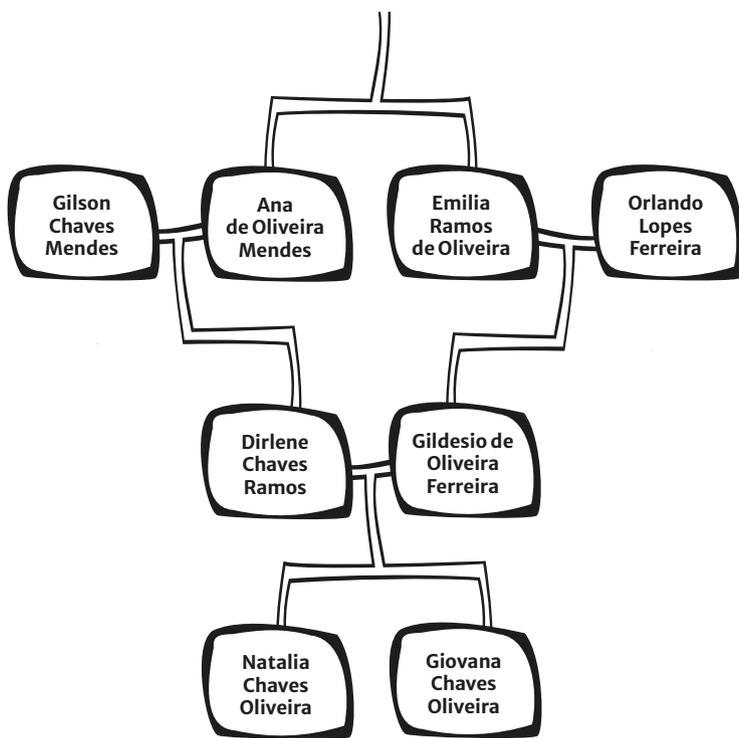
Acabou que o suporte foi também material. Quando Natália estava para completar 15 anos, o pai havia lhe oferecido um presente e disse que poderia ser qualquer coisa que ela escolhesse. Na época, a filha acabou recusando, pois não queria que os pais gastassem dinheiro só por conta da data. Dois anos depois, porém, ela resolveu resgatar o tal presente.

Foi assim que a estudante acabou partindo para um intercâmbio de férias com o intuito de aperfeiçoar o espanhol. Foram 30 dias em Valência,

3. Fonte: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2013/06/inscricoes-para-o-prouni-2013-comecam-nesta-sexta-feira.html>

na Espanha, incluindo um curso intensivo do idioma.

A estadia foi em dezembro de 2012. O euro estava em torno de R\$ 2,70⁴ e a inflação fechava o ano em 5,84%, com queda de 0,66% em relação ao ano anterior⁵. Os pais de Natalia passavam por um momento financeiro relativamente tranquilo e conseguiram se programar. Segundo Gil, não foi necessário fazer nenhum grande sacrifício para custear a estadia e o curso da filha.



4. Fonte: <https://br.investing.com/currencies/eur-brl-historical-data>

5. Fonte: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2013/01/inflacao-oficial-fecha-2012-em-584-aponta-ibge.html>



*“Eu me conheço mais
Olhando pra você eu vou
Descobrimo quem eu sou
E penso agora no que você vê
O que me diz de mim?”
Canção “Convívio”, de Mahmundi.*

ATO 2

ROTA



Capítulo 6

Universidade São Judas Tadeu – Mooca

32

Natalia foi aprovada no curso de Letras da Universidade São Judas Tadeu e contemplada com a bolsa ProUni no início de 2013. A ingressante escolheu o Campus da Mooca, na zona leste de São Paulo, pois essa era a unidade que proporcionava o mínimo desgaste no deslocamento diário de Guarulhos até a capital.

A sala de aula da faculdade era um ambiente em que Natalia se sentia confortável. Havia uma identificação com os colegas, já que a maior parte da turma contava com algum programa estudantil do governo para arcar com os custos do curso.

Naquele ano, o Ministério da Educação já oferecia tanto o ProUni quanto o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES) como facilitadores do acesso ao Ensino Superior privado. No primeiro caso, instituições de Ensino Superior privadas recebem isenção de impostos pelo Governo Federal e, em troca, destinam parte de suas vagas aos bolsistas do programa, nos formatos integral ou parcial. No segundo, o Governo financia o curso – também parcial ou integralmente – e o aluno começa a pagar a dívida apenas após concluir os estudos.

Natalia esteve entre os 252.339 estudantes contemplados pelo ProUni em 2013⁶. A partir do benefi-

6. Fonte: <https://www.clickguarulhos.com.br/2015/11/28/diretora-da-ee-alice-chuery-desabafa-em-entrevista/>

cio, ela pôde integrar a parcela de 40,3% dos jovens negros, entre 18 e 24 anos, que cursavam o Ensino Superior naquele ano⁷. Na população branca da mesma faixa etária, a taxa de matriculados em cursos de graduação era de 69,4%, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Vale lembrar que o ano em que Natalia ingressou no curso superior não foi um período qualquer. 2013 entraria para a história por conta de uma onda de manifestações que chegaram a mobilizar mais de um milhão de pessoas a nível nacional, e que tiveram como estopim anúncios de aumento no valor das passagens de ônibus em várias capitais do país.

A atual covereadora, no entanto, não se lembra de qualquer movimentação política por parte dos estudantes do seu curso. “Eu passei a maior parte do tempo sem nem saber direito o que era movimento estudantil”, declara Natalia.

Entretanto, ela acompanhava atentamente as movimentações nas ruas, mesmo que de longe, e expressava suas opiniões políticas por meio dos artigos que produzia em sala de aula.

Mesmo que não houvesse nenhum contato direto com movimentos sociais, a então estudante já trazia de família um viés de esquerda, que orientava sua leitura de mundo. “A minha família sempre falou de como as políticas sociais do governo Lula ajudaram muito. Eu já fui de uma época em que meus pais nunca ficaram muito tempo desempregados, a gente não passou necessidade”, ela pontua.

7. Fonte: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/12/n-de-negros-na-faculdade-em-2013-e-menor-que-o-de-brancos-em-2004.html>

Quanto aos estudos, Natalia seguia dedicada como sempre. Logo que iniciou a faculdade, entrou para o curso do Instituto Cervantes, órgão oficial do governo da Espanha para a difusão da cultura e do ensino de espanhol, que oferece cursos pagos em várias cidades brasileiras. Natalia já entrou no nível avançado e os pais continuaram dando apoio financeiro aos estudos da filha, até que a estudante conseguisse um estágio no final do primeiro ano. Dali em diante, ela passou a poder arcar com algumas despesas pessoais.

Capítulo 7

Escola do centro ocupada

Assim que Natalia se formou no Ensino Médio, a irmã mais nova começou a cursar o primeiro ano, também na E.E. Prof^a Alice Chuery, no centro de Guarulhos.

A diretora, que tinha ficado responsável pela escola durante os três anos em que a irmã mais velha estudou por lá, seguia no posto. Ela “era muito boa”, segundo Giovana, que logo notou a diferença em relação à escola de bairro onde havia feito o Ensino Fundamental: “ela [a diretora] incentivava bastante a gente, tinha um contato mais próximo com os alunos”.

Só que a alegria durou pouco. No segundo ano, houve uma troca na direção e a escola passou a funcionar de forma bem diferente. “Uma coisa mais autoritária”, nas palavras de Giovana.

O último ano da irmã mais nova na escola foi 2015, período que teve um desfecho marcante.

Em novembro daquele ano, escolas paulistas começaram a ser ocupadas por estudantes que protestavam contra a reestruturação do sistema educacional do estado. O plano do governo previa o fechamento de quase 100 escolas e o remanejamento de 311 mil alunos e 74 mil professores⁸.

O movimento de estudantes secundaristas trazia entre as suas reivindicações o acesso aos estudos prévios nos quais o projeto havia se baseado. Sob as críticas em relação à falta de diálogo durante a criação do novo plano, o governo do estado promoveu, em 14 de novembro, o chamado “Dia E”, quando as escolas ficaram abertas para receber pais e alunos a fim de tirar dúvidas sobre a reestruturação.

Mesmo diante de manifestações contrárias ao projeto, o governo se negou a suspender a proposta e as ocupações seguiram aumentando. Os estudantes contavam com o apoio de entidades como o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST) e o Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp), que também participaram de algumas ocupações.

A E. E. Prof^a Alice Chuery, onde Giovana estava prestes a concluir o Ensino Médio, fazia parte da lista de escolas que teriam alunos remanejados. Eles seriam transferidos para a E.E. Vereador Antonio de Ré, no bairro do Macedo, localizado a uma distância de um quilômetro da primeira escola⁹.

Diante da notícia, os estudantes começaram

8. Fonte: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/12/chega-200-o-numero-de-escolas-ocupadas-em-sp-diz-secretaria.html>

9. Fonte: <https://www.clickguarulhos.com.br/2015/11/24/mais-uma-escola-ocupada-em-guarulhos-alice-choeiri/>

a se organizar e Giovana também se envolveu com a ocupação. “Como eu era muito quietinha, ninguém ia desconfiar de mim, então fiquei no portão da escola. Na hora que eles iam fechar, eu segurei o portão e peguei a corrente”, diz Giovana, ao descrever o momento em que os estudantes trancaram a escola. A ocupação aconteceu contra a vontade da diretoria e de parte dos professores¹⁰.

Por mais que buscasse se engajar ao máximo, Giovana ainda respeitava os limites que a mãe colocava para a sua participação. “Eu não dormia lá, porque a minha mãe não deixava”, confessa. Sua presença era mais nas ações que ocorriam durante o dia. A estudante ajudava na limpeza e participava das atividades promovidas por representantes de organizações estudantis e de partidos políticos.

A escola ficou ocupada por algumas semanas e fez parte das mais de 200 mobilizadas em todo o Estado naquele final de ano, segundo monitoramento da Secretaria da Educação¹¹.

Na capital paulista, os estudantes também tomaram as ruas e chegaram a bloquear avenidas importantes como Faria Lima, Nove de Julho e Doutor Arnaldo. Os manifestantes criaram imagens emblemáticas ao levarem cadeiras escolares e se sentarem nos cruzamentos.

A ação da Polícia Militar de São Paulo (PMSP) durante os atos foi marcada pelo uso de cassetetes e bombas de efeito moral para dispersar os manifestantes. 33 pessoas foram detidas.

10. Fonte: <https://www.clickguarulhos.com.br/2015/11/28/diretora-da-ee-alice-chuery-desabafa-em-entrevista/>

11. (Idem, *Ibidem*)

No final das contas, o saldo dos protestos acabou sendo favorável aos secundaristas, com a suspensão das mudanças no sistema, assinada pelo então Governador Geraldo Alckmin em 4 de dezembro de 2015 – 42 dias após o anúncio do projeto¹².

Capítulo 8

Corra!

Adriana conheceu Natalia na época da faculdade. As duas eram da mesma turma, mas se falaram pela primeira vez enquanto aguardavam o ônibus após fazerem uma prova. “A gente saía mais cedo assim que acabasse a prova, então o ponto estava mais vazio”, lembra Adriana. Com pouca distração ao redor, as duas começaram a conversar e, desde então, se falam todos os dias.

Adriana diz que a primeira coisa que percebeu em relação a Natalia foi ela ser “muito quietinha”, mas se relacionar bem com todo mundo. “Ela sempre foi muito religiosa. Não no sentido de ir à igreja necessariamente, mas de ter os valores cristãos muito enraizados nela”, explica. Segundo a amiga, Natalia não costuma falar palavrão e nem consumir bebidas alcoólicas, mas nunca foi do tipo que sai ditando regras sobre como os outros devem se comportar.

As duas acabaram se aproximando de mais gente ao longo da graduação e formaram um grupo de sete amigos, com quem faziam os trabalhos da faculdade. Quando não estavam estudando,

12. Fonte: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151204_alckimin_estudantes_movimento_rm

as amigas se visitavam ou saíam para algum show de música. Na verdade, Adriana acompanhava Natalia, que adora ir a shows e, segundo a amiga, não tem muito critério na hora de exercer seu *hobby*. Às vezes nem conhece direito quem irá tocar, mas a animação continua a mesma.

Em maio de 2017, um show marcou a amizade das duas. O cantor britânico Ed Sheeran visitava pela segunda vez a cidade de São Paulo, trazendo ao Brasil sua turnê do álbum *Divide*. Na fila que se formava em frente à Arena Allianz Parque, na região da Água Branca, Adriana e Natalia aguardavam a abertura dos portões para assistirem ao músico enquanto conversavam sobre um dos grandes lançamentos do cinema para aquele início de ano.

Alguns dias atrás, Adriana havia visto *Corra!*, filme recém-lançado na época e que contava com a direção do norte-americano Jordan Peele. Na trama, um jovem fotógrafo negro descobre um segredo perturbador sobre a família de sua namorada caucasiana. Adriana ainda tentava digerir o impacto daquela história de terror, quando partilhou com a amiga o sentimento que havia experimentado ao final do longa-metragem. “Estou com medo de branco”, ela disse. Natalia, retrucou, surpresa: “Então você está com medo de mim?”.

A então estudante de letras nunca tinha falado sobre a cor da sua pele dentro de casa e não tinha grandes conhecimentos sobre a questão racial brasileira. “Obviamente eu não era branca e eu sabia disso, só que nessa hora que ela falou medo de branco, eu não me vi do lado dela”, diz Natalia.

Os pais de Natalia, assim como a irmã caçula, têm a pele mais escura que a dela. Por isso, sempre

foi considerada uma “pessoa de pele clara” dentro da família. Ela diz que, naquela tarde em frente ao estádio, foi muito importante ouvir de Adriana, uma mulher negra de pele retinta, um convicto e direto: “não [tenho por que estar com medo], você é negra!”.

Capítulo 9

Internet, anticapitalismo e “ELE NÃO”

Natalia saiu daquele show com muitos questionamentos, mas também com um ponto de apoio para as novas descobertas. Fazia só alguns meses que Adriana havia começado a refletir sobre o fato de ser uma mulher negra, mas foi com base nesse movimento de pesquisa, ainda incipiente, que buscou oferecer algum suporte para a amiga.

Adriana conta que seu processo começou com a aceitação do cabelo natural. Ela alisou os fios crespos pela primeira vez quando ainda era criança, pois a irmã dizia que daquela forma era mais fácil de cuidar. “Eu era mais invisível com ele. Se não estava alisado, ficava num coque, sempre muito preso. Não tinha um afeto, uma ligação, sabe?”, comenta.

Na casa de Adriana, viviam ela, a irmã 13 anos mais velha, e a mãe. Eram três mulheres negras, mas o que se falava sobre isso nunca era muito positivo. A filha mais nova lembra que a questão vinha à tona como puxão de orelha, quando aparecia com alguma nota baixa na época da escola. “Era tipo:

‘lembre-se que você já é negra’”, diz Adriana. A mãe sabia que o contato com o mundo externo não era dos mais fáceis e também tentava alertar as filhas, relatando os casos de racismo que sofria no trabalho como enfermeira e como síndica do condomínio.

A mudança do olhar de Adriana sobre sua negritude veio quando a irmã mais velha decidiu cortar toda a parte alisada do cabelo e esperar crescer novamente. Ao ver essa mudança de visual, Adriana começou a se questionar sobre sua própria estética e acabou se deparando com a possibilidade de trançar os cabelos. No início, a família não aprovou sua nova versão, mas aos poucos a filha caçula foi conseguindo transmitir os significados e a beleza das madeixas trançadas.

O carinho que vinha adquirindo por si mesma fazia parte de um certo espelhamento que experimentava ao entrar em contato com vivências de outras mulheres negras. Adriana destaca duas *youtubers* cujo conteúdo também serviu como indicação para ajudar Natalia em sua trajetória de construção de identidade.

A primeira delas foi Nátaly Neri, que à época estudava ciências sociais e era dona do canal *Afros e Afins*. Nele, ela compartilhava reflexões a partir de seus estudos sobre negritude e feminismo, além de experiências pessoais, dicas de moda e de beleza sustentável.

Nátaly é uma mulher negra de pele clara e seu conteúdo trazia a questão do colorismo de forma bastante presente. Esse conceito foi utilizado inicialmente pela escritora Alice Walker em *Se o presente se parece com o passado, como será o futuro?* e se refere à “uma ideologia na qual hierarquizamos

as pessoas negras de acordo com o fenótipo”, como define a pesquisadora e advogada Alessandra Devulsky, em entrevista à *Carta Capital*¹³.

Outra referência compartilhada por Adriana foi Gabi Oliveira, do antigo canal *De Pretas*. A criadora de conteúdo começou a postar vídeos em 2015, após perceber a falta de mulheres negras de pele escura falando sobre estética no YouTube. Entre uma postagem sobre tranças e outra sobre os produtos que usava nos cabelos ao acordar, Gabi sempre incluía alguma discussão sobre racismo que estava em alta nas redes sociais.

A partir das discussões levantadas, Natalia começou a procurar leituras que se relacionassem com o tema e foi encontrando algumas respostas para seus questionamentos. “Comecei a entender toda essa questão da miscigenação e de origens, e parar para pensar realmente nos espaços em que eu me encontrava”, diz ela. Com as reflexões, pôde compreender certos incômodos, como quando se sentia desconfortável em espaços onde predominavam pessoas brancas de classe média.

Certo dia, Natalia abriu uma postagem de Gabi Oliveira nos stories do Instagram. Ela estava compartilhando um conteúdo de Sabrina Fernandes, PhD em Sociologia que ficou conhecida pelo canal *Tese Onze*, no YouTube, onde posta análises sociológicas e políticas sob um viés marxista.

“Eu conheci uma outra parte da esquerda, porque para a gente antes esquerda era o PT”, afirma Natalia. Até então, sua família tinha o Partido

13. Fonte: <https://www.cartacapital.com.br/entrevistas/o-colorismo-e-o-braco-articulado-do-racismo/>

dos Trabalhadores como referência.

Gildesio diz que passou a se interessar pela política quando viu a tia se engajar em um movimento por moradia no bairro de São Mateus, onde moravam. Era o início dos anos 1990. Os moradores da região, no extremo leste de São Paulo, contaram com o incentivo da então prefeita Luiza Erundina (PT), que incluiu a localidade em seu plano de habitação popular.

Os chamados mutirões foram projetados pela Prefeitura de São Paulo como uma solução habitacional de baixo custo¹⁴. Neles, a própria população era responsável pela construção e também pela administração dos empreendimentos, contando com a orientação de profissionais especializados.

O projeto foi implementado em parceria com 108 Associações Comunitárias e 24 entidades de assessoria técnica. Ao todo, foram 60 mil pessoas beneficiadas pelo programa na capital. “Foi a partir daí que eu vi a importância da luta de classes, da luta das periferias”, declara Gildesio.

O pai de Natalia, que criou o hábito de acompanhar telejornais ainda na infância, tem seus posicionamentos ouvidos com atenção pela filha, que sempre o enxergou como um exemplo de pessoa bem informada. “Às vezes, eu acho que ele acompanha mais do que eu”, ela confessa. O espaço de diálogo construído entre pai e filha, com mais objetivos em comum do que divergências, serviu como ponto de partida para que a jovem ativista pudesse trilhar seu próprio caminho.

Em 2018, Natalia já estava formada e trabalhando com gestão de qualidade na filial brasileira

14. Fonte: <https://www.cedem.unesp.br/#!/noticia/173/habitacao-social-da-prefeita-erundina-e-referencia-internacional/>

de uma empresa norte-americana de tradução. Preocupada com os rumos das eleições, ela já começava a se revezar entre o trabalho e os eventos de formação política dos quais tomava conhecimento por meio dos comunicadores que seguia nas redes sociais.

O ano de eleições presidenciais teve um período de campanha bastante conturbado. No início de abril, Luiz Inácio Lula da Silva foi detido em Curitiba após ser condenado em segunda instância pelo caso do triplex do Guarujá¹⁵. O ex-presidente havia sido acusado de receber propina da empreiteira OAS na forma da reserva e reforma de um imóvel na cidade litorânea¹⁶.

Ainda que o petista estivesse preso, o partido cogitava lançá-lo como candidato para fazer frente a Jair Messias Bolsonaro, na época filiado ao PSL (Partido Social Liberal), que vinha despontando nas pesquisas. Natália relembra suas impressões durante o período: “no início do ano, ainda parecia uma chacota, mas acho que no começo do segundo semestre já deu para perceber que o Bolsonaro estava ganhando força”.

Uma pesquisa Datafolha, com entrevistas colhidas em junho daquele ano, mostrava que em um cenário com Lula, o ex-presidente teria 30% dos votos, seguido por Bolsonaro (17%) e Marina Silva (10%). Os “sem candidato” somavam 21%.

Já com Fernando Haddad no lugar de Lula, Bolsonaro sairia na frente com 19%, Marina estaria em segundo (15%) e Ciro Gomes em terceiro (10%).

15. Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2022/04/07/quatro-anos-apos-prisao-lula-acumula-vitorias-na-justica-relembre>

16. Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56328403>

Haddad, por sua vez, aparecia em sexto lugar com 1% dos votos. Os “sem candidato” eram 33%¹⁷.

No final das contas, o PT optou por lançar a candidatura de Lula, detido em Curitiba, porém o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) rejeitou o pedido com base na Lei da Ficha Limpa¹⁸. Em 11 de setembro, Lula foi substituído por Fernando Haddad.

Ao perceber que Bolsonaro teria grandes chances de ser eleito presidente, Natalia sentiu uma necessidade de se opor na prática. A forma que encontrou para isso, naquele momento, foi uma proposta de mobilização com uso de banquinhas vira-voto.

A iniciativa incentivava que eleitores contrários às ideias do então candidato Jair Bolsonaro montassem pequenas mesas com panfletos em seus bairros e argumentassem com as pessoas que passassem por ali.

A ideia chegou até Natalia por meio de uma mobilização conjunta entre a youtuber Sabrina Fernandes e Débora Baldin, que também produzia conteúdo para a rede, mas tinha uma abordagem mais voltada para a agenda dos movimentos LGBT e feminista.

Natalia passou a acompanhar, pela internet, as movimentações de Sabrina no Distrito Federal e as oficinas que Débora promovia na cidade de São Paulo. A partir disso, resolveu conversar com a irmã sobre levarem a ideia adiante, circulando pela vizinhança da periferia de Guarulhos. “A gente imprimiu

17. Fonte: <https://g1.globo.com/politica/noticia/lula-tem-30-bolsonaro-17-marina-10-aponta-pesquisa-datafolha-para-2018.ghtml>

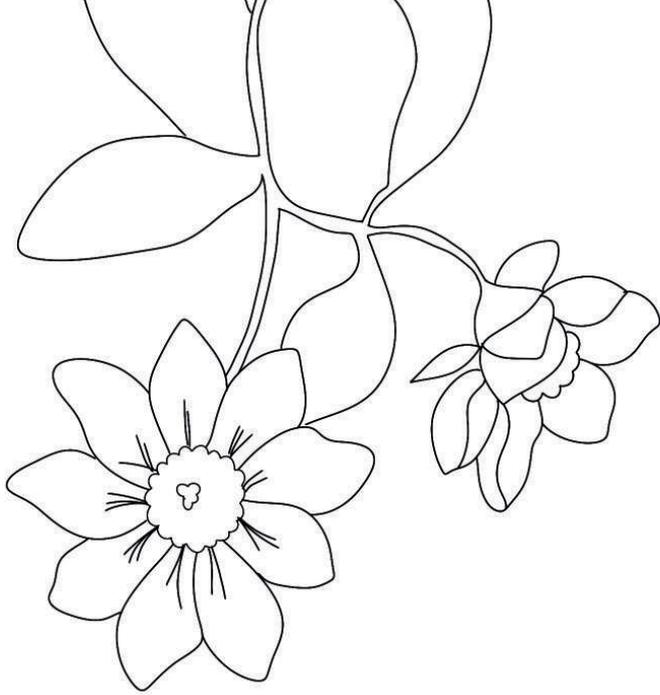
18. Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-11/retrospectiva-2018-politica>

vários panfletos por conta própria e saiu no bairro conversando com as pessoas, perguntando em quem elas iam votar”, conta Giovana.

Natalia foi se aprofundando em seus estudos políticos por meio das leituras recomendadas pelos militantes que seguia nas redes sociais. “Estudando para contrapor os argumentos do bolsonarismo, eu aprendi muita coisa em pouco tempo”, diz ela. A jovem afirma que, em algum ponto desse aprendizado, acabou se convencendo de que o projeto do Partido dos Trabalhadores, que sempre havia sido sua grande referência, não seria suficiente para superar o avanço da extrema-direita no país.

Na tentativa de transmitir de forma mais palpável a conclusão a que chegou naquela época, ela cita como exemplo o próprio programa de bolsas que permitiu sua graduação como tradutora. Em seu entendimento, programas como o ProUni são eficientes para garantir o acesso de muitos brasileiros ao Ensino Superior, mas possuem contradições: “ele acabou colocando dinheiro em grandes conglomerados que não contribuem para a gente avançar para uma educação pública, universal, de qualidade e que incentiva o pensamento crítico”, explica.

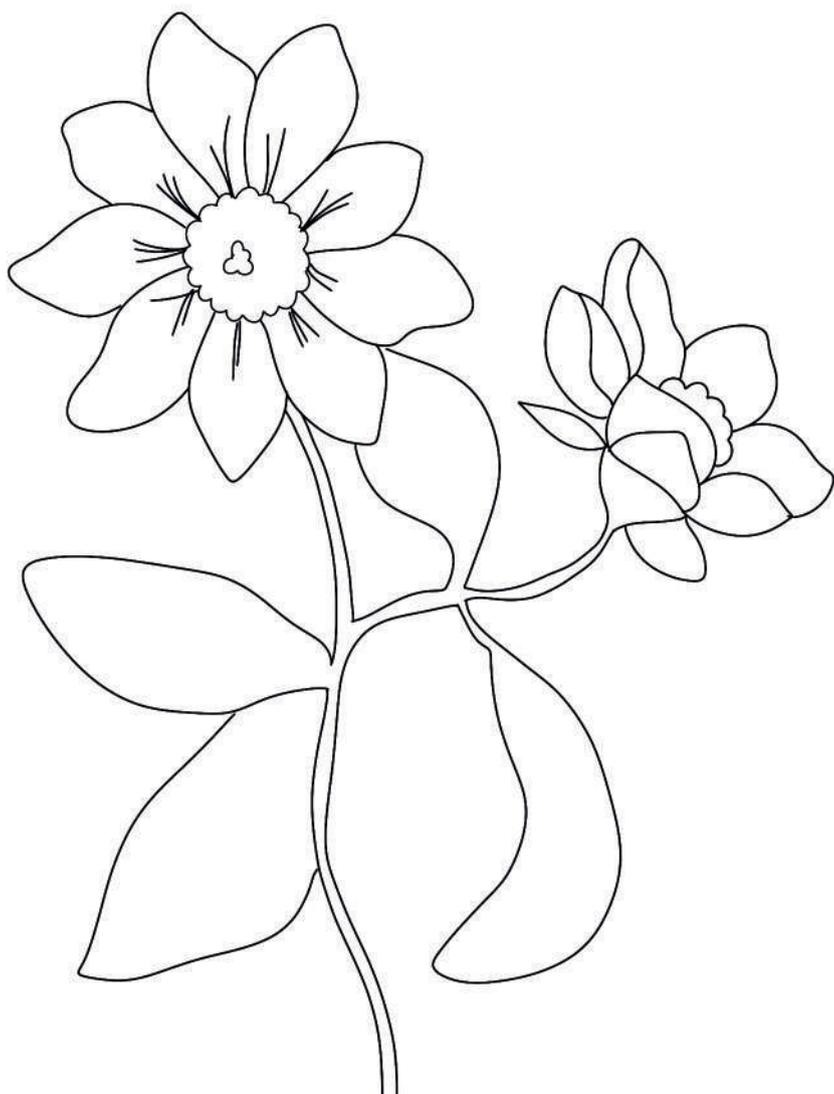
Natalia decidiu, então, apostar na radicalidade proposta pelos estudos que vinha fazendo. “É ir até a raiz, não um radicalismo de sair quebrando tudo sem estratégia, sem tática, sem política”, ela afirma, fazendo questão de pontuar que o conceito pouco tem a ver com a ideia atrelada ao termo pelo senso-comum.



*“Se joga, lhe deixa
Com força, carinho, amor e suor
Se encontra, se ajeita
Que a vida ainda vai te dar o melhor”
Canção “Seja o Que Quiser”, de Majur.*

ATO 3

PARTIDA



Capítulo 10

C.A.V.A.L.O

Foi durante o período de eleições, em 2018, que Natalia se aproximou do veganismo, mais precisamente o veganismo popular. Esse é um movimento que tem como proposta ir além dos hábitos pessoais de consumo e promover uma luta contra todo tipo de opressão, inclusive dos seres humanos¹⁹. Um dos objetivos centrais é tornar produtos de qualidade e sem exploração animal acessíveis a pessoas de todas as regiões e contextos sociais.

A mudança no consumo do dia a dia – que exclui basicamente produtos de origem animal, testados em animais ou que tenham tido denúncias de exploração do trabalho em sua linha de produção – entra como uma forma de colocar as ideias do veganismo popular em prática, testando alternativas para que elas possam ir ganhando escala a nível populacional.

Para Natalia, em particular, o processo de transição de hábitos foi relativamente simples. Segundo o pai, a filha mais velha nunca gostou muito de carne. “Quando ela era criança e na adolescência também, ela só comia carne moída. Bife e churrasco ela nunca comeu”, conta. Com a irmã, o processo foi bem parecido. Ambas aderiram ao veganismo em 2019.

Dirlene conta que ficou surpresa quando Natalia trouxe fatos políticos para justificar sua adesão ao veganismo. “Eu jamais imaginaria que a pessoa às vezes mudaria a vida, no caso dela alimentar,

19. Fonte: <https://elastica.abril.com.br/especiais/veganismo-para-todes/>

por questões políticas”, afirma Dirlene. Ela lembra que a filha dizia que era importante acelerar seu processo de transição alimentar por conta dos agrotóxicos liberados pela gestão de Jair Bolsonaro.

Os 475 pesticidas aprovados em 2019 chamaram atenção pelo nível de toxicidade. Dentre eles, um em cada cinco foram classificados pela Anvisa como extremamente tóxicos²⁰. Vale lembrar que esse é um processo que não começou e nem parou naquele ano. O Brasil vem batendo recordes de defensivos liberados desde 2016.²¹

Assim como a mãe de Natalia, a nutricionista Juliana Gouveia diz que por muitos anos não conseguiu enxergar as relações que existiam entre alimentação e política. “Eu achava que era coisa chata, que político era ladrão, sabe aquelas coisas bem clichê? Porque, basicamente, foi o que eu cresci ouvindo”, comenta.

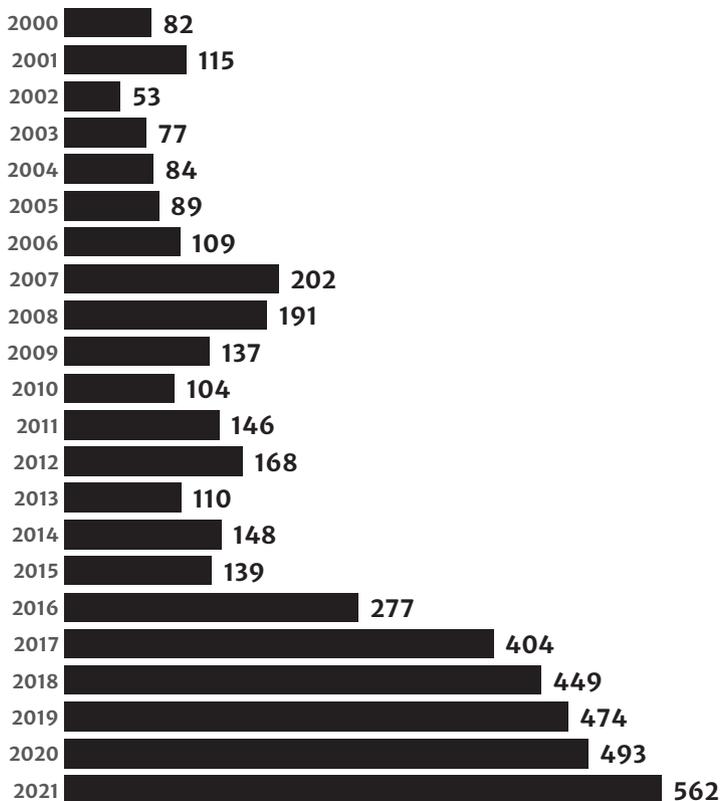
Primeira da família a cursar o Ensino Superior, Juliana se formou em Nutrição na Faculdade de Saúde Pública (FSP) da USP no ano de 2008. Ela era do período noturno e afirma não ter se engajado em mobilizações estudantis ou atividades extracurriculares, tanto por falta de interesse, quanto por uma questão de disponibilidade, já que estagiou ao longo de quase todo o curso.

A nutricionista é a irmã mais velha de um grupo de três filhos. Durante sua infância e adolescência,

20. Fonte: <https://reporterbrasil.org.br/2020/01/20-agrotoxicos-liberados-em-2019-sao-extremamente-toxicos/>

21. Fonte: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2022/01/18/apos-novo-recorde-brasil-encerra-2021-com-562-agrotoxicos-liberados-sendo-33-ineditos.ghtml>

REGISTRO DE AGROTÓXICOS NO BRASIL



50

Fonte: Ministério da Agricultura

o pai foi comerciante e a mãe, dona de casa. Juliana cursou o Ensino Médio em uma escola particular de bairro, na região de Interlagos, zona sul de São Paulo, e fez um ano de cursinho para entrar na universidade pública.

Hoje, com 37 anos, Juliana vive na companhia de sua esposa – a educadora, multiartista e jornalista Danielle Bambace – e seis gatas em um apartamento no bairro de Santa Cecília, em São Paulo. Ela comenta que começou a se abrir para questões políticas em 2010, quando realizou uma residência multiprofissional em Saúde da Família, seu primeiro contato profissional com o Sistema Único de Saúde (SUS).

“[O contato com a política] foi a partir de relações próximas minhas, de colegas muito queridos de trabalho, principalmente”, afirma Juliana. Ela diz que, a partir daquela experiência, desenvolveu um olhar mais sistêmico sobre sua atuação como nutricionista e passou a compreender relações políticas que envolvem a oferta de serviços públicos. “O próprio Sistema Único de Saúde está aí porque a população reivindicou”, ela lembra.

Juliana já havia se tornado vegana e estava começando a se aproximar da militância quando foi com Danielle a um jantar promovido pelo chef de cozinha Ruan Félix, em São Paulo. As duas admiravam o trabalho do carioca, que cresceu na comunidade da Vila São Miguel e ficou conhecido por seus pratos vegetais com ingredientes acessíveis.

O casal ficou sabendo do evento pelo Instagram e acabou escolhendo uma mesa compartilhada, na qual Natalia também havia reservado um lugar.

As três nem imaginavam que seus caminhos voltariam a se cruzar pouco tempo depois, na militância.

Natalia se aproximou do Coletivo Anticapitalista por um Veganismo Acessível e Livre de Opressão (C.A.V.A.L.O.) por curiosidade. “Quando eu comecei a militar, eu entrava em tudo ao mesmo tempo, e o veganismo foi uma das coisas que eu continuei, porque realmente ainda é pouco discutido na esquerda radical”, conta. O coletivo havia sido formado há apenas alguns meses, em São Paulo, e Juliana era uma das fundadoras.

O C.A.V.A.L.O. é um dos 27 braços regionais da União Vegana de Ativismo (U.V.A.). Com a proposta de se organizar nacionalmente, o movimento traçou suas diretrizes em junho de 2019, após um encontro realizado em Recife, que reuniu dissidentes da União Brasileira de Veganismo (UBV) e novos militantes. A ideia era se distanciar do chamado “veganismo de mercado” para passar a atuar de forma menos ligada à indústria e mais voltada ao combate às diversas formas de opressão, incluindo racismo, misoginia, LGBTfobia e exploração dos trabalhadores.

O coletivo paulistano ainda não possui sede, então acaba se organizando mais de forma online. Os comunicados são feitos por meio de dois grupos de WhatsApp. Um deles reúne todas as pessoas que já entraram em contato e participaram da reunião de boas-vindas, na qual membros do coletivo apresentam a proposta do movimento, suas ações e ideias de projetos futuros. Este grupo contava com 37 membros em abril de 2022, segundo Juliana. O outro, com 17 pessoas no período consultado, é dedicado aos membros ativos, que se colocam como disponíveis para participar de reuniões e atividades.

Com apenas 3 anos de existência, o C.A.V.A.L.O. deu seus primeiros passos já em meio à pandemia de coronavírus e, desde então, tem realizado algumas ações a partir do contato com outros movimentos. Entre elas, estiveram a distribuição de marmitas a pessoas em situação de rua, em parceria com o coletivo Antar Vegan, no final de 2020, e a Caminhada pelo Dia Mundial do Veganismo, que aconteceu na região de Perus por iniciativa do projeto A Voz dos Inocentes, que tem como objetivo trazer o veganismo para a periferia da zona noroeste de São Paulo.

Desde 2021, o coletivo também promove encontros online para leituras conjuntas de textos que se relacionam com o veganismo popular. As reuniões são abertas para o público geral, não requerem nenhum contato prévio com o assunto e são sempre divulgadas pela página do movimento no Instagram.

Capítulo 11

Subverta

Ainda em 2019, quando passaram a fazer parte do C.A.V.A.L.O., Natalia e Juliana se encontraram em mais um movimento, o Subverta. O coletivo faz parte do PSOL e tem células espalhadas por várias regiões do país.

Quando Natalia já estava integrada ao movimento, Juliana iniciou seu período de formação para se tornar uma militante. A partir do interesse pelas pautas do veganismo popular, ambas acabaram se engajando na setorial de libertação animal do coletivo.

O trabalho da setorial e do C.A.V.A.L.O. acabam se cruzando, de acordo com Juliana. “Hoje em dia

tem muita gente na setorial de libertação animal do Subverta que está no C.A.V.A.L.O.”, afirma.

Os coletivos possuem atuações bastante parecidas. O Subverta, por exemplo, é uma organização ecossocialista. Dessa forma, assim como o C.A.V.A.L.O., que defende o veganismo popular, o coletivo ligado ao PSOL também assume como horizonte uma sociedade livre de qualquer tipo de opressão, ainda que nem todos os seus militantes sejam veganos.

Outra característica que aproxima os coletivos é que o Subverta não se limita às atividades internas do partido. Um dos pontos centrais da atuação dos militantes é o chamado trabalho de base, que consiste em fazer uso das ideias defendidas pelo movimento para dar suporte à população no dia a dia.

Entre as ações externas, estão o apoio à criação de cozinhas e hortas comunitárias, assim como o projeto “Banquinha Popular”, com militantes indo às ruas para conversar com a população e convidar os passantes para atos como o 8M, do Dia Internacional de Luta das Mulheres, e a Marcha da Consciência Negra de São Paulo.

Fernanda Veraldo era vegetariana quando se filiou ao PSOL e passou a integrar o Subverta, no final de 2019, mas acabou se aproximando do veganismo após trocar figurinhas com Natalia. Sobre ter o ecossocialismo como base estruturante do movimento, ela comenta: “essa síntese permite entender que a gente precisa começar a lutar contra as opressões e pelo planeta que a gente vive agora, para ir, inclusive, construindo condições para a revolução que a gente quer fazer”.

Fernanda tem 30 anos e é formada em Engenharia Ambiental e Urbana pela Universidade Federal do ABC (UFABC). Ela planejava se engajar

politicamente por meio do ativismo socioambiental quando conheceu o ecossocialismo. O primeiro contato veio por meio do trabalho de Sabrina Fernandes, e a radicalização de seu pensamento ocorreu durante as eleições de 2018, de uma forma bastante parecida com a trajetória de Natalia.

“Fui entrando em contato com ideias marxistas e indo mais à esquerda. Aí eu também comecei a perceber que a galera que era ativista ambiental ou socioambiental tinha algumas visões muito limitadas sobre como o sistema capitalista contribui com a destruição do planeta”, ela relembra. Ao ir em busca de um coletivo ecossocialista para dar início à sua militância, Fernanda encontrou o Subverta.

No coletivo, Fernanda se tornou amiga de Natalia e acompanhou de perto sua evolução dentro da militância. Por conta do seu comprometimento no Subverta, Natalia foi escolhida pelos colegas de partido para integrar a candidatura à coverança em São Paulo, nas eleições municipais de 2020.

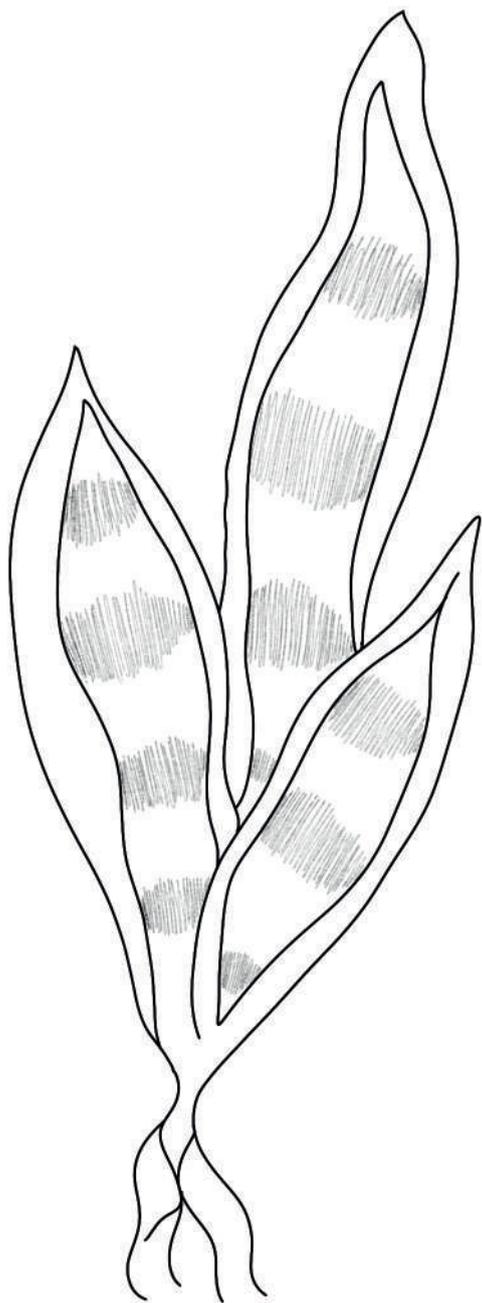
Beatriz Blanco, hoje assessora e um dos principais pontos de apoio de Natalia na Bancada Feminista, conta que uma qualidade da amiga que chama muita atenção dentro da militância é sua escuta paciente. “Ela ouve muito. Sempre espera a pessoa realmente concluir todo o raciocínio para fazer alguma intervenção”, conta a assessora.

Ainda segundo ela, o fato de Natalia ser uma mulher negra criada na periferia também foi importante para a escolha dela como uma das indicações da corrente do PSOL para integrar a Bancada.

Beatriz conta que, no coletivo, predominam pessoas brancas e de classe média, sendo que nos primeiros anos, esse perfil chegava quase à totalidade

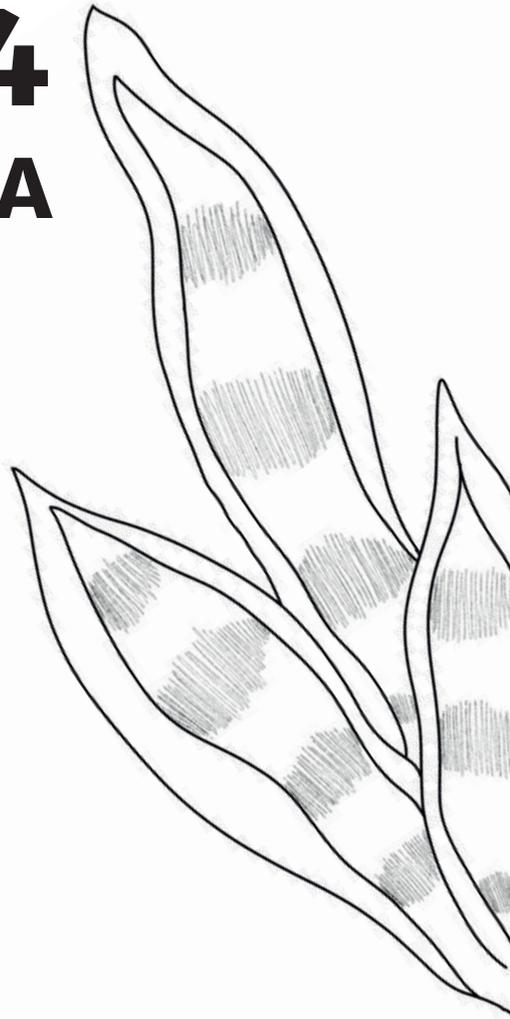
dos membros. Nesse cenário, a perspectiva de Natalia costumava despontar como uma contribuição importante para enriquecer os debates. “Algumas pessoas traziam uma perspectiva muito longe, tipo dos povos indígenas dos Andes. Ela traz essa coisa mais do dia a dia. O Bem Viver²² é também sobre as mulheres negras da periferia não passarem 3 horas por dia no ônibus”, explica a assessora.

22. O Bem Viver é uma filosofia de povos originários, marginalizados e periféricos da América Latina. Segundo Alberto Acosta, autor de “Bem Viver: Uma oportunidade de imaginar outros mundos”, lançado no Brasil pela Editora Elefante em 2016, o conceito pode ser definido como: “a vida de um ser humano em harmonia consigo mesmo, com o outro e com a natureza”. Fonte: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2018/11/26/o-bem-viver-alternativas-indigenas-para-se-pensar-a-vida-em-comunidade/#:~:text=O%20Bem%20Viver%20%C3%A9%20a,uma%20chave%20fundamental%3A%20a%20comunidade.>



ATO 4

CORRIDA



*“O equilíbrio é uma busca, se alimente do que não te ofusca
A energia que irradia e ilustra as canções, as coisas
peculiares e brutas presentes nos animais e nas frutas
Distinguir os podres, dos trutas e só”
Canção “Me Diga”, de Tássia Reis.*

Capítulo 12

Bancada Feminista do PSOL

Durante os primeiros meses de 2020, Natalia colocou na balança a vontade de se dedicar mais à política e o desafio de se tornar uma figura pública, que estaria em evidência naquele ano como concorrente à Câmara de Vereadores. O fato de ter outras candidatas ao seu lado foi o que deu segurança para que a jovem aprovasse a ideia. “Quando surgiu a indicação, eu aceitei muito nessa coisa de ‘Ah, é uma tarefa da militância que eu não vou cumprir sozinha, né? Vou cumprir coletivamente’”, ela lembra.

Também havia um descontentamento com o trabalho. “Amo ser tradutora e revisora, mas eu estava um pouco cansada dessa coisa de trabalho em excesso, só por lucro, para empresas duvidosas”, conta Natalia.

60

A militante do PSOL estava trabalhando na mesma empresa que Adriana, sua amiga de faculdade, quando resolveu aceitar o convite para concorrer à coverença na cidade de São Paulo, pela Bancada Feminista de seu partido. Ao todo, já se somavam cinco anos de convivência profissional entre as amigas, que começaram a atuar juntas ainda no período de estágio.

Adriana conta que, como tradutora, Natalia seguia a mesma linha dos estudos: era muito dedicada, atenta aos prazos e não costumava ficar de bate-papo. Segundo ela, a convivência era ótima, mas o fato de Natalia ser muito reservada acabou complicando

as coisas em algum momento. “Às vezes ela esperava estourar alguma coisa, tipo estar extremamente sobrecarregada, para pedir ajuda”, afirma Adriana.

Os últimos meses de Natalia na empresa foram intensos. Ela precisava dar conta do trabalho, com intersecções entre várias áreas da empresa, e os compromissos do partido. Sobre a percepção de que a militância havia se tornado uma prioridade em sua vida, a atual vereadora conta que “militando sempre vai ter alguma tarefa no final de semana, então a questão da rotina mudou bastante. E mesmo durante a semana, de fazer reunião da militância no ônibus, durante o almoço”.

A ideia do PSOL era de apostar em um novo formato de candidatura, baseado no conceito de mandato coletivo. De acordo com o estudo “Mandatos coletivos e compartilhados - Desafios e possibilidades para a representação legislativa no século XXI”²³, nessas candidaturas, “o representante eleito se compromete a dividir o poder com um grupo de cidadãos”. Como o modelo ainda não é previsto na lei, ele depende de um acordo informal entre os integrantes.

A Bancada Feminista foi lançada com cinco vereadoras. Além de Natalia, compuseram a chapa Paula Nunes, advogada criminalista e ativista do movimento negro; Carolina Iara, cientista social e ativista em direitos sociais e humanos a partir de sua vivência como mulher intersexo e travesti; Dafne Sena, militante ecossocialista; e Silvia Ferraro, professora de história da rede municipal da capital paulista, que foi escolhida para ser a representante da chapa.

23. Fonte: https://www.raps.org.br/2020/wp-content/uploads/2019/11/mandatos_v5.pdf

As propostas da Bancada foram formuladas a partir de oito plenárias, abertas à população, que reuniram cerca de 1060 pessoas ao todo, segundo a comunicação da chapa²⁴. Dentre os quase 300 pontos listados durante os encontros, estavam o estímulo e subsídios para a agricultura familiar, testes gratuitos da Covid-19 na saúde pública municipal e um plano de combate ao feminicídio e à violência doméstica.

Em novembro de 2020, a Bancada Feminista do PSOL foi eleita como a 7ª candidatura mais votada para a Câmara Municipal de São Paulo, com um total de 46.267 votos. Foi a primeira vez que a Câmara recebeu mandatos coletivos.

Além da Bancada Feminista, também foi eleito naquele ano o Quilombo Periférico, representado nas urnas pela geógrafa e articuladora cultural Elaine Mineiro. A covereança, também do PSOL, contava com mais cinco pessoas: Débora Dias, militante da UNEafro Brasil; Samara Sosthenes, travesti militante do movimento negro, de mulheres e LGBTQIAPN+; Júlio César de Andrade, assistente social; Erick Ovelha, jornalista, educador físico e militante do Movimento Negro Unificado (MNU); e Alex Barcellos, articulador cultural.

Naquele ano, o número de mandatos coletivos apresentou um salto significativo ao redor do país. Segundo levantamento do Centro de Política e Economia do Setor Público (Cepesp) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), o número total desse tipo de candidatura passou de 13 registros em 2016 para 257 em 2020²⁵.

24. Fonte: <https://bancadafeministapsol.com.br/propostas/>

25. Fonte: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2020/noticia/2020/11/16/pela-1a-vez-camara-de-sao-paulo-tera-mandatos-coletivos.ghml>

Capítulo 13

Câmara Municipal de São Paulo

Durante a campanha, Natalia estava morando em um apartamento com os pais e a irmã em Guarulhos. A família havia colocado a antiga casa para alugar e entrado com um financiamento no novo imóvel.

Quando a filha mais velha foi eleita, optou por ir morar sozinha em um apartamento do tipo studio na região central de São Paulo. “Não faria sentido eu continuar morando em outra cidade. Nem tanto por causa da distância. Foi mais porque eu tinha que viver na cidade onde eu seria covereadora”, ela explica.

Mesmo de longe, Natalia continuou contando com o apoio da família. “Minha preocupação foi mais pela parte da segurança dela. Tenho até hoje essa preocupação, mas eu apoiei, né? Foi o que ela quis. Não sei se é isso que ela quer para a vida toda, mas estamos aí”, afirma Dirlene. A mãe passou a visitá-la sempre que tem um tempo livre e diz falar com a filha todos os dias por telefone. Segundo ela, o ponto principal das conversas é se certificar de que Natalia está se alimentando bem, em meio à correria da agenda.

Natalia não tem muitos compromissos fixos, mas o volume de tarefas é grande. Quando não tem nenhum evento externo na parte da manhã, a covereadora costuma acordar às 8h. “Às vezes tem reunião às 9:00, aí é o tempo só de tomar café, mas eu tenho o péssimo hábito de olhar o celular.

Eu nem saio da cama e já olho, então se tem alguma coisa muito urgente, acabo respondendo durante o café também”, ela confessa.

Os dias na Câmara são os menos frequentes. Natália prefere trabalhar de forma remota. Independente de onde esteja, a covereadora conta que suas segundas-feiras são sempre tomadas por reuniões de planejamento. Os demais dias úteis também costumam ter algum encontro fixo, mas grande parte do expediente fica flexível para alocar tarefas do mandato.

A militância quase sempre toma a parte da noite, com reuniões que costumam ir até as 22h. Nos finais de semana, elas ocorrem com uma frequência média de duas vezes ao mês. Nesses dias, há também as visitas aos territórios – denominação que costumam usar para subdivisões da cidade. Esses encontros ajudam a promover um contato mais direto com as demandas da população.

Beatriz, que saiu do emprego como cozinheira de um restaurante vegano para assumir o cargo de assessora da Bancada, diz que ganhou mais tempo para se dedicar à militância, mas também viu algumas demandas se multiplicarem.

64

Ao todo, o gabinete conta com 13 funcionários listados como assessores. Essa denominação abarca várias funções bastante distintas. Alguns, como Beatriz, ficam responsáveis por compor comissões parlamentares e participar de reuniões com representantes de movimentos sociais, outros ficam a cargo de denunciar irregularidades jurídicas identificadas pelo mandato. Há também aqueles que cuidam da comunicação, outros do administrativo, entre outras funções.

Formalmente, as quatro covereadoras que compartilham as decisões do cargo com a representante

oficial, Silvia Ferraro, assumem cargos de coordenadoras especiais. No total, o mandato possui 20 servidores registrados pela Câmara²⁶.

Na prática, o trabalho é dividido por áreas de especialidade. Por ser a representante oficial, Silvia precisa ter uma visão geral de todas as frentes, além de cuidar pessoalmente das demandas ligadas à educação. Paula assume com mais frequência as questões referentes a violência contra a mulher e contra a juventude negra. Carolina Iara fica à frente das demandas da área da saúde e das políticas para a população LGBTQIAPN+. Dafne é a referência principal quando o assunto é política urbana e Natalia, quando a pauta é ligada ao setor ambiental. Outras frentes, como a cultura, têm as pautas distribuídas conforme a disponibilidade das covereadoras no momento.

Beatriz comenta que obter sucesso na aprovação de projetos de lei formulados pelo PSOL tem sido um trabalho árduo e que exige concessões. São seis representantes oficiais do partido na Câmara Municipal de São Paulo que conta, hoje, com 55 vereadores. A assessora considera os vereadores do PT como aliados de oposição, mas ainda assim, o cenário está longe de ser favorável.

No final das contas, é preciso buscar apoio da base do governo. “A gente precisa pensar dentro da cabeça deles. ‘Se eu fosse um fundamentalista religioso, o que eu ia deixar o pessoal da esquerda aprovar?’”, afirma Beatriz.

Segundo ela, não é possível ser muito radical

26. Fonte: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/static/transparencia/funcionarios/CMSP-Funcionarios.pdf>

Composição da Câmara de Vereadores de São Paulo (2020)

PT 8		PSDB 8			
PSOL 6	REPUBLICANOS 4		PODEMOS 3		
	PSD 3	MDB 3		PATRIOTA 3	
DEM 6	NOVO 2		PL 2	PP 1	PV 1
	PSB 2	PSL 1		PSC 1	PTB 1

ou propor algo que precise de um grande orçamento. Acrescenta ainda que pautas ligadas ao direito ao aborto ou que tratem de questões de saúde sensíveis à população LGBTQIAPN+, por exemplo, não costumam ser bem recebidas. A assessora explica que, no cenário atual, temas como esses são trazidas pelo partido como uma forma de demarcar um posicionamento diante dos eleitores, mas sem grandes esperanças de avanço concreto.

Sobre a convivência dentro da Câmara, Beatriz, que tem 27 anos, compartilha a percepção de que a média baixa de idade dos integrantes da Bancada acaba sendo usada como justificativa para uma espécie de descrédito por parte de alguns parlamentares. “A gente sente que tem essa questão do etarismo, de ‘vocês são muito crianças para fazerem isso’. Muitos vereadores consideram só a Silvia como importante”, ela declara.

Ainda que sejam minoria e tenham dificuldade para aprovar projetos ambiciosos, as integrantes da Bancada acreditam que ocupar o espaço como oposição é relevante. “Acho que o papel do PSOL dentro da institucionalidade é muito importante no sentido da denúncia, de não deixar o trator sair passando sem ninguém ver”, diz Beatriz.

Na visão de Natalia, a própria eleição da Bancada Feminista foi um sinal de avanço. “A gente teve muito mais votos do que a gente esperava. Chegou em muita gente de fora da militância”. Para ela, a proposta de um mandato coletivo, trazendo pautas que estão longe de serem consenso entre a população geral, é importante para estimular o debate.

As integrantes do mandato buscam valorizar as pequenas vitórias. Destacam, como exemplo,

a Lei 17.579²⁷, proposta pela Bancada e aprovada pela Prefeitura em julho de 2021, que visa agilizar o acolhimento emergencial e a concessão de auxílio-aluguel para mulheres em situação de violência doméstica e familiar²⁸.

Beatriz também fala de resultados menos tangíveis, que aparecem nas relações construídas por meio do contato com a população, e relembra detalhes que foram significativos para ela: “O pessoal chama a gente para festas de fim de ano. Falam ‘ah, vocês são as únicas vereadoras que a gente confia em chamar’”, exemplifica.

Outra conquista foi a aprovação da entrega de uma Salva de Prata para a Marcha das Mulheres Negras de São Paulo. A homenagem, que tem como intuito reconhecer pessoas e instituições por irem além de suas funções primárias e contribuir significativamente com o avanço da cidade, é feita por meio de decreto legislativo, aprovado por ao menos dois terços dos vereadores.

Capítulo 14

Marcha das Mulheres Negras de São Paulo

Na quinta-feira do dia 24 de março de 2022, Natalia e outras representantes da Bancada Feminista

27. Fonte: <https://app-plpconsulta-prd.azurewebsites.net/Forms/MostrarArquivo?ID=9160&TipArq=1>

28. Fonte: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/agosto-lilas-conscientiza-a-populacao-sobre-o-enfrentamento-a-violencia-domestica-contra-a-mulher/>

estiveram das 11h às 13h em uma manifestação que acontecia na frente do Edifício Matarazzo, sede da Prefeitura de São Paulo.

O “Ato pelas Vidas Perdidas por Covid” foi promovido pela Coalizão Pela Vida, que reúne movimentos sociais, organizações não governamentais, grupos de pesquisadores e cidadãos preocupados com as atitudes do poder público no combate à pandemia.

A manifestação teve o intuito de homenagear as mais de 650 mil vítimas fatais da Covid-19 no Brasil, cobrar da Câmara Municipal de São Paulo urgência na votação do PL 692/2021 e o apoio do prefeito Ricardo Nunes ao projeto, além de entregar o quinto pedido de audiência e um documento com propostas para a gestão municipal combater as desigualdades da pandemia.

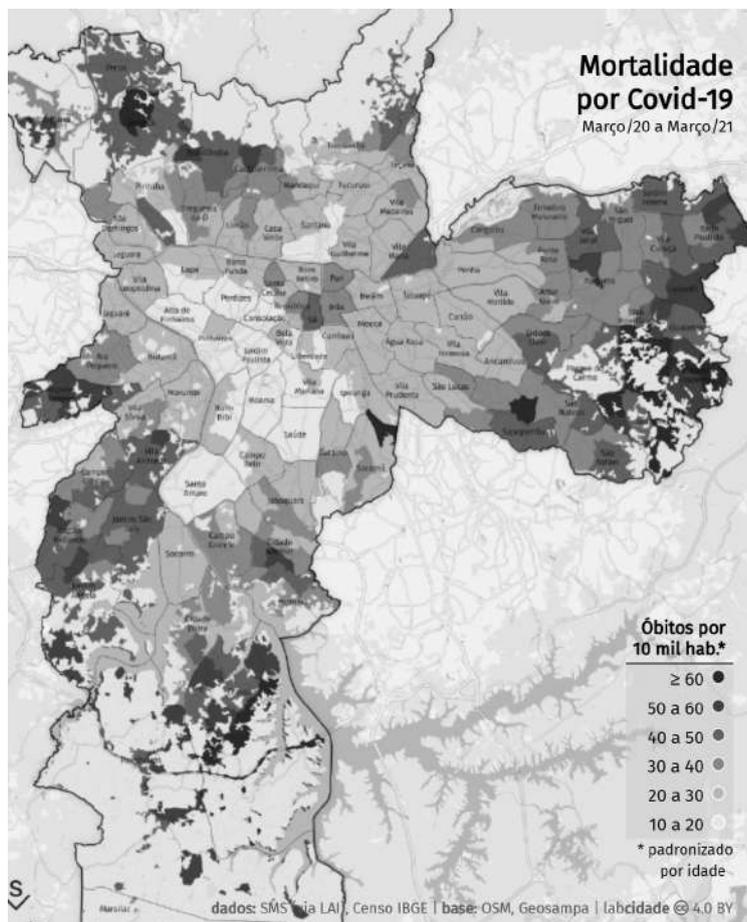
O PL institui um Programa Municipal de Proteção da População contra a Covid-19 e foi elaborado pela Coalizão pela Vida. Em 07 de outubro de 2021, o documento foi protocolado na Câmara sob autoria de quarto vereadores do PT e quatro do PSOL, incluindo Eduardo Suplicy (PT) e Silvia da Bancada Feminista (PSOL). O Projeto, encaminhado ao relator Rubinho Nunes (PSL) em 24 de novembro de 2021, permanecia sem o parecer do vereador quando as apurações para este livro foram concluídas, mais de seis meses depois²⁹.

Nas grades de ferro que bloqueavam a entrada da sede da Prefeitura, os manifestantes amarraram um cartaz com o mapa “Óbitos por Covid-19

29. Fonte: https://splegisconsulta.saopaulo.sp.leg.br/Pesquisa/DetailsDetalhado?COD_MTRA_LEGL=1&ANO_PCSS_CMSP=2021&COD_PCSS_CMS-P=692&COD_MTRA_LEGL=1&ANO_PCSS_CMSP=2021&COD_PCSS_CMSP=692

Mortalidade por Covid-19

Março/20 a Março/21



70

Fonte: LabCidade - Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade

na cidade de São Paulo”, produzido pelo Laboratório Espaço Público e Direito à Cidade (Labcidade) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da USP. O mapa mostra o número de pessoas que faleceram por conta da doença em cada região da cidade e evidencia o impacto maior que a pandemia tem tido nas regiões periféricas.

Em volta do mapa, foram dispostas nas grades e no chão 65 rosas, cada uma representando 10 mil mortos em decorrência da doença no Brasil. O total de 650 mil óbitos foi o registrado até aquele mês de março, segundo dados do consórcio de veículos de imprensa formado por Estadão, G1, O Globo, Extra, Folha e UOL em parceria com 27 secretarias estaduais de Saúde.

Saindo do ato, Natalia foi almoçar em um restaurante árabe no estilo self-service que fica em frente à Câmara Municipal. Com ela, estavam Simone Nascimento, jornalista e militante do MNU, e Mariana Souza, educadora, socióloga e militante do Subverta. As duas acabavam de lançar uma pré-candidatura para levar o projeto da Bancada à Alesp (Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo) em 2022. Também faziam parte da chapa as então covereadoras Carolina Iara e Paula Nunes.

Durante o almoço, as conversas giraram em torno de hábitos alimentares e dos preparativos para a entrega da Salva de Prata à Marcha das Mulheres Negras de São Paulo, que ocorreria naquela noite. Natalia comentou que estava responsável por receber e pagar pelas flores que seriam entregues por ela às representantes do movimento.

Em meio a um bate-papo sobre receitas de origem árabe e alimentação à base de vegetais,

a covereadora elogiou a diversidade de grãos disponíveis no restaurante. “Proteína não faltou no meu prato”, comentou Natalia. Em seguida, confessou não ter uma alimentação tão variada em casa, por não conseguir cozinhar com muita frequência.

Simone, então, deu a dica: “Dá preguiça de fazer tantas coisas, mas posso te falar uma coisa que estou fazendo? Legumes de forno. Coloco um monte de coisa diferente: abóbora, abobrinha, berinjela, batata doce, batata portuguesa, cenoura, cebola, cabeça de alho...”. A jornalista conta que, assim, garante que terá uma boa variedade de nutrientes no prato por pelo menos três dias.

Cada refeição no restaurante por quilo custou uma média de R\$25, com bebida. Às 14h, o grupo chegou ao gabinete na Câmara Municipal para seguir com as demandas do dia, incluindo os preparativos para a cerimônia de entrega da Salva de Prata, marcada para as 19h.

Ao lado da porta do gabinete há panfletos e adesivos colados na parede do corredor, demarcando posicionamentos da bancada. Um deles traz “Sampaprev 2 não. Não tem arrego”, contra o projeto de reforma da previdência dos servidores públicos municipais do prefeito Ricardo Nunes, aprovado em novembro de 2021. Em outro, há as palavras de ordem “Fora Bolsonaro”.

Logo na entrada do gabinete, um vaso com uma planta espada-de-são-jorge serve de peso de porta. O espaço é composto por uma área central com computadores de mesa, onde costumam ficar os assessores, uma pequena área de convivência – com um sofá, uma estante de livros, um anteparo com copos e xícaras, e um filtro de água –, uma copa e três salas.

As janelas amplas vão do chão até o teto e ficam voltadas para o Terminal Bandeira, vizinho ao metrô Anhangabaú. Elas contornam o ambiente em formato de “L” e garantem bastante luz natural para todo o gabinete.

Enquanto a covereadora Paula Nunes usava a sala individual para gravar uma entrevista em vídeo, três assessores e duas estagiárias resolviam questões administrativas na área central, onde ficam quatro computadores de mesa. Cauê, assessor e motorista, aguardava o próximo compromisso sentado no sofá ao lado.

Na sala de tamanho médio, com mesas de escritório reunidas, formando uma estação de trabalho compartilhada, Natalia checava as mensagens das dezenas de grupos de WhatsApp que tem em seu celular para manter contato com movimentos sociais e organizar grupos de trabalho. Ao lado da covereadora, Mariana e Simone verificavam as demandas para o evento daquele dia.

Por volta das 16h, o responsável pelo cerimonial da Câmara ligou para o gabinete. Uma das assessoras passou a ligação para Simone, responsável por apresentar a cerimônia.

A jornalista, surpresa com as notícias que recebeu, veio repassar o comunicado aos colegas assim que desligou o telefone. “Vão vir autoridades na Salva de Prata. E falaram assim: ‘você da Bancada Feminista têm uma coisa de tratar todas iguais, né? Mas a presidente da Bancada Feminista tem que estar sentada ao meio e as autoridades em um lugar de prestígio, que as nossas duas assessoras vão mostrar para vocês’”, contou Simone. Ela disse ter respondido o seguinte para o cerimonialista: “então você avise

a elas [assessoras do cerimonial] que elas vão falar com os nossos assessores e os nossos assessores vão conduzir as pessoas”.

Ela continuou contando que o cerimonialista havia notado uma adaptação que fizeram no roteiro da Câmara para o evento. Era a parte em que deveriam agradecer a Deus e que a Bancada havia alterado para agradecimentos a Deus e aos orixás. Segundo o cerimonialista, isso não seria permitido pelo regimento da Casa. Sobre esse ponto, Simone disse aos colegas que não seguiria a orientação e eles apoiaram sua postura.

Por volta das 17h, a representante oficial da Bancada na Câmara chegou ao gabinete. Silvia veio até a sala onde estavam Natalia, Mariana e Simone, cumprimentou a todos e logo foi comunicada das exigências do cerimonialista.

“Mas eu não posso falar a Deus e aos orixás?”, disse Silvia. “Ele falou só ‘a Deus’”, disse uma das assessoras. Simone, então, respondeu a Silvia: “A gente não vai fazer isso, mas eu estou contando para você”. Silvia concordou e concluiu: “Não vou falar só de Deus”.

74

Enquanto conversavam, Simone recebia novas orientações por e-mail. Uma das autoridades presentes seria Elisa Lucas Rodrigues, Secretária de Igualdade Racial da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC), que viria como representante do prefeito Ricardo Nunes. Ela deveria ocupar um dos seis lugares da mesa do salão nobre da Câmara, assim como Silvia e uma representante da Marcha. Demais autoridades presentes, como vereadores e secretários, teriam prioridade para ocupar os três lugares restantes.

Ao fazer as contas de quem estaria na mesa,

Simone percebeu que se mais alguma autoridade estivesse presente, a covereadora Paula Nunes perderia seu lugar. Como Simone queria garantir um lugar de destaque para Paula, a principal responsável pelas pautas do movimento negro dentro do mandato, disse que conversaria com vereadoras convidadas para que cedessem seus lugares, caso fosse preciso. “A [Erika] Hilton, a Elaine [Mineiro], essas autoridades abrem mão de ficarem na mesa”, disse Simone, pensando alto.

O e-mail também informava que não seria permitido utilizar a denominação covereadora para se referir às representantes da Bancada, uma vez que a Câmara não reconhece formalmente os mandatos coletivos. Silvia lembrou que essa questão, realmente, faz parte das regras e costuma ser cobrada em alguns eventos, mas disse que não estava esperando tanta formalidade para a entrega da Salva de Prata.

“Eu acho que é provocação à Bancada Feminista, porque o Ilú não foi assim”, disse Simone, lembrando da homenagem proposta pela vereadora Luana Alves (PSOL) ao Bloco Afro Ilú Obá De Min e que foi concedida pela Câmara em novembro de 2021.

Às 18h, as covereadoras presentes e os assessores da Bancada subiram para o andar de cima, com arranjos compostos por girassóis, rosas brancas e espadas-de-são-jorge. Era hora de preparar o Salão Nobre Presidente João Brasil Vita para a solenidade.

Já ocupavam o Salão as integrantes do Samba Negras em Marcha, grupo que trabalha no resgate da história e das composições de sambistas negras. Elas ensaiavam para a ocasião o samba-enredo apresentado pela Mangueira no carnaval de 2019 e que teve como premissa exaltar personagens

que fazem parte da História do Brasil e são pouco mencionados nos livros de história.

As nove mulheres vestiam branco e tons quentes, como laranja e amarelo, e entoavam os seguintes versos: “Brasil, o teu nome é Dandara e a tua cara é de cariri. Não veio do céu, nem das mãos de Isabel, a liberdade é um dragão no mar de Aracati. Salve os caboclos de julho, quem foi de aço nos anos de chumbo. Brasil, chegou a vez de ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês”.

Mariana rascunhava o discurso que faria na cerimônia quando confessou seu nervosismo a Natalia. Era a primeira vez que a educadora e militante do Subverta estaria representando a pré-candidatura da Bancada à Alesp em um evento solene, ainda que não pudesse fazer menção a isso segundo as regras da Câmara. Natalia, então, ajudou a parceira de militância na escolha das palavras que melhor traduziam seu pensamento para aquela ocasião. Em menos de dez minutos de conversa, Mariana disse estar satisfeita com o que tinha no bloco de notas do celular e voltou a conversar com as amigas de forma bem mais relaxada.

76

As assessoras do cerimonial chegaram cerca de meia hora depois dos integrantes da Bancada. A essa altura, os arranjos de flores já estavam posicionados e a mesa coberta por bandeiras que traziam símbolos da coalizão negra por direitos, do movimento LGBTQIAPN+ e do grupo mulheres de axé do Brasil, além do estandarte da Marcha das Mulheres Negras 2015, com os dizeres: “nossos passos vêm de longe. Uma sobe e puxa a outra”.

Uma bandeira com “Fora Bolsonaro”, um feixe de cores do arco-íris e o emblema da Bancada

Feminista estava estendida sobre o púlpito. Uma das assessoras caminhava pelo espaço enquanto conversava com a vereadora Paula Nunes e a pré-candidata a codeputada Simone Nascimento. Foram mais de duas horas de preparativos em conjunto e alguma deliberação até que a cerimônia tivesse início sem que nenhum dos elementos tivessem sido tirados de cena.

Às 19h42, Simone deu início à cerimônia. Compuseram a mesa Silvia Ferraro e Paula Nunes, da Bancada Feminista, as vereadoras do PSOL Elaine do Quilombo Periférico e Luana Alves, o vereador Eduardo Suplicy, do PT e a Secretária Elisa Rodrigues, representando a Prefeitura de São Paulo. Para além do número de lugares acordado inicialmente, também foram convidadas à mesa três representantes da Marcha das Mulheres Negras de São Paulo: Juliana Gonçalves, Maria José Menezes e Luciana Araújo.

Silvia abriu oficialmente a sessão com a fala: “sobre a proteção de Deus e de todos os orixás iniciamos nossos trabalhos” e o Salão foi inundado pelas vozes dos presentes em uma fusão sonora das interjeições “amém” e “axé”.

Ao longo do evento, representantes de diversos movimentos sociais saudaram a Marcha. Ressaltaram a história e importância do movimento para a organização política e social de mulheres negras, e frisaram que a iniciativa vai muito além dos preparativos para a passeata anual em 25 de julho, Dia da Mulher Negra Latino-americana e Caribenha.

“Desse coletivo saíram parlamentares, desse coletivo saíram assessoras parlamentares, desse coletivo saíram grandes profissionais, grandes mobilizadoras e articuladoras. Esse coletivo produziu livro, produziu cursos nos territórios. Esse coletivo não é só

Malunga, sister, irmã

No fundo do calumbé
nossas mãos ainda
espalmam cascalhos
nem ouro nem diamante
espalham enfeites
em nossos seios e dedos.

Tudo se foi
mas a cobra
deixa o seu rastro
nos caminhos aonde passa
e a lesma lenta
em seu passo-arrasto
larga uma gosma dourada
que brilha no sol.

Um dia antes
um dia avante
a dívida acumula
e fere o tempo tenso
da paciência gasta
de quem há muito espera.

78

As mulheres constroem
no tempo o lastro,
laços de esperanças
que amarram e sustentam
o mastro que passa
da vida em vida.

No fundo do calumbé
nossas mãos sempre e sempre
espalmam nossas outras mãos
moldando fortalezas e esperanças,
heranças nossas divididas com você:
malunga, sister, irmã.

um instrumento de organização e mobilização para o dia 25, é um instrumento e a forma de organização que mantém a todas nós de pé ao longo do ano”, declarou a covereadora Paula Nunes, que integra a Marcha desde 2016.

Hosana Meira, do Dandara - Movimento Antirracista, também falou sobre sua experiência como integrante da Marcha desde 2021: “é o movimento onde a gente busca igualdade, a gente luta, mas a gente não luta na sofrência, a gente luta com amparo, a gente luta com cuidado”. Para expressar o que sente em relação ao coletivo, Hosana leu uma adaptação que fez do texto “Malungo, brother, irmão” presente no livro “Poemas da recordação e outros movimentos”, de Conceição Evaristo.

A cientista social e militante passou os versos do poema para o feminino, assim como o título, que alterou para “Malunga, sister, irmã”.

Após as falas das autoridades e dos movimentos sociais presentes, a Salva de Prata entrou no Salão Nobre pelas mãos da mãe de santo Claudia Rosa de Oyá, acompanhada da covereadora Carolina Iara, enquanto o grupo de samba entoava: “tem perfume no ar, a pomba gira chegou. Que cheirinho gostoso que essa casa ficou”. Na sequência, a honraria foi entregue às representantes da Marcha por Paula Nunes, seguida de Silvia Ferraro.

Depois, as representantes da Marcha assumiram o espaço de fala. Luciana Araújo falou sobre como estava se sentindo naquele momento. “Eu trabalhei um tempo nesta Casa e sempre que eu entro neste lugar, meu ombro baixa. Quando você olha as homenagens ao escravismo colonial em todas as paredes... É a primeira vez que eu entro neste salão,

olho para este espaço e não me sinto transportada ao período da brutal violência que os nossos ancestrais passaram”, disse ela.

Para além da experiência pessoal, ela também quis pontuar o lema da Marcha: “nossos passos vêm de longe”, trazendo a atenção para a luta coletiva das mulheres negras brasileiras: “estamos sendo homenageadas aqui hoje por Marielle que tombou [...], porque Luiza Bairros, fundadora do MNU permitiu que nós estivéssemos aqui hoje [...], Lélia Gonzalez que teve, junto com Luiza, o mesmo papel na construção do feminismo negro [...], por Dandara, uma das inúmeras mulheres trans que são assassinadas todos os dias e que seguem fazendo em cada uma de nós brotar a força de Dandara de Palmares”.

Maria José Menezes lembrou da manifestação ocorrida na parte da manhã, que cobrava as autoridades sobre medidas de combate à pandemia. “A gente praticamente perdeu meio por cento da população em dois anos de covid e parcela importante, como a Luciana falou, da população negra morreu. [...] Nós vamos cobrar cada vez mais políticas públicas, mas sem a nossa presença nos espaços de mando não conseguiremos alcançar esses objetivos. Então, uma tarefa nossa é enegrecer cada vez mais os parlamentos do país”, disse ela.

Juliana Gonçalves, por sua vez, sintetizou o que a homenagem simboliza para o movimento. “É uma oportunidade de criar registro histórico dentro dessa cidade, do trabalho realizado de forma combativa pelas mulheres negras organizadas nesse coletivo”, afirmou.

Em seguida, saudou militantes e ativistas. “Nesta quinta-feira, que dentro da matriz africana

é consagrada aos caçadores – Oxossi, Otin, entre outros – eu espero que essa honraria seja uma flecha certa de afeto e chegue a toda mulher preta insubmissa que doa seu axé, sua energia vital, na construção coletiva”, disse Luciana.

De acordo com o Regimento Interno da Câmara, cada vereador tem direito a conceder oito honrarias por legislatura. A Salva de Prata à Marcha das Mulheres Negras de São Paulo foi a primeira entregue pela Bancada Feminista do PSOL.

Sobre a noite, Natalia afirma que apesar de ser um ato simbólico, a entrega da Salva de Prata foi um passo significativo. “Tem um valor simbólico muito forte. Acho que também ajuda a fortalecer os movimentos que vão fazer a diferença nas ruas, na política, porque é tudo muito duro. Acho que esses movimentos de ocupar a política com os nossos corpos, que são tão diferentes dos que construíram a lógica daquele lugar, são muito importantes”, afirma.

Capítulo 15

Fórum Verde Permanente e Frente Parlamentar

A Frente Parlamentar Ambientalista da Câmara Municipal de São Paulo é uma das principais linhas de atuação de Natalia no mandato. Composta por 24 vereadores, a Frente foi proposta por Silvia da Bancada Feminista e pensada em conjunto com militantes do Fórum Verde Permanente.

“Na carta de compromisso do Fórum, que a Bancada Feminista assinou, uma das coisas que a gente defendia era a formação de uma Frente Parlamentar Ambientalista Municipal – porque nacional e estadual já existia – e a Bancada foi que resolveu levar isso adiante”, explica Cláudia Martins, tradutora e militante ambientalista pelo Fórum Verde Permanente.

O Fórum é um coletivo suprapartidário, fundado durante a Semana Mundial do Meio Ambiente em junho de 2019 e que teve como motivação a resistência ao processo de privatização de parques da cidade de São Paulo, como o Ibirapuera.

Cláudia teve o primeiro contato com o grupo nesta época inicial, mas ainda não fazia parte da gestão. Ela lembra de participar de uma reunião que fizeram na Câmara Municipal para discutir as privatizações, com o apoio do então vereador Gilberto Natalini (PV).

Em março daquele ano, o governador João Dória (PSDB) havia concedido à Prefeitura da capital a parcela pertencente ao Estado do Parque do Ibirapuera³⁰. Desta forma, o caminho estava aberto para que o então prefeito Bruno Covas (PSDB) desse início ao processo de concessão do parque à iniciativa privada.

Apesar das manifestações contrárias de grupos da sociedade civil e de um pedido de suspensão por parte do Ministério Público Estadual – que alegou risco de danos ambientais, urbanísticos e sociais – a gestão da concessão no Parque Ibirapuera teve início em outubro de 2020, sob um contrato com vigência de 35 anos.

30. Fonte: <https://exame.com/brasil/doria-concede-area-estadual-do-parque-do-ibirapuera-a-prefeitura-de-sp/>

Apesar das batalhas perdidas, o Fórum Verde Permanente tem ganhado força. Em 2022, a coordenação conta com cerca de 15 membros, enquanto o grupo geral de WhatsApp tem aproximadamente 230 pessoas interessadas em atuar de forma mais localizada ou, pelo menos, acompanhar os passos do coletivo.

O primeiro contato do movimento com a Banca da ocorreu por meio de Natalia, que segue servindo como ponte entre os grupos. Cláudia tem uma relação próxima com a covereadora desde o seu início na militância do PSOL.

Claudia se filiou ao partido em 2005. Há três anos, passou a integrar a setorial ecossocialista, área que Natalia escolheu para iniciar sua atuação. Foi por meio dela que as duas militantes se conheceram.

As tradutoras trabalharam juntas no núcleo de comunicação. Claudia cuidava da conta do Facebook e Natalia ficava com os podcasts e auxílios pontuais do dia a dia.

“Eu gosto muito da Natália e estou dando essa entrevista porque tenho muita simpatia por ela, mas nós somos de correntes adversárias”, declara Claudia, que atua de forma independente dentro do partido, mas tem suas preferências ideológicas. Ela conta que, no final de 2020, houve um racha na coordenação da setorial ecossocialista. Por questões de divergência política, o grupo do qual Claudia fazia parte deixou de atuar na área. Após o ocorrido, Natalia acabou assumindo o posto mais importante da coordenação.

Apesar de defender uma linha divergente ao Subverta – coletivo do qual Natalia faz parte – Claudia afirma que nunca teve dificuldade em se comunicar com a atual covereadora. “Ela conseguiu levar isso

numa boa exatamente porque tem esse jeito amistoso de lidar com todo mundo. Muitas vezes eu tinha que conversar com o pessoal do lado oposto e eu procurava falar com a Natália”, conta.

Com a chegada da colega à Câmara, Cláudia soube que teria uma aliada para as pautas do Fórum Verde Permanente. Foi por meio dessa interlocução, que nasceu a Frente Parlamentar Ambientalista Municipal.

A reunião inaugural da Frente aconteceu em 07 de outubro de 2021 e, nela, os parlamentares discutiram as intenções para o trabalho que fariam a partir dali. Saíram deste primeiro encontro com o título da primeira reunião temática: “rios urbanos, crise hídrica e como isso afeta a cidade de São Paulo”.

Segundo Cláudia, o Fórum Verde Permanente costuma participar dos debates que ocorrem na Câmara, a convite de Natália. “Ela diz ‘olha nós vamos fazer aqui um debate sobre a água e nós gostaríamos que o Fórum Verde tivesse uma representação’. Eu já sei normalmente quem é que entende de qual assunto, né? Aí eu já entro em contato com essas pessoas”, explica Cláudia.

Este tem sido um espaço de discussão e abertura de pautas na Câmara Municipal, sem registro de conquistas institucionais até o momento. Ainda assim, o apoio da Bancada acaba ajudando a abrir caminho por outras frentes.

Um exemplo foi o ligeiro ajuste no orçamento destinado à SVMA (Secretaria do Verde e Meio Ambiente) da cidade de São Paulo. A verba passou de 0,37% do orçamento anual da cidade, em 2021, para 0,55%, em 2022³¹. Nominalmente, a mudança

31. Fonte: <https://www.forumverdepermanente.eco.br/post/s%C3%A3o-paulo-prev%C3%AA-mais-recursos-para-meio-ambiente-em-2022>

significou quase o dobro do valor, que passou de R\$ 223.606.000³² para R\$ 439.279.765³³.

O avanço foi conquistado por meio de pressão popular mobilizada a partir do Fórum Verde e com o apoio da Bancada Feminista, que chamou a discussão para a Câmara, trazendo mais visibilidade para a pauta.

“Só com esse aumento melhorou bastante a situação de manejo e de limpeza do meu parque. Tínhamos poucos funcionários, mas agora está bem mais tranquila essa questão”, diz Cláudia sobre o impacto que a mudança teve na gestão do Parque da Aclimação, onde ela compõe o conselho como representante da sociedade civil.

A militante ambientalista conta que o objetivo inicial era conseguir 1% do orçamento da cidade destinado à Secretaria. No entanto, segundo ela, os movimentos sociais precisaram ser menos ambiciosos para garantir algum avanço na negociação com a base do governo.

Para obter conquistas mais expressivas, Claudia diz que o movimento ambiental precisa de mais militantes. Porém, ela reconhece que a situação crítica pela qual o país passa atualmente tem deixado muita gente sem disponibilidade para esse tipo de atuação.

Ela conta que, como tradutora autônoma, escolhe ganhar menos no final do mês para dedicar tempo à luta ambiental. “Eu não consigo viver sem militar”, declara. Com o malabarismo entre trabalho

32. Fonte: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/secretaria-do-verde-e-meio-ambiente-tera-orcamento-de-2236-milhoes-em-2021/>

33. Fonte: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/secretaria-do-verde-e-do-meio-ambiente-tem-orcamento-previsto-de-r-4392-milhoes-em-2022/>

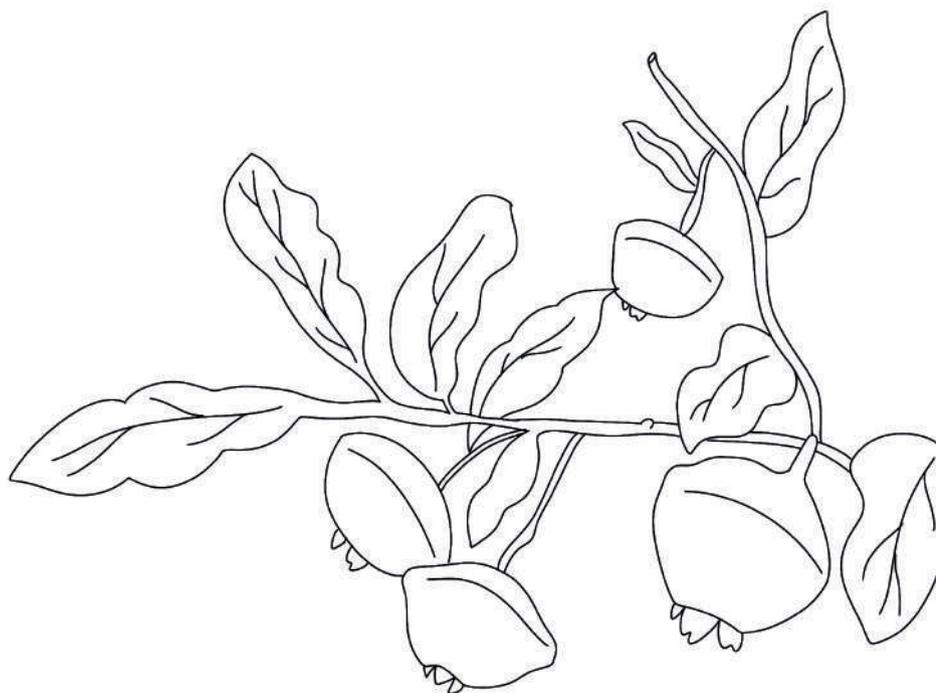
e militância, ela diz se sentir sobrecarregada com frequência. “Tem momentos que é difícil, porque a gente acaba sendo absorvido demais e entra em um processo de estresse, porque assumiu tarefas que não consegue cumprir. É uma luta diária para alcançar um equilíbrio”, confessa.



*“Cuidar de mim mesma não é autoindulgência.
É autopreservação, um ato de guerra política.”
Audre Lorde em A burst of light: and other essays (1988),
em tradução livre.*

ATO 5

UNIÃO



Capítulo 16

Camaradagem

Desde que se tornou covereadora, Natalia tem mais tempo e flexibilidade para lidar com as demandas da militância, mas ainda busca formas de garantir um espaço para o lazer e o descanso no dia a dia.

A tentativa de estabelecer respiros na rotina é constante. Natalia já tentou colocar um limite em suas horas diárias de trabalho e encerrar todas as demandas até às 21h, mas diz ser impossível manter essa rigidez de horários.

A covereadora também não pratica nenhum tipo de atividade física. Ela conta que esse nunca foi um hábito seu, mas reconhece a necessidade de encaixar algum tipo de exercício em seu dia a dia, só não sabe como.

Quanto ao lazer, já experimentou reservar um tempo para a leitura, um dos seus hobbies preferidos. Primeiro, escolheu a parte da manhã para ler, e não conseguiu manter a rotina. Agora, tem tentado ler um pouco antes de dormir, mas confessa estar prestes a deixar o hábito de lado novamente por conta dos dias corridos.

O que mais tem funcionado para ela é colocar as tarefas com o máximo de antecedência na agenda e encaixar encontros com amigos e familiares como se fossem mais uma das atividades a serem cumpridas. Segundo a covereadora, é muito mais fácil se convencer a deixar algumas obrigações para depois quando existe um compromisso com o outro, seja um aniversário, um casamento ou apenas um passeio.

Com o retorno dos eventos, ela voltou a convidar os amigos para shows. Prestigiar presencialmente os artistas que admira segue sendo sua forma favorita de quebrar a repetição da rotina e de estar em contato com pessoas queridas. Entre abril e maio, Natalia e os amigos marcaram presença em shows de MPB, como Duda Beat, Tim Bernardes e Liniker. Assim como os de rap, com Baco Exu do Blues e Racionais. E ainda teve espaço para o pop com as drags Lia Clark e Gloria Groove.

A terapia também é algo de que não abre mão. Desde 2016, faz análise uma vez por semana e diz que é algo imprescindível para a manutenção da sua saúde. “Eu sempre fui muito insegura, tive problemas de autoestima e por isso achava necessário fazer. O motivo segue sendo isso até hoje, na verdade”, ela conta.

Dirlene diz que os impactos psicológicos da rotina atribulada da filha é o que mais a preocupa. Ela comenta que sempre pergunta a Natalia se tem algum dia livre, mas o máximo de espaço que encontra na agenda da coveradora é nos dias sem eventos externos.

As reuniões online, no entanto, estão sempre presentes. “Como mãe, eu morro de dó às vezes, sabe? Porque é muita correria. Eu falo para ela: minha filha, pelo amor de Deus, vocês não têm um dia para descansar!”.

Esse dilema não é exclusivo de Natalia. Pelo trabalho que realizam estar intimamente ligado a seus valores pessoais, a questão da sobrecarga costuma afetar muitos militantes de esquerda. “Aquele meme do ‘descansa militante’ é mais do que um meme. Na verdade, ele é um lema para a gente, porque claramente as pessoas que militam estão exaustas”, afirma Fernanda, do Subverta.

Beatriz, assessora da bancada e também militante do Subverta, conta que em 2021, ela e Natalia quiseram abraçar mais pautas do que eram capazes de acompanhar e acabaram chegando a um nível de esgotamento que não permitia que seguissem no mesmo ritmo.

“No ano passado, a Nati estava acompanhando muita coisa. Assistência Social, pautas dos idosos, um monte de coisa. Esse ano, a gente falou ‘para tudo, não dá’”. As duas, então, escolheram focar apenas no que já estava consolidado: a pauta ambiental e os projetos em um território no extremo norte da cidade.

Beatriz acha que Natalia ainda deveria ter menos frentes de atuação, mas respeita as decisões da amiga. “Eu entendo também que ela no movimento de mulheres é muito importante, de negritude, de libertação animal... Ela é uma grande referência aqui em São Paulo, então acaba que não tem muito o que fazer”, diz Beatriz, sobre o impasse.

A assessora diz que, em sua experiência pessoal, foi entendendo que sua presença não é sempre imprescindível e que pode contar com os grupos dos quais faz parte para que o trabalho continue andando nos momentos em que está ausente. “E às vezes se não andar é porque também a gente não consegue fazer tudo, mesmo sendo em vários. Às vezes é realmente muita coisa. Por isso também que é importante sempre ter pessoas entrando”, desabafa.

De acordo com Natalia, a equipe da Bancada como um todo procura seguir uma cultura de atenção e cuidado entre os integrantes. “Às vezes a gente fala: você precisa de um final de semana de descanso. Ou: não vai nessa reunião, não vai fazer tanta diferença, pega a ata depois”, conta.

A flexibilidade no formato de trabalho também ajuda a alocar os períodos de férias nos momentos mais convenientes a cada integrante. Segundo Beatriz, isso tem sido importante para que consigam se desconectar quando necessário.

Hoje, além do mandato, Natalia segue militando em várias frentes. No coletivo vegano C.A.V.A.L.O., a covereadora diz que a dedicação depende de sua disponibilidade. Ela participa das reuniões e costuma auxiliar com o que pode na parte de comunicação. No Subverta, o trabalho já é mais intenso, com participação nas setoriais de mulheres, negritude, meio ambiente e libertação animal, além da coordenação estadual do movimento.

Com o intuito de possibilitar a aproximação de uma diversidade maior de pessoas, o coletivo do PSOL vem mudando o foco de sua atuação e a abordagem de novos militantes. Beatriz enxerga esse movimento como algo necessário, pois lembra que quanto mais precarizada a situação de trabalho e quanto mais longe do centro da cidade alguém mora, mais difícil fica se comprometer com a militância que, afinal, é um trabalho voluntário.

Ela conta que, no início, a atuação do Subverta costumava ser muito voltada para as redes sociais. Com poucos integrantes e recursos muito limitados, a corrente do PSOL recrutava basicamente pessoas que tinham acesso à internet e eram impactadas pelo conteúdo postado no Facebook ou Instagram.

Agora, principalmente com o apoio da Bancada, o coletivo passou a se dedicar muito mais a ações em territórios. Com isso, começaram a alcançar outras pessoas e avançaram na sua forma de atuação.

Beatriz diz que o volume de pessoas que se aproximam do coletivo diminuiu com a mudança, mas houve um ganho de qualidade. “É a diferença da pessoa ficar só assistindo live no Instagram e sair da sua casa e ir até o pico da zona norte fazer horta, entendeu? E ficar conversando com a galera que é bolsonarista às vezes, que é fundamentalista religioso, mas que é trabalhador e está ali super animado com a horta”, conta a militante.

Fernanda identifica um processo de despoliticização muito forte entre a população e diz que isso é um dos entraves para a ação do coletivo. No entanto, para ela, a maior dificuldade tem sido se manter motivada em meio às derrotas políticas constantes. “Às vezes, é difícil recolher os caquinhos e continuar lutando”, confessa.

Quando perguntada sobre o que a faz seguir na militância, responde prontamente: “a coletividade”. E explica: “É o que me mantém inteira, não só na militância. A coletividade tem isso da gente se segurar, um ao outro, para continuar andando. É estar junto de pessoas que não vão pensar exatamente igual, mas que vão olhar para o mesmo lugar que você e falar: ‘como que a gente vai fazer isso?’”.

Bibliografia

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019. 256 p.

BIMBATI, A. P. Prouni: 1 em cada 5 bolsas integrais não foi preenchida em 2020. **Uol**, São Paulo, 10 dez. 2021. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/12/10/mp-prouni-vagas-nao-ofertas-das.htm>. Acesso em: 27 abr. 2022.

BRASIL, B. N. Quais condenações contra Lula foram anuladas por decisão do STF. **BBC Brasil**, São Paulo, 8 mar. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56328403>. Acesso em: 31 mai. 2022.

CÂMARA de SP lança Frente Parlamentar Ambientalista. **Câmara Municipal de São Paulo**, São Paulo, 07 out. 2021. Disponível em: <https://www.sao-paulo.sp.leg.br/blog/camara-de-sp-lanca-frente-parlamentar-ambientalista/>. Acesso em: 31 mai. 2022.

CMSP - Câmara Municipal de São Paulo. **Lista de servidores da CMSP**. São Paulo: CMSP, 2022. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/static/transparencia/funcionarios/CMSP-Funcionarios.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2022.

_____. **Sistema SPLegis**. São Paulo, SP: CMSP. Disponível em: https://splegisconsulta.saopaulo.sp.leg.br/Pesquisa/DetailsDetalhado?COD_MTRA_LEGL=1&ANO_PCSS_CMSP=2021&COD_PCSS_CMSP=692&COD_MTRA_LEGL=1&ANO_PCSS_CMSP=2021&COD_PCSS_CMSP=692. Acesso em: 31 mai. 2022.

CALEJO, M. Secretaria do Verde e do Meio Ambiente tem orçamento previsto de R\$ 439,2 milhões em 2022. **Câmara Municipal de São Paulo**, São Paulo,

9 nov. 2021. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/secretaria-do-verde-e-do-meio-ambiente-tem-orcamento-previsto-de-r-4392-milhoes-em-2022/>. Acesso em: 31 mai. 2022.

CARLETO, V. Mais uma escola ocupada em Guarulhos: Alice Chuery. **ClickGuarulhos**, Guarulhos, 24 nov. 2015. Disponível em: <https://www.clickguarulhos.com.br/2015/11/24/mais-uma-escola-ocupada-em-guarulhos-alice-choeiri/>. Acesso em: 27 abr. 2022.

_____. Diretora da EE Alice Chuery desabafa em entrevista. **ClickGuarulhos**, Guarulhos, 28 nov. 2015. Disponível em: <https://www.clickguarulhos.com.br/2015/11/28/diretora-da-ee-alice-chuery-desabafa-em-entrevista/>. Acesso em: 27 abr. 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2011. 192 p.

CAVALHEIRO, R. A.; DA SILVA, W. Q; PAGANELA, S. F; ITO, L. E. **Mandatos coletivos e compartilhados**. São Paulo: RAPS, 2019. 118 p. Disponível em: https://www.raps.org.br/2020/wp-content/uploads/2019/11/mandatos_v5.pdf. Acesso em: 31 mai. 2022.

CEDEM. Habitação social da prefeita Erundina é referência internacional. **Centro de Documentação e Memória da UNESP**, São Paulo, 29 nov. 2016. Disponível em: <https://www.cedem.unesp.br/#!/noticia/173/habitacao-social-da-prefeita-erundina-e-referencia-internacional/>. Acesso em: 31 mai. 2022.

CHEGA a 200 o número de escolas ocupadas em SP, diz secretaria. **G1**, São Paulo, 01 dez. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/12/chega-200-o-numero-de-escolas-ocupadas-em-sp-diz-secretaria.html>. Acesso em: 27 abr. 2022.

DAMÉ, L; CRISTALDO, H; VILELA, P. R. Veja o que foi destaque na política em 2018. **Agência Brasil**, Brasília, 28 dez. 2018. Disponível em: <https://agencia-brasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-11/retrospectiva-2018-politica>. Acesso em: 31 mai. 2022.

DIEESE. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **BRASIL: A Inserção da População Negra no Mercado de Trabalho**. São Paulo, 2019. Disponível em: https://farm66.staticflickr.com/65535/49101942423_9d00c0858c_o.jpg. Acesso em: 28 jun. 2022.

DORIA concede área estadual do Parque do Ibirapuera à Prefeitura de SP. **Exame**, São Paulo, 01 mar. 2019. Disponível em: <https://exame.com/brasil/doria-concede-area-estadual-do-parque-do-ibirapuera-a-prefeitura-de-sp/>. Acesso em: 31 mai. 2022.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpos e Acumulação Primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2019. 460 p.

FORATO, T. Há 15 anos, SBT estreava Rebelde e via banda RBD se transformar em fenômeno no país. **NaTelinha**, Ribeirão Preto, 15 ago. 2020. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/televisao/2020/08/15/ha-15-anos-sbt-estreava-rebelde-e-via-banda-rbd-se-transformar-em-fenomeno-no-pais-149372.php>. Acesso em: 27 abr. 2022.

FORTES, C. Veganismo para todes. **Elástica**, São Paulo, 20 jan. 2021. Disponível em: <https://elastica.abril.com.br/especiais/veganismo-para-todes/>. Acesso em: 31 mai. 2022.

GARCIA, C. O Bem Viver: alternativas indígenas para se pensar a vida em comunidade. **Portal Aprendiz**, São Paulo, 26 nov. 2018. Disponível em: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2018/11/26/o-bem>

-viver-alternativas-indigenas-para-se-pensar-a-vida-em-comunidade/#:~:text=O%20Bem%20Viver%20%C3%A9%20a,uma%20chave%20fundamental%3A%20a%20comunidade.Acesso em: 31 mai. 2022.

GRIGORI, P. 20% dos agrotóxicos liberados em 2019 são extremamente tóxicos. **Agência Pública/Repórter Brasil**, São Paulo, 16 jan. 2020. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2020/01/20-agrototoxicos-liberados-em-2019-sao-extremamente-toxicos/>. Acesso em: 31 mai. 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. Rio de Janeiro: RJ, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em: 28 jun. 2022.

INFLAÇÃO oficial fecha 2012 em 5,84%, aponta IBGE. **G1**, São Paulo, 10 jan. 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2013/01/inflacao-oficial-fecha-2012-em-584-aponta-ibge.html>. Acesso em: 27 abr. 2022.

INSCRIÇÕES para o Prouni 2013 começam nesta sexta-feira. **G1**, São Paulo, 18 jun. 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2013/06/inscricoes-para-o-prouni-2013-comecam-nesta-sexta-feira.html>. Acesso em: 27 abr. 2022.

INSTITUTO ETHOS DE EMPRESAS E RESPONSABILIDADE SOCIAL. **Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 Maiores Empresas do Brasil e suas Ações Afirmativas**. São Paulo: SP, 2016. Disponível em: https://www3.ethos.org.br/wp-content/uploads/2016/05/Perfil_Social_Tacial_Genero_500empresas.pdf. Acesso em: 28 jun. 2022.

INVESTING.COM. **EUR/BRL - Euro Real Brasileiro**. São Paulo: Investing.com, 2022. Disponível em:

<https://br.investing.com/currencies/eur-brl-historical-data>. Acesso em: 27 abr. 2022. Base de dados.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 249 p.

LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016. 416 p.

LULA tem 30%, Bolsonaro, 17%, Marina, 10%, aponta pesquisa Datafolha para 2018. **G1**, São Paulo, 10 jun. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/lula-tem-30-bolsonaro-17-marina-10-aponta-pesquisa-datafolha-para-2018.ghtml>. Acesso em: 31 mai. 2022.

MARINHO, K. Agosto Lilás conscientiza a população sobre o enfrentamento à violência doméstica contra a mulher. **Câmara Municipal de São Paulo**, São Paulo, 13 ago. 2021. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/agosto-lilas-conscientiza-a-populacao-sobre-o-enfrentamento-a-violencia-domestica-contr-a-mulher/>. Acesso em: 31 mai. 2022.

MARTIN, R. D. ‘O colorismo é o braço articulado do racismo’. **Carta Capital**, São Paulo, 24 mar. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/entrevistas/o-colorismo-e-o-braco-articulado-do-racismo/>. Acesso em: 31 mai. 2022.

MENDONÇA, R. Alckmin recua em fechamento de escolas em SP: para onde vai o movimento dos estudantes agora. **BBC Brasil**, São Paulo, 4 dez. 2015. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151204_alckmin_estudantes_movimento_rm. Acesso em: 27 abr. 2022.

MONTEIRO, D. Secretaria do Verde e Meio

Ambiente terá orçamento de 223,6 milhões em 2021. **Câmara Municipal de São Paulo**, São Paulo, 27 jan. 2021. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/secretaria-do-verde-e-meio-ambiente-tera-orcamento-de-2236-milhoes-em-2021/>. Acesso em: 31 mai. 2022.

MORENO, A. C. N° de negros na faculdade em 2013 é menor que o de brancos em 2004. **G1**, São Paulo, 17 dez. 2014. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/12/n-de-negros-na-faculdade-em-2013-e-menor-que-o-de-brancos-em-2004.html>. Acesso em: 27 abr. 2022.

ODILA, F. 5 anos depois, o que aconteceu com as reivindicações dos protestos que pararam o Brasil em junho de 2013? **BBC News Brasil**, Londres, 9 jun. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44353703>. Acesso em: 27 abr. 2022.

PAULO, P. P. Pela 1ª vez, Câmara de São Paulo terá mandatos coletivos. **G1**, São Paulo, 16 nov. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2020/noticia/2020/11/16/pela-1a-vez-camara-de-sao-paulo-tera-mandatos-coletivos.ghtml>. Acesso em: 31 mai. 2022.

PROPOSTAS - Bancada Feminista do PSOL. **Site da Bancada Feminista do PSOL**. São Paulo, SP: PSOL, 2020. Disponível em: <https://bancadafeministapsol.com.br/propostas/>. Acesso em: 31 mai. 2022.

RAMOS, Silvia (Org.). **Mídia e racismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002. 96 p.

REITH; Stefanie Landim; RACHID, Alessandra. Gestão da Diversidade - um estudo sobre gênero e raça em empresas no Brasil. **Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar**. Matinhos, v. 14, n. 1, p. 25-43, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/>

diver/article/view/73706/44059. Acesso em: 28 jun. 2022.

SALATI, P. Após novo recorde, Brasil encerra 2021 com 562 agrotóxicos liberados, sendo 33 inéditos. **G1**, São Paulo, 18 jan. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2022/01/18/apos-novo-recorde-brasil-encerra-2021-com-562-agrotoxicos-liberados-sendo-33-ineditos.ghtml>. Acesso em: 31 mai. 2022.

SANDEL, Michael J. **A tirania do mérito: O que aconteceu com o bem comum?**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2020. 350 p.

SÃO Paulo prevê mais recursos para meio ambiente em 2022. **Fórum Verde Permanente**. São Paulo, 19 out. 2021. Disponível em: <https://www.forumverdepermanente.eco.br/post/s%C3%A3o-paulo-prev%C3%AA-mais-recursos-para-meio-ambiente-em-2022>. Acesso em: 31 mai. 2022.

SÃO PAULO (SP). **Lei Municipal 17.320/2021**. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 2021. Dispõe sobre o encaminhamento das solicitações de acolhimento emergencial e de auxílio-aluguel para mulheres em situação de violência. Disponível em: <https://app-plpconsulta-prd.azurewebsites.net/Forms/MostrarArquivo?ID=9160&TipArq=1>. Acesso em: 31 mai. 2022.

SCHUQUEL, T. Quatro anos após prisão, Lula acumula vitórias na justiça; relembre. **Brasil de Fato**, Cataguases, 7 abr. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/04/07/quatro-anos-apos-prisao-lula-acumula-vitorias-na-justica-relembre>. Acesso em: 31 mai. 2022.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DE SÃO PAULO. **#A2SP ep05: Liniker e Linn da Quebrada discutem o peso da representatividade**. SMC, 2019.

1 vídeo (12:51 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kbvylz0fC-I>. Acesso em: 28 jun. 2022.

SILVA, A. V. S. **Transtorno dos sons da fala na idade escolar: persistentes ou residuais?**. 2021. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Fonoaudiologia) - Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/62371#:~:text=Introdu%C3%A7%C3%A3o%3A%20Transtorno%20dos%20sons%20da,fonol%C3%B3gica%20dos%20sons%20da%20fala>. Acesso em: 27 abr. 2022.

Revisão: Leandro Bernardo

Projeto gráfico e diagramação: Leandro Bernardo

Ilustrações: Bianca Muniz

Fontes: Merriweather Sans e Noto Serif

Papel: Capa em couché fosco 300 g/m²; miolo em polén 80 g/m²
(textos) e couché fosco 80 g/m² (fotos)

Impresso na gráfica Inprima Paulista em julho de 2022

FOTOS



Natalia em ato por reposição salarial para servidores públicos em São Paulo. Créditos: Bancada Feminista do PSOL.



*Adriana e Natalia.
Créditos: acervo pessoal
de Natalia Chaves.*



Natalia e amigas da faculdade. Da esquerda para a direita: Natalia, Adriana, Laila, Natanaiah e Natasha. Créditos: acervo pessoal de Natalia Chaves.

Ato do Dia do Trabalho, em 1º de maio de 2022, na praça Charles Miller em São Paulo. Da esquerda para a direita: Fernanda, Natalia, Juliana, Sônia Guajajara, Danielle, Mariana e Nathalia. Créditos: Bancada Feminista do PSOL.





Integrantes da Bancada Feminista do PSOL. Da esquerda para a direita: Dafne, Simone, Mariana, Silvia, Carolina, Paula e Natalia. Créditos: Bancada Feminista do PSOL.



Entrega da Salva de Prata à Marcha das Mulheres Negras de São Paulo. Da esquerda para a direita: Dafne, Paula, Maria José Menezes, Juliana Gonçalves, Luciana Araújo, Carolina, Silvia e Natalia. Créditos: Bancada Feminista do PSOL.

Representantes do Fórum Verde Permanente reunidos na Câmara Municipal de São Paulo, em novembro de 2019, para reivindicar o aumento das verbas para a Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente (SVMA). Cláudia é a segunda pessoa à frente, da esquerda para a direita. Créditos: Acervo do Fórum Verde Permanente.





Colação de grau de Giovana no curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Da esquerda para a direita: Natalia, seu tio José Orlando, Gildesio, Giovana, Dirlene, Emília e Mayky (namorado de Giovana). Créditos: acervo pessoal de Natalia Chaves.

Natalia entrega flores a Juliana Gonçalves, integrante da Marcha das Mulheres Negras de São Paulo, durante a cerimônia da Salva de Prata. Créditos: Bancada Feminista do PSOL.





*Natalia e família durante passeio na Avenida Paulista.
À frente, Gildesio, atrás, da esquerda para a direita,
Emília, Natalia, Dirlene, Moisés e Giovana.
Créditos: acervo pessoal de Natalia Chaves.*



Letícia Vieira Santos

nossa caminhada

Trajelórias e Desejos de Líderes Institucionais
Negras Engajadas Socialmente

Flávia



nossa
caminhada

The text is written in a black, elegant cursive font. Below the text, there are three thick, black, wavy horizontal lines that span the width of the page, creating a decorative border.

Universidade de São Paulo
Escola de Comunicações e Artes
Departamento de Jornalismo e Editoração

NOSSA CAMINHADA

FLÁVIA PAIXÃO

Trajetórias e Desejos de Líderes
Institucionais Negras Engajadas
Socialmente

Letícia Vieira

São Paulo
2022

ÍNDICE

Ato 1 - Semente 11

Ato 2 - Plantio 27

Ato 3 - Germinação 35

Ato 4 - Florada 47

Ato 5 - Colheita 63

Bibliografia 75

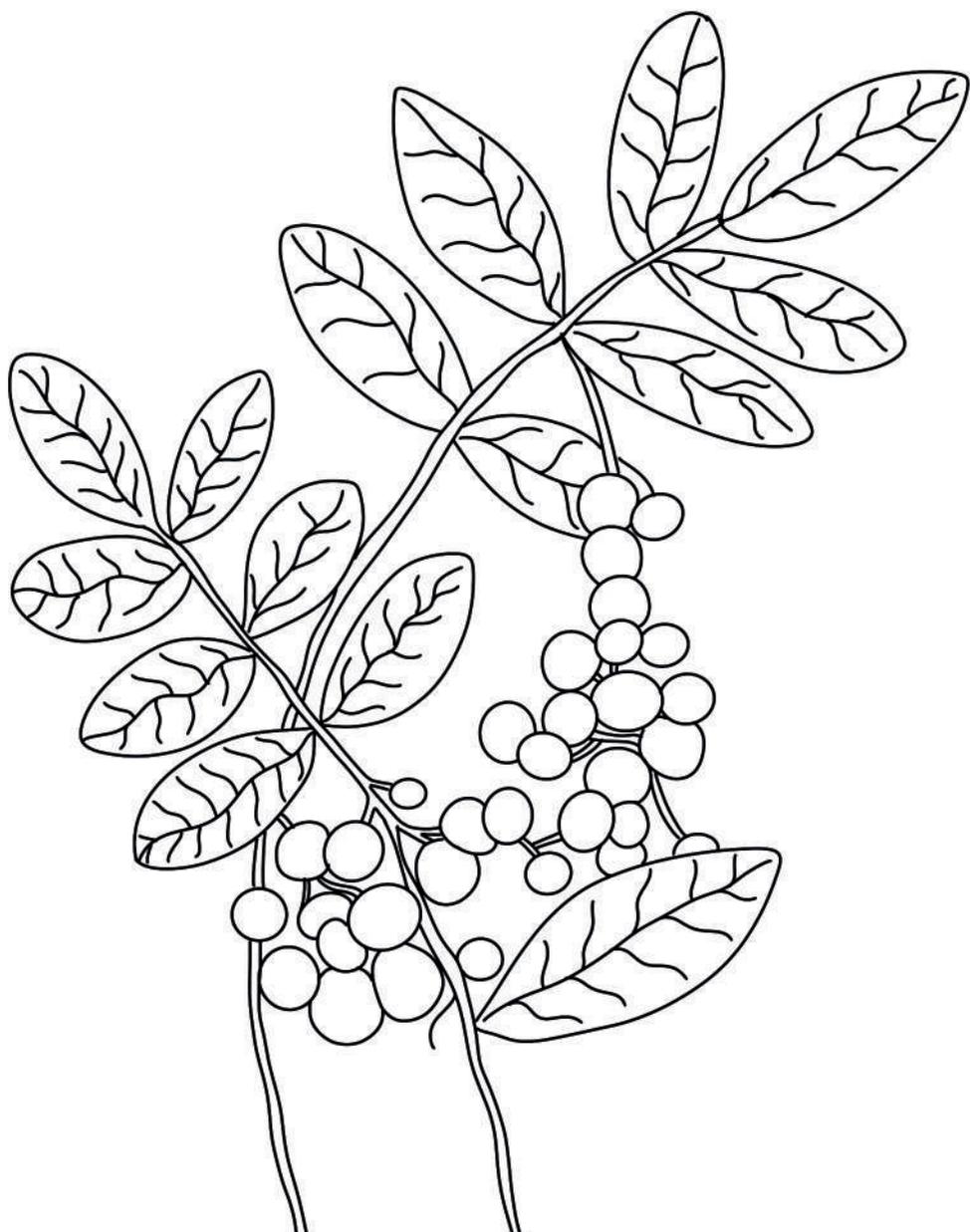
Entrevista pingue-pongue 83

Fotos 100

Em memória de Ilnete Silva Santos, minha avó.

Flávia





ATO 1

SEMENTE



*“Povoada
Quem falou que eu ando só?
Tenho em mim mais de muitos
Sou uma mas não sou só”
Canção “Povoada”, de Sued Nunes.*

Capítulo 1

Casa da Queimadinha

12

Era uma casa de adobe. No quintal, as crianças brincavam com os gatos da família e com as galinhas. Às vezes, alguma delas voava por cima da cerca e acabava parando na panela do vizinho, mas isso não era motivo para desentendimento, afinal “no bairro de periferia, todos sabiam como era passar momentos de maior necessidade”, afirma Flávia, a filha caçula da família que ali residia.

No chão de terra, também havia espaço para uma variedade de plantas. Lá, ficava a “farmácia da casa”, com aroeira, que possui propriedades cicatrizantes e anti-inflamatórias¹, brilhantina, comumente usada como diurético², pé de acerola, com frutos ricos em vitamina C³, entre outras plantas medicinais. “Hoje, o conhecimento de ervas que eu tenho vem daí”, disse Flávia Paixão durante a apresentação de sua trajetória profissional no evento online Trajetórias Negras na Fiocruz⁴.

A transmissão foi feita por meio do YouTube em novembro de 2021 e foi organizada pela Fiocruz Bahia, instituição da qual Flávia faz parte há quase 20 anos. Hoje, ela atua na organização como

1. Fonte: <https://hortodidatico.ufsc.br/aroeira/>

2. Fonte: <https://revistacasaejardim.globo.com/Casa-e-Jardim/Paisagismo/Plantas/noticia/2022/01/pilea-microphylla-especie-ornamental-usada-para-fins-medicinais.html>

3. Fonte: <https://hortodidatico.ufsc.br/acerola/>

4. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=TsPlzTN6QOM>

Analista de Gestão em Saúde Pública e Coordenadora para Cooperação Internacional.

Flávia cresceu em um lar chefiado por duas mulheres: Caetana Amaral, sua tia-avó biológica e avó de criação, e Antônia Angélica Amaral, sua mãe.

A avó de criação, já falecida, trabalhou por vários anos na lavoura, quando jovem. Angélica afirma que, segundo relatos de Caetana, a família era dona de uma das fazendas que compreendia o território onde hoje está localizado o bairro da Queimadinha, em Feira de Santana (BA).

No entanto, quando os pais de Caetana faleceram, as terras passaram para o nome do marido de uma de suas irmãs e foram vendidas por ele. Caetana teria recebido uma quantia em dinheiro e, com ela, comprado o terreno da casa de adobe, onde passou a morar dali em diante.

Com pouco espaço para o plantio, em um terreno de aproximadamente 100 m², a antiga trabalhadora rural se ocupava do que surgia como oportunidade na vizinhança. Caetana vendia produtos na feira e nas ruas do bairro, incluindo a maniçoba – prato de origem indígena, feito com folhas de mandioca.

“Era uma mulher muito silenciosa, mas que sabia impor a sua presença no silêncio. Muito determinada, de caminhar longas distâncias, de acordar super cedo e de cultivar no quintal”, diz Flávia sobre a avó de criação.

Outra lembrança que a família guarda de Caetana são os episódios de solidariedade com os vizinhos. “Quando chovia, algumas pessoas perdiam as casas e minha avó acolhia essas pessoas até as reconstruírem”, conta.

A mãe biológica de Angélica faleceu quando

a filha tinha apenas cinco meses. O pai formou outra família e não manteve contato com os três filhos do primeiro casamento. Angélica, a caçula, e o irmão do meio ficaram sob os cuidados de Caetana. A irmã mais velha, com três anos na época, foi morar com outra tia, irmã de seu pai.

Criada por Caetana, Angélica acostumou-se a chamá-la de mãe, e em um primeiro momento foi bastante impactada pela notícia de que não era sua filha biológica. “Faltou terra nos meus pés, me senti como se eu não tivesse ninguém no mundo”, lembra.

Angélica estudou somente até o Ensino Básico. Precisou se afastar da escola por conta de uma enfermidade que lhe exigia repouso e, ao voltar para a sala de aula, acabou se saindo mal nas provas e sendo reprovada. Sentindo-se desestimulada, ela parou de frequentar a escola.

Conta que, dentro de casa, ela e o irmão não encontravam muito incentivo para os estudos e que, mais tarde, ele chegou a se queixar com a mãe de criação sobre o assunto. Já adulto, o irmão de Angélica teria escrito uma carta para Caetana lamentando por ter sido ensinado apenas a “não roubar e a não fazer mal aos outros”.

Segundo Angélica, Caetana não sabia ler e nem escrever. “Os pais dela diziam que não iam ensinar ela a estudar para não arranjar namorado. No fim, ela namorou e casou do mesmo jeito, sem aprender a ler. Ela tinha sentimentos por isso”, explica Angélica sobre a relação conturbada da mãe de criação com os estudos.

A irmã mais velha, criada por outra tia, foi uma das referências de Angélica em relação aos estudos. Segundo ela, a primogênita teve a sorte de ser

afilhada de um político que chegou a assumir a prefeitura de Feira de Santana. Indicada por ele, essa irmã conseguiu emprego em uma biblioteca da cidade e pôde dar continuidade aos estudos. Primeiro, se formou no Magistério, depois passou um tempo trabalhando no Departamento de Trânsito (Detran), até que se tornou bibliotecária da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Apesar de ter sido marcante para Angélica, o contato com a irmã mais velha não era muito próximo. “Ela não se preocupava com a gente, muito menos comigo. Sempre nos encontros tinha mais desentendimento do que união”, declara.

Aos 18 anos, Angélica conheceu aquele que seria seu futuro marido. Manoel Carlos Paixão era marceneiro e estava sempre pelas redondezas do bairro da Queimadinha, pois vários dos seus amigos moravam por lá. Angélica e Manoel tiveram três filhos. O primeiro foi Antônio Carlos. No ano seguinte, Patrícia. Já Flávia, hoje com 43 anos, veio ao mundo sete anos depois da irmã. “Eu entendo que minha mãe foi uma visionária, porque na época em que ela fez, por conta própria, o controle familiar e teve três filhos, as mulheres em geral tinham seis crianças”, aponta a caçula.

Os pais de Flávia viveram uma relação bastante conturbada. “Sexta-feira, ele [o pai de Flávia] saía e chegava no domingo à noite bêbado. Era violento dentro de casa”, conta Angélica. Ela diz que, juntos, chegaram a construir uma casa para a família em outro terreno, mas que acabou optando por não morar somente com o marido e com os filhos. Após 16 anos de convivência, o casal se divorciou.

Flávia tinha em torno de sete anos quando os pais se separaram. Os irmãos eram adolescentes.

Para dar conta das despesas da casa, Angélica seguiu os passos de sua mãe de criação e passou a apostar em todo tipo de trabalho informal. Vendia capas de crochê para utensílios de cozinha, potes de plástico, geladinhos e também dava aulas de reforço para crianças do bairro que estavam em processo de alfabetização.

Eram essas atividades, somadas a um salário mínimo da aposentadoria rural de Caetana, que permitiam aos filhos de Angélica dedicação exclusiva aos estudos. O ex-marido também ajudava nas contas de alguma forma, mas não havia uma contribuição constante.

“Ele era um pai que dava presente, não era um pai presente”, afirma Angélica. Ela conta como exemplo que, quando Flávia completou 16 anos, o pai trouxe uma televisão colorida para a família, que ainda assistia às programações em preto e branco. Para a mãe, a prioridade era garantir a alimentação e, depois, a vestimenta. Segundo ela, a renda da casa não dava para muita coisa além disso.

Flávia afirma que, em meio aos percalços por conta do alcoolismo e do vício em jogos, o pai dizia contribuir com o que podia. Da parte dele, o grande apoio no cotidiano foi o acesso das crianças à saúde pública, já que antes da criação do Sistema Único de Saúde (SUS), implementado em 1990, o sistema disponível gratuitamente no Brasil não atendia a todos os cidadãos.

O antigo Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (Inamps) se restringia aos trabalhadores formais e seus dependentes⁵.

5. Fonte: <https://drauziovarella.uol.com.br/saude-publica/antes-do-sus/>

Trabalhando como marceneiro com carteira assinada, o pai de Flávia pôde garantir assistência médica aos filhos, ao contrário das mais de 12 milhões de pessoas que representavam os 5% de desempregados brasileiros entre o início dos anos 1980 e meados dos anos 1990⁶.

As crianças contaram também com uma mãe especialmente engajada em garantir a elas um ensino de qualidade. Angélica ficava sempre atenta aos comentários que ouvia sobre as escolas públicas da cidade e fazia questão que os filhos estudassem naquelas que recebiam as melhores recomendações.

O mais velho ia para uma escola estadual no período da manhã. À tarde, fazia cursos no SENAI sob recomendação da mãe, que ouvia falar muito bem da instituição em programas de rádio.

Flávia e a irmã do meio acabaram indo para uma escola pública de freiras. “Eu levava e ia buscar. Era tudo no centro da cidade”, conta Angélica. Da rua principal do bairro de Queimadinha até o ponto central de Feira de Santana, a caminhada dura 33 minutos⁷.

A mãe de Flávia também diz que sua atitude não era bem vista pela vizinhança. Segundo ela, a chamavam de orgulhosa por matricular os filhos em escolas fora do bairro. “Criei meus filhos de uma forma diferente porque eu tinha vergonha de não ter um emprego bom. Queria ter um emprego que eu pudesse dizer às pessoas ‘trabalho em tal lugar’. Ter autoestima, né?”, comenta.

Segundo a mãe, os três filhos iam bem na escola,

6. Fonte: <https://ibre.fgv.br/blog-da-conjuntura-economica/artigos/o-desafio-do-desemprego>

7. De acordo com rota calculada no Google Maps

já que a marcação em casa era cerrada. “Em toda a vida, todos os três foram inteligentes, graças a Deus, porque se não fossem... Ave Maria! E também me obedeciam”, ela comenta.

Flávia lembra dos professores dizendo que ela era muito comunicativa. Em meio às conversas com os colegas, inclusive, acabou se tornando uma espécie de “comerciante mirim”. Comprava lápis coloridos no bairro onde morava a preços mais baixos que os da região central, e revendia aos colegas de sala.

No início dos anos 1990, a família ficou sem condições de comprar os livros didáticos que Flávia precisaria utilizar no primeiro ano do ginásio – hoje conhecido como os anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano). No entanto, a família tinha com quem contar. Uma vizinha relatou a situação ao padre da Paróquia Todos os Santos, igreja de tradição franciscana onde costumavam ir com frequência. Em poucos dias, todos os livros foram entregues à estudante.

Capítulo 2

Paróquia Todos os Santos

“Nós tínhamos um fundo para atendimentos emergenciais. Aí era um tema prioritário, porque dizia respeito a escola de criança”, diz Padre Alfredo Dórea sobre os livros entregues a Flávia. A Paróquia Todos os Santos tinha um acervo de livros didáticos que circulavam entre as crianças das comunidades do entorno. Alguns eram doados, outros adquiridos.

O padre conta que também eram comuns as idas à prefeitura para cobrar a disponibilização de outros itens do material escolar.

O trabalho na paróquia era organizado por meio de conselhos, como o fiscal, o pastoral, o da juventude, entre outros. Essa era uma das formas que Alfredo encontrava para manter contato com as demandas da comunidade.

“A Igreja Católica sempre foi muito poderosa, então o meu esforço era, estando nesse lugar [de poder] – já que era impossível sair dele sendo padre – fazer desse lugar um serviço para os grupos chamados de minorias políticas”, afirma o pároco, sobre como entende seu papel como líder religioso.

Durante a infância e adolescência, Alfredo morou na região da Cidade Baixa, em Salvador. Segundo ele, a solidariedade era uma marca da família. “Nós morávamos muito próximos do hospital. Ali, passava muita gente indigente e nós com frequência acolhíamos”, diz Alfredo.

A mãe, católica, era paramédica. “Fazia parto, atendia muita gente, saía a qualquer hora do dia ou da noite”, conta o padre. O pai, espírita, trabalhava no porto. Em casa, eram três irmãos biológicos e três adotados. O padre conta que um tio, a esposa e quatro filhos também moraram com a família por um tempo, quando o tio ficou desempregado na época da ditadura militar.

Sobre o período ditatorial, Alfredo comenta que a família sentiu na pele a repressão do período. “Meu pai foi preso durante a ditadura, ficou três meses na cadeia. Ele era do Sindicato dos Portuários”, declara o padre sobre o regime militar brasileiro, no qual, segundo dados

do Diário Oficial, mais de mil entidades sindicais sofreram intervenção do Estado⁸.

A ideia de Alfredo se tornar padre surgiu durante aquele período. “Conheci os Jesuítas lá nos Alagados. Moravam lá, tinham um trabalho muito interessante com a comunidade das palafitas”, conta, referindo-se ao bairro – também conhecido como Uruguai – que surgiu com a ocupação de terrenos alagadiços na Península Itapagipana, em Salvador.

“Conheci também os irmãozinhos de Foucauld⁹ que eram ainda mais radicais e isso me impressionou muito”, acrescenta Alfredo. Segundo ele, a comunidade eclesial foi o único espaço em que enxergou a possibilidade de desenvolver uma atuação social no contexto político da época.

“Dentro da estrutura dos Jesuítas, tive boa acolhida para essas práticas: movimento negro, movimento de lavadeiras, a chamada Pastoral de Favelas, na época... Sempre caminhei por aí”, afirma Alfredo.

Nos anos 1980, a Paróquia Todos os Santos foi erguida no bairro da Queimadinha, pelo antecessor de Alfredo. Segundo relatos dos entrevistados, era um jesuíta dinamarquês que tinha bastante proximidade com um grupo de padres da Itália.

8. ALVES, Maria Helena Moreira. op. cit. p. 244 apud <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/14205/Heliene%20Chaves%20Nagasava.%20O%20sindicato%20que%20a%20ditadura%20queria.pdf>

9. De acordo com Vanderlei de Lima, eremita da Diocese da cidade de Amparo, “Charles de Foucauld foi um monge solitário que morreu assassinado por um adolescente, no dia 1º de dezembro de 1916, em Tamanrasset, região do Saara, na Argélia”. Foucauld foi beatificado no dia 13 de novembro de 2005, em Roma. Fonte: <http://www.diocesedeamparo.org.br/index.php/2018/12/06/quem-foi-charles-de-foucauld/>

Aquela foi a primeira igreja do bairro da Queimadinha, região que concentra uma população predominantemente de baixa renda. As comunidades do entorno somavam cerca de 40 mil habitantes, de acordo com Alfredo.

Norma, que frequenta a paróquia há mais de 30 anos, diz que se sentiu impactada pela forma com a qual o padre dinamarquês lidava com a questão social da região. Ela comenta que ele costumava trazer doações de tecidos da Itália para que a população pudessem confeccionar roupas, assim como peças de inverno para a realização de bazares a preços simbólicos.

Em datas comemorativas, como a semana santa, eram distribuídos alimentos à população. “Eu ficava impressionada porque ele não dava qualquer peixe, ele dava bacalhau. Então o pobre tinha direito a tudo ao que as outras pessoas também tinham direito”, diz Norma.

Angélica também conheceu o primeiro padre da Paróquia Todos os Santos. Ela foi indicada pelo pároco da igreja Senhor dos Passos, no centro de Feira de Santana, para auxiliar na consolidação da nova paróquia. “A gente era da legião de Maria, eu era legionária, Flávia e Patrícia também. Aí a gente começou a convidar as pessoas para ir na missa nessa igreja”, conta Angélica.

O padre dinamarquês deu a ela e às filhas algumas orientações e elas passaram a participar da condução da liturgia. “Ele ia ensinando com paciência. Ali foi uma formação boa. A gente não tinha dinheiro para se vestir, para sair, então a gente ia para igreja e se distraía ao mesmo tempo, né?”, declara a mãe de Flávia sobre o início de sua atuação na igreja local.

O primeiro padre faleceu no final dos anos 1980, pouco tempo após inaugurar a igreja. Padre Alfredo foi, então, nomeado para assumir o posto. Na Paróquia Todos os Santos, ele pôde descobrir novas formas de desenvolver trabalhos sociais e apoiar movimentos políticos.

“Eu tentava desenvolver atividades que fossem ao encontro das demandas daquela população. Grupo de jovens, grupo de mulheres, associação de moradores, grupos que lutavam pelo direito de morar, pastoral com a população em situação de rua, articulação com outros movimentos de agricultores...”, conta o padre.

A igreja foi ponto de encontro e de discussão para mobilizações populares que culminaram em apoio às manifestações do Grito dos Excluídos¹⁰, coordenadas por movimentos estaduais. Segundo Alfredo, havia representantes da Pastoral Operária, jovens da Pastoral da Juventude do Meio Popular e muitas mães solo trabalhadoras participando dos grupos, que se organizavam para reivindicar maior amparo por parte do governo.

Angélica afirma que a mobilização entre os fiéis era grande, e lembra que as atividades de construção local do Grito dos Excluídos contava com integrantes das cinco comunidades da região.

10. A proposta do Grito dos Excluídos e Excluídas surgiu em 1994, a partir do processo da 2ª Semana Social Brasileira, da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). A manifestação popular é marcada por atos de rua que culminam no sete de setembro, Dia da Independência do Brasil. Ela se propõe a questionar os padrões de independência do povo brasileiro e a ser um espaço aberto para denúncias sobre as mais variadas formas de exclusão. (Fonte: <https://www.gritodosexcluidos.com/historia>)

Ela também diz que Padre Alfredo chegou a levar os fiéis em uma visita à Câmara de Vereadores da cidade, para conhecerem o local e acompanharem os projetos que estavam em curso.

Na parte social, a movimentação mais marcante foi o assentamento de mais de 60 famílias em um terreno ocioso. “Não tinha esgoto, não tinha nada. Então o Padre doou uma parte muito grande de um terreno para fazer uma associação de moradores. Aquelas famílias que estavam em risco, a gente cadastrou e depois foram feitas as casas”, conta Norma.

Na visão de Alfredo, Dona Angélica era muito engajada nos trabalhos da igreja. “Ela era daquelas mulheres sempre disponíveis. Participava de muitos movimentos. Era alguém que a gente podia contar na matriz e também na comunidade onde ela vivia”, afirma.

Os filhos de Angélica também frequentavam a paróquia, que contava com a presença de muitos jovens da região. Alfredo afirma que tinha como um de seus objetivos impulsionar o protagonismo dos mais novos. Ele conta que os três irmãos eram bastante participativos nas atividades.

Angélica lembra que o padre, com pouco mais de 30 anos, embarcava na agitação de Flávia e sempre inventava alguma brincadeira para distrair a pequena. “Ele ficava indicando ela [para fazer algo]. Aí ela saía de junto de mim, ia fazer o que ele pediu, ele corria [para] sentar junto de mim. Quando ela voltava, vinha azeda [irritada] que ele tomou a cadeira dela”, recorda enquanto ri da cena que ficou na memória.

No dia a dia, Flávia participava do grupo de jovens, no qual realizava uma série de atividades religiosas e culturais. Ela lembra de escrever uma peça de teatro e de ter seu primeiro contato com um instrumento musical.

“A primeira vez que eu peguei um violão foi naquele ambiente. Algum colega me ensinou a tocar duas ou três notas”, ela conta.

A igreja era o único espaço, fora da escola, onde as crianças participavam de eventos e aprendiam sobre cultura. Segundo Angélica, o final do ano era época de festas. Entre elas, o Dia da Comunidade, que contava com diversas apresentações organizadas pela população e brincadeiras para as crianças.

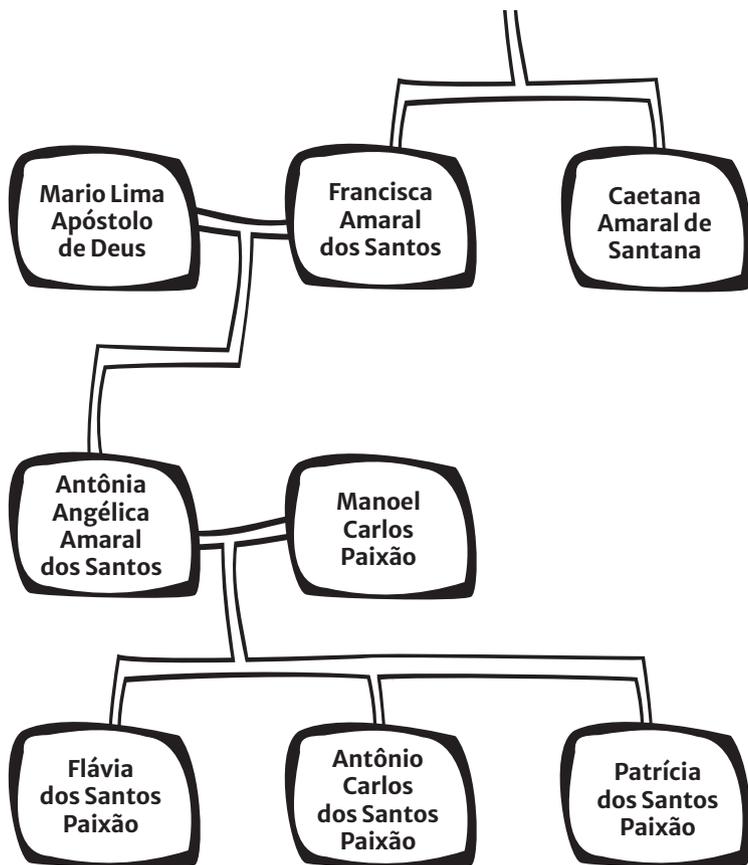
Outras festas típicas disponíveis na cidade eram muito custosas para a família. “Eu me lembro que o bairro tinha uma quadrilha chamada Corró Corró. O sonho lá de casa, tanto meu quanto de meus irmãos, era participar da quadrilha, mas não dava porque tinha que comprar as roupas”, conta Flávia. A alternativa era assistir às apresentações pela televisão.

Havia ainda excursões, geralmente para a praia mais próxima. “Era divertido lá no tempo do padre Alfredo. Ele gostava de encher o ônibus e sair passeando com o pessoal da comunidade”, conta Angélica.

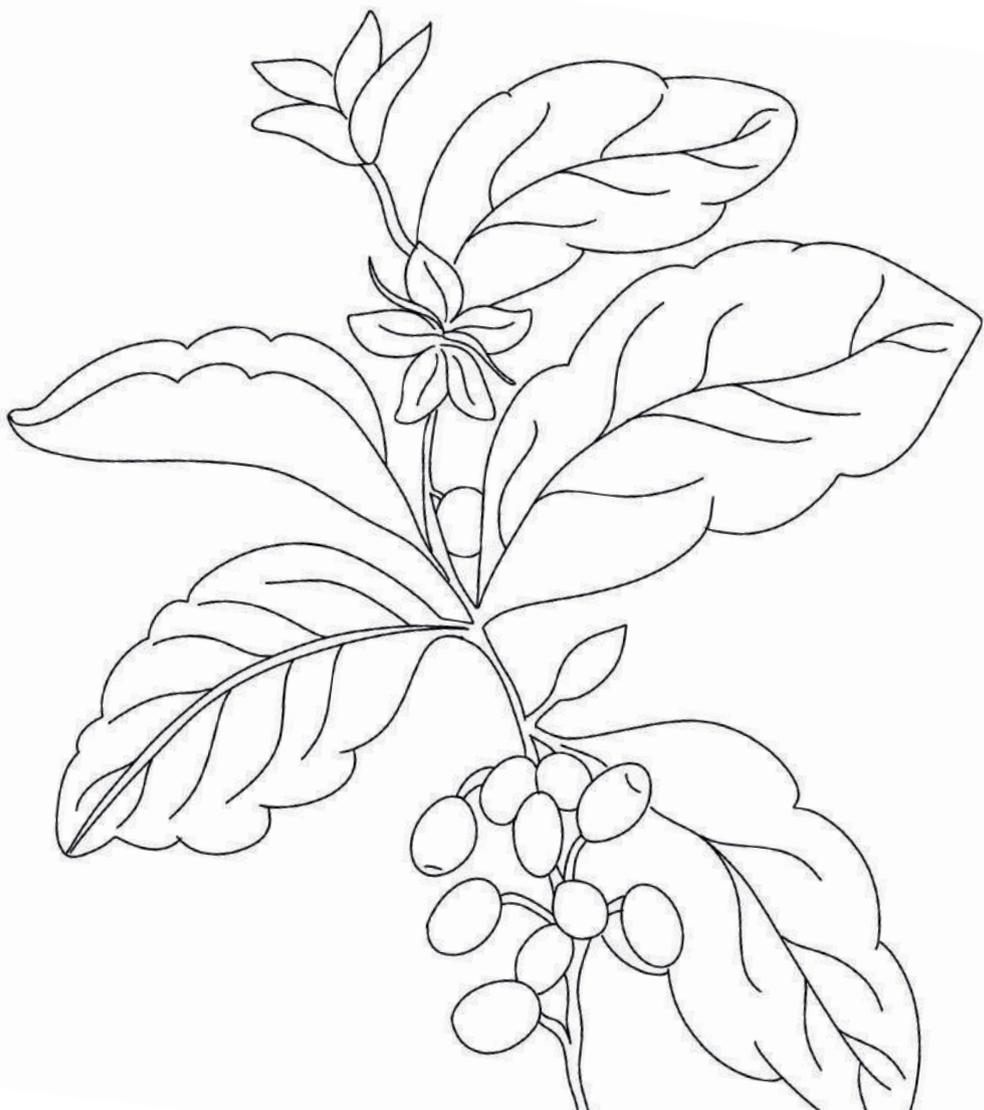
Entre as atividades na paróquia, o trabalho informal e o cuidado com os filhos, Angélica voltou a estudar. O incentivo veio da filha mais velha, que viu a possibilidade da mãe realizar uma formação para adultos, no período da noite, em uma escola bem próxima de onde moravam.

No decorrer de um ano, ela estudou conteúdos correspondentes ao período do 2º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Depois, precisou mudar de escola para cursar até o 8º ano. O Ensino Médio coincidiu com os estudos da filha caçula. As duas fizeram concomitantemente, na mesma escola – a filha pela manhã e a mãe à noite.

“Eu trabalhava muito durante o dia, né? Então, Flávia fazia a prova de manhã e trazia a pesca para mim. Dizia-me mais ou menos o assunto, aí eu chegava lá e caía ‘matando’, como a gente fala aqui”, conta a chefe de família, que concluiu a formação do Ensino Básico aos 49 anos, junto da filha de 18.



*“A flecha atirei
Onde caiu, bradei
O céu relampeou
A chuva vai chegar”
Canção “Rito de Passá”, de MC Tha*



ATO 2

PLANTIO



Capítulo 3

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS)

28

Patrícia foi a primeira da família a entrar na faculdade. A filha do meio havia se formado no Ensino Básico voltado para contabilidade. Enquanto estudava, também conseguiu um estágio no Banco do Nordeste. Todo o dinheiro que ganhava ia para as mãos da mãe, que guardava em uma poupança.

Ao ver o pequeno montante que havia economizado para a filha, Angélica teve uma ideia. “Quando ela terminou o segundo grau, eu disse: ‘Patrícia, tu vai fazer um cursinho naquela disciplina que estiver fraca e tu vai tentar um vestibular’”, conta.

Patrícia seguiu o conselho. Fez um cursinho de seis meses e prestou vestibular no meio do ano, também por indicação de Angélica. A mãe ficou sabendo que em julho a concorrência costumava ser menor do que em janeiro e, então, orientou a filha.

Patrícia foi aprovada em Economia na UEFS. Dois semestres depois, no entanto, confessou à mãe que não estava se adaptando ao curso. Angélica não pensou duas vezes. Disse à filha para tentar o vestibular de novo, no mês de julho, para um curso com o qual se identificasse mais. Foi quando Patrícia entrou para a turma de Contabilidade, área pela qual havia criado gosto no Ensino Médio, e se formou como bacharel.

Com a possibilidade do acesso à universidade pública concretizada, Angélica passou a incentivar

o filho mais velho. Antônio Carlos cursou Engenharia Civil e foi o segundo da família a se formar pela UEFS.

Assim como a irmã, Flávia trabalhou enquanto ainda estava na escola. Foram dois anos atuando na antiga Associação de Apoio à Criança Excepcional (APAE) de Feira de Santana. “Dali em diante, eu não parei de trabalhar, porque era um estágio depois do outro”, conta.

A experiência na escola especializada foi importante para expandir sua percepção da desigualdade de acesso que existe na sociedade brasileira. Ela lembra de reparar que a infraestrutura da escola era melhor do que todas as que havia visto antes, os alunos contavam com acompanhamento físico e psicológico, e muitos pais se engajavam em cobrar da instituição empenho para o desenvolvimento de seus filhos. “Eu digo: nossa, é isso aqui. Isso aqui é justo para todo mundo”, recorda Flávia.

A caçula viu os irmãos cursando o Ensino Superior e, segundo ela, não quis “deixar por menos”. Em um primeiro momento, escolheu Enfermagem, a partir de um conselho do pai. Segundo Flávia, ele dizia que a área da saúde lhe daria maior garantia de empregabilidade e retorno financeiro. A primeira tentativa, no entanto, não resultou na aprovação da estudante.

Em sua segunda tentativa, a então vestibulanda resolveu apostar no curso de Administração, disponível no período noturno. Para a escolha, foram levadas em consideração suas áreas de afinidade, mas principalmente o fato de ter o dia livre para trabalhar.

“Existia uma parte prática da vida para resolver que era estudar, trabalhar, manter a vida. Administração é o sonho da sua vida? Não sei. Talvez não. Talvez, se eu pudesse sonhar, seria música”, declara Flávia.

Após seis meses de cursinho, pago com a ajuda do pai e de um primo, ela foi aprovada na UEFS e iniciou as aulas na faculdade em 1998.

Flávia diz que começou a compreender questões como o racismo e a desigualdade social na época da universidade. Segundo ela, antes disso, pensava que as dificuldades que enfrentava eram partilhadas por todos. “Tinha o desconhecimento da real profundidade da pobreza. Eu não tinha essa referência. O primeiro reconhecimento não era ser pobre, era não pertencer, não acessar, não poder participar da gincana, não frequentar a quadrilha de São João...”, conta.

Depois, vieram alguns questionamentos que, inicialmente, geraram um processo de culpabilização. “Mas por que é excluída? Porque você é pobre. Então aquilo não credita responsabilidade ao entorno, credita responsabilidade a mim mesma. Pelo menos na minha concepção [o culpado] era o próprio sujeito”, explica.

O primeiro passo que a levaria a uma mudança de perspectiva foi dado no segundo semestre do curso, quando foi convidada a participar de uma chapa que concorria à gestão do Centro Acadêmico. Segundo Flávia, alunos que faziam parte do movimento estudantil e conheciam seu irmão acharam que seria vantajoso tê-la como representante.

A novata surgia como uma promessa de ponte entre a chapa e os calouros, mas a ideia não foi muito bem recebida pela turma, na visão de Flávia. “Queriam-se alguém que a família tivesse na linha de administração, já tivesse empresa. Existia um perfil desejado e eu era muito inexperiente para isso”, conta. Flávia embarcou na experiência, mas ao final das apurações a chapa acabou não sendo eleita.

Ela também lembra que, apesar de estar em uma Universidade Pública, o curso de Administração não tinha um engajamento expressivo. “A questão social, racial e feminina estava fora da pauta. Embora alguns fossem de origem um tanto humilde, o foco era a profissão e a carreira. Mobilização social era tida como coisa do povo de Letras e de História”, afirma.

Ainda assim, criou-se um contato com representantes do Diretório Acadêmico e estudantes de outros cursos e, segundo ela, sua consciência política começou a emergir ali. “Eu tive muita sorte. Tinha um certo nível de inconsciência, mas eu acessava e era envolvida com essas pessoas que contribuíram para minha formação”, declara.

Entre essas pessoas estava uma aluna do curso de História: Patrícia Núbia Almeida Santos. A atual professora diz que gosta de se apresentar usando seu nome completo, em referência a uma frase famosa da antropóloga Lélia Gonzalez: “negro tem que ter nome e sobrenome, senão os brancos arranjam um apelido...ao gosto deles”¹¹.

Na universidade, Patrícia Núbia lembra de participar das mobilizações dos professores por melhores condições de trabalho e contra o que identificavam ser um processo de sucateamento da universidade.

Segundo ela, o Governo do Estado da Bahia chegou a ameaçar realizar cortes nos salários dos docentes, atitude que fomentou a greve dos alunos. “Não tinha como obrigar o aluno a voltar para a sala de aula e a gente entendia que aquela também era uma luta nossa”, afirma.

11. Fonte: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20990>

Quatro anos mais velha que Flávia, Patrícia Núbia lembra de enxergar a amiga como alguém muito madura na época da faculdade. Segundo ela, Flávia parecia saber exatamente o que queria e era muito decidida em suas escolhas.

“Infelizmente, para a gente [que é mulher negra] é assim. Parece até que é natural, mas não é natural não. Gostaria de estar falando ‘é uma menina que podia ter o direito de errar, ter direito de acertar’, como muitas têm, mas para gente isso não é permitido”, desabafa a historiadora.

Flávia via Patrícia como uma referência e uma interlocutora para as descobertas que vinha fazendo a respeito das estruturas do racismo brasileiro. “Eu estava ausente do movimento negro, mas ela era para mim uma pessoa de compartilhar pensamentos”, diz a servidora.

Foi ali, no início da juventude, que Flávia passou a entender que as dificuldades de acesso a lazer, cultura e educação que experimentava eram sistêmicas e não um problema pessoal. Daí veio a percepção de que havia necessidades essenciais aos seres humanos e que elas deveriam ser asseguradas a todos. “Para mim, era um desaforo entender que o sonho de uma pessoa seria trabalhar, ter um plano de saúde, ter onde morar e ter um carro. Não gente, isso não é sonho, isso é básico”, afirma.

Ainda no primeiro ano de curso, Flávia ficou sabendo de um estágio na universidade por meio de uma funcionária que conhecia seu pai. “Em geral, eles deixavam as vagas de estágio para os estudantes a partir do terceiro semestre, mas no segundo semestre eu consegui ser aprovada, então isso já deu um fôlego”, lembra.

O estágio foi mais um espaço de aprendizado social, para além dos conhecimentos profissionais agregados. “Dava-me uma visão da vida e dos perrengues de outros estudantes”, afirma. O contato vinha por meio de suas funções nas áreas de atendimento ao aluno e apoio à residência universitária.

Flávia se formou em 2003. Na época, era funcionária do centro das indústrias de Feira de Santana, onde teve a oportunidade de trabalhar com sindicatos patronais. “Descortinou-meMe descortinou algumas coisas, como ‘ah, então é isso que acontece do outro lado’. [Além disso, ficaram claras as disputas] com relação ao empregador e a como lidar com os empregados, com aumento salarial, com o movimento da economia”, comenta sobre o conhecimento estratégico que adquiriu sobre negociações entre sindicatos patronais e de trabalhadores.

Recém-formada, Flávia foi encorajada a fazer uma especialização. Uma de suas chefes no centro das indústrias de Feira de Santana havia acabado de realizar um curso de pós-graduação em Economia e Gestão Pública pela UEFS, e recomendou que Flávia tentasse uma vaga. O curso não era gratuito, mas Flávia era ex-estudante e acabou conseguindo uma bolsa de 50% por bom desempenho na graduação. Assim, ela pôde incrementar o currículo com um título que faria diferença na hora de alçar novos voos profissionais.

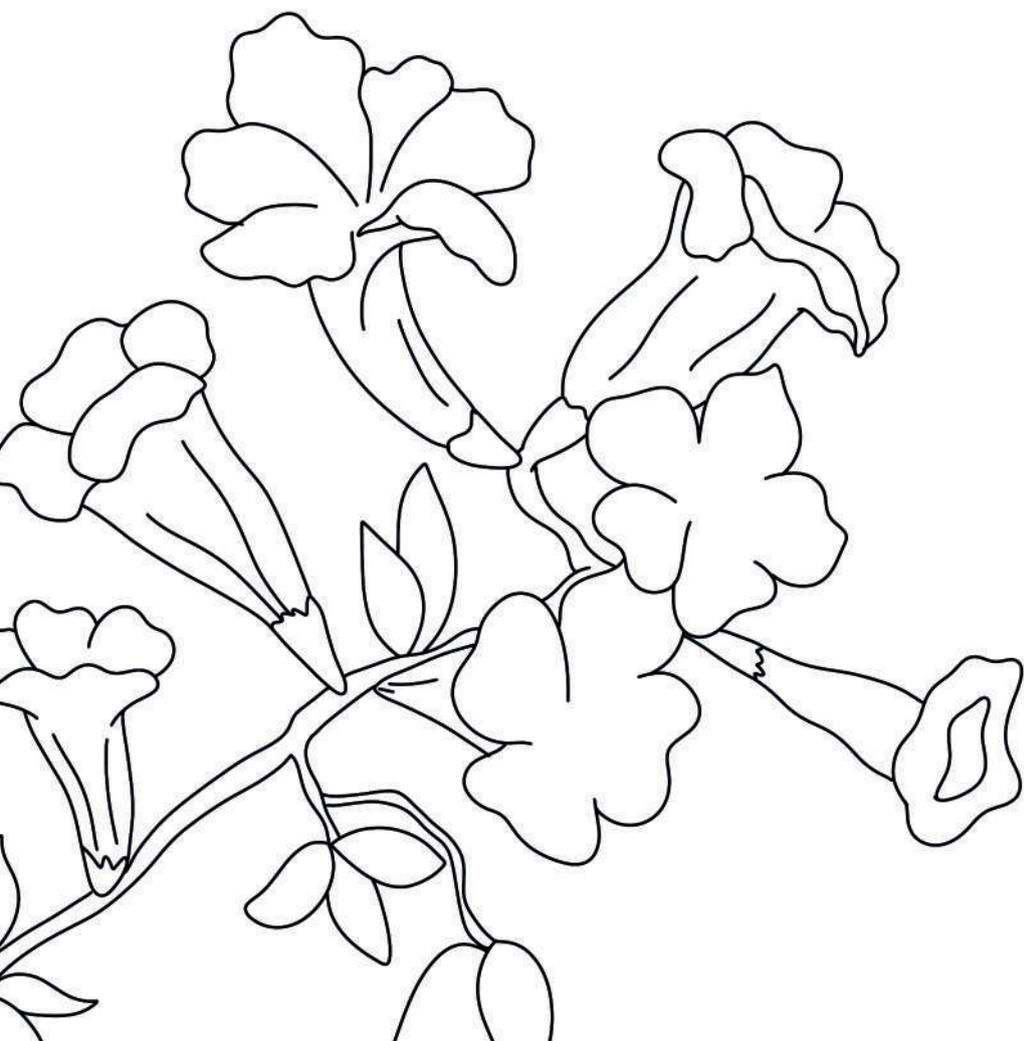


*“Me assusta e acalma
ser portadora de várias almas
de um só som comum eco
ser reverberante
espelho, semelhante
ser a boca
ser a dona da palavra sem dono
de tanto dono que tem”
Poema de Elisa Lucinda.*



ATO 3

GERMINAÇÃO



Capítulo 4

Laboratório do Instituto Gonçalo Moniz – Fiocruz Bahia

Após quase quatro anos de trabalho no centro das indústrias de Feira de Santana, Flávia decidiu começar a estudar para concursos públicos. “Era difícil encontrar boas vagas de emprego no interior da Bahia, e Feira de Santana é eminentemente comercial. Os melhores cargos eram para engenheiros, químicos, não para a minha formação”, comenta.

36

Um desses concursos foi um edital da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) com cerca de duas mil vagas para várias regiões do país. A instituição, que ganhou destaque na mídia pelo seu papel estratégico na produção de uma das vacinas contra a Covid-19, tem mais de 120 anos de história. Ao longo de sua existência, a Fiocruz também foi um dos principais centros de pesquisa para o enfrentamento de outros grandes desafios, como a pandemia de Influenza A(H1N1) e as epidemias de zika e microcefalia¹².

Quando decidiu concorrer a uma posição na Fiocruz, Flávia já havia participado de muitos outros concursos, sem sucesso. “Eu já estava até cansada, mas tinham seis vagas para Salvador com perfil de administração, então eu fui”, afirma. Ela conta que o concurso da Fiocruz incluía uma prova de título. Isso quer dizer que o processo de seleção levava

12. Fonte: <https://portal.fiocruz.br/historia>

em conta a formação educacional e profissional dos candidatos. Por conta disso, o diploma de especialização em Economia e Gestão Pública ajudou a alavancar a colocação da administradora.

Flávia tomou posse como servidora pública no Laboratório de Patologia e Biointervenção do Instituto Gonçalo Moniz (Fiocruz Bahia) em 2007. “Lá, eu vivenciei e aprendi a administração de projetos de saúde na prática”, conta. A equipe tinha cerca de seis pesquisadores, mas ao todo eram mais de 70 pessoas envolvidas no trabalho do dia a dia. Flávia atuava na organização, no planejamento e no controle de projetos de pesquisa.

A primeira impressão de Flávia foi de surpresa ao ver que, na organização, existiam pessoas mais jovens que ela cursando mestrado e até mesmo doutorado em suas áreas de especialidade.

Ela afirma que isso serviu de espelhamento para que também pudesse se sentir capaz de continuar estudando. “Eu pensei: conheço essas pessoas, trabalho com elas o dia todo, dialogo com elas, discuto problemas de um nível equilibrado. Se elas têm habilidade para isso, eu também tenho”, conta sobre a abertura de horizontes para a carreira acadêmica que começava a criar forma em seu imaginário.

Capítulo 5

Cafezinho

A bióloga Silvana da Paz entrou na Fiocruz pelo mesmo concurso que Flávia. As duas se conheceram logo no exame de admissão e daí em diante passaram a construir uma amizade. “A gente se encontrava

e se reunia na hora do almoço, na pausa para o cafezinho”, comenta Silvana.

Natural de Salvador, Silvana começou a atuar na área de análises clínicas antes mesmo de entrar na faculdade. Ela concluiu o Ensino Básico em uma escola pública da capital baiana com diploma técnico em Patologia Clínica e logo começou a trabalhar.

A oportunidade de cursar o Ensino Superior veio sete anos depois, quando pôde se comprometer com o financiamento do curso de Biologia em uma instituição de ensino privada, que oferecia o curso no período noturno. “Minha realidade é que eu precisava trabalhar e estudar, então estudei financiada pelo FIES”, conta. Silvana diz que, após se formar em 2003, levou nove anos para quitar o financiamento.

38

No início do trabalho na Fiocruz, a soteropolitana foi uma referência para a amiga recém-chegada à capital, e isso estreitou ainda mais os laços entre as duas, que costumavam passear pelos arredores do Instituto Gonçalo Moniz após o expediente.

Por mais que não trabalhasse diretamente com Flávia, Silvana pôde perceber algumas características profissionais da administradora por meio da convivência cotidiana. “Ela sempre foi muito questionadora. ‘Por que tem que ser desse jeito? O que a gente pode fazer diferente? O que pode melhorar?’”, diz sobre a postura da amiga no trabalho.

Cinco anos depois, em 2009, o grupo ganhou uma nova integrante: a então estudante de farmácia Ana Paula Pacheco. Seu pai trabalhou na Fiocruz como biólogo, até que precisou se afastar por questões de saúde. “Ele tinha um sonho de eu também entrar aqui na Fiocruz e fazer o mestrado que ele

não pôde fazer, o doutorado que ele não pôde fazer”, conta a farmacêutica.

Os relatos do pai aguçaram a curiosidade da filha em relação às possibilidades de aprimoramento profissional ofertadas naquele espaço. Com essa referência, durante a graduação, Ana Paula optou por realizar uma iniciação científica na Fiocruz Bahia para desenvolver estudos sobre doença falciforme.

Ana Paula trabalhava com Silvana no Laboratório de Patologia e Biologia Molecular (LPBM) da Fiocruz Bahia. Nos intervalos, a novata era convidada a se juntar às colegas veteranas. “Silvana ia, carregava a caixinha com as coisas do café e [dizia] ‘bora, Paulinha, vamos para a copa’. Aí lá eu conheci Flavinha”, conta Ana Paula.

Segundo ela, as amigas já eram bastante unidas e transmitiam em suas falas “uma formação política e um conhecimento mais amplo do que era a instituição”. Confessa que, talvez por isso, tenha chegado ao grupo de forma tímida. Não conversava muito, mas escutava com atenção o bate-papo entre as colegas.

Em meio ao entusiasmo do primeiro contato profissional com a organização, tão elogiada por seu pai, Ana Paula teve o primeiro choque de realidade convivendo com Flávia e Silvana. “Não era como eu estava idealizando, né? Tudo é um ‘forfé’¹³ bem maior do que aquilo que se apresenta. Mas eu também achava isso tudo tão interessante! [Pensava] ‘ô, meu Deus, como é que elas sabem tanto?’”, declara.

13. “Forfé” significa “confusão”, em contexto coloquial, segundo o dicionário Michaelis.

Capítulo 6

Associação dos Servidores da Fundação Oswaldo Cruz (Asfoc)

40

Flávia e Silvana contam que, logo que chegaram à Fiocruz Bahia, foram apresentadas à Associação dos Servidores da Fundação Oswaldo Cruz (Asfoc) em um evento dedicado aos novos servidores. As amigas, que já haviam passado por outras organizações, e viam o sindicato como uma forma de proteção dos seus direitos como trabalhadoras, não pensaram duas vezes ao se sindicalizarem.

A administradora lembra que nem sempre foi tão articulada e participativa dentro da Asfoc. Ela conta que, durante as primeiras reuniões, ficava mais como ouvinte. Aos poucos, foi percebendo que aquele poderia ser um espaço para compartilhar suas experiências e discutir os desafios do trabalho como servidora. “É um local de ampliar conhecimento e de dividir o peso de certas angústias, perceber que se pode fazer algo sobre o que antes [aparentemente] não se podia fazer nada”, afirma Flávia.

Segundo ela, a Asfoc teve um impacto muito forte em sua caminhada como servidora. Apesar do contato anterior com sindicatos patronais em seu emprego anterior, a servidora diz que foi na Asfoc que aprendeu de fato a mobilização sindical, afinal passou a ter contato com a articulação por parte dos trabalhadores.

Ainda sobre os impactos que a Associação gerou em sua trajetória, ela vai além. “Ela [a Asfoc] permite que eu saia do meu lugar só de trabalhadora e olhe de cima. Eu olho o cenário da minha organização, mas eu posso olhar o cenário nacional do país, como é que está se configurando a geopolítica e onde eu estou dentro desse redemoinho”, explica.

Outra parte importante, segundo ela, são as trocas com profissionais de áreas diversas. “Dentro do sindicato, eu estou conversando com profissionais da biologia, da farmácia, de línguas, da psicologia, então cada pessoa traz uma vertente, às vezes totalmente fora do meu escopo de imaginação”, conta.

Com a experiência de organização coletiva, ela também diz reviver muitos dos aprendizados que traz consigo a partir de sua origem sertaneja. Um deles é o acolhimento de quem está no “mesmo barco”, ainda que haja algum embate. “Muitas vezes as formas de reivindicação das outras pessoas são diferentes. Eu posso até discordar e achar que sejam inapropriadas, mas é [o exercício de] entender que são todas legítimas e conseguir, aos poucos, compreender aquele ponto de vista”, declara Flávia.

Entre as experiências marcantes para a administradora dentro da militância sindical, estão as marchas a Brasília. A Asfoc costuma organizar nacionalmente carreatas até a Esplanada dos Ministérios, a fim de levar as reivindicações dos trabalhadores diretamente aos representantes do Governo Federal.

“Eu descobri como o servidor é visto. Isso me impactou bastante”, declara Flávia sobre sua primeira ida a uma manifestação em Brasília, cerca de cinco anos após ter se tornado servidora. Ela diz que não imaginava dar de cara com a força policial munida de

todo o seu aparato logo no início do ato. “O Ministério da Saúde estava cercado de policiais armados de uma forma que eu digo: ‘gente, chamaram a SWAT, o FBI?’ Eu não sabia que era daquele jeito. Talvez por inocência minha, porque eu não imaginava que o movimento sindical gerasse tanta apreensão do governo”, declara.

Adilson da Hora Sampaio, também servidor da Fiocruz, esteve ao lado da administradora em muitos momentos como esse. Os dois já se conheciam antes da Fiocruz. Assim como Flávia, Adilson também se formou em Administração pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e lembra de ter cursado algumas disciplinas com a colega. Na Asfoc Bahia, ambos se tornaram bastante ativos no sindicato.

Adilson destaca as movimentações por reajuste de salário que culminaram em um acordo com o então governo Dilma, no final de 2012. “Teve uma reunião e uma luta histórica dos servidores em Brasília. Conseguiu levar muitos sindicatos do país”, comenta.

Naquele ano, a Asfoc coordenou uma greve nacional que durou 21 dias ao longo do mês de agosto. Adilson lembra que, no início das manifestações, o governo não previa nenhum tipo de correção. A alegação era de que “a Fiocruz não estava entre as categorias com os salários mais achatados”, segundo o Jornal da Asfoc de outubro de 2012¹⁴.

O sindicato reivindicava um aumento de 22,08% para todos os servidores, mas acabou por aceitar uma oferta de reajuste de 15,8%, a ser pago em três vezes até o ano de 2015¹⁵. Ainda que alguém do esperado,

14. Fonte: <http://www.asfoc.fiocruz.br/OldSite/publi/jornal/pdf/JORNAL%20DA%20ASFOC%20-%20OUTUBRO%202012%20final.pdf>

15. Fonte: <https://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/08/servidores->

o acordo foi considerado uma vitória pelo sindicato.

Localmente, o trabalho maior era coordenar as paralisações. “Eu vi o preço do que é negociar internamente entre os pares uma escala reduzida de trabalho para poder fazer a greve”, conta a administradora. Ela afirma que sempre trabalha para convencer os colegas a colaborarem quando há alguma paralisação planejada. No entanto, reconhece que muitas vezes é um desafio argumentar com os mais resistentes, pois sabe que os resultados nunca são garantidos e costumam vir a longo prazo.

Outra tarefa difícil, segundo ela, é persuadir os alunos de pós-graduação, que atuam em conjunto às equipes, mas não possuem vínculo permanente com a Fiocruz. “O problema é sempre do vizinho, até que chega na nossa porta”, declara, ao lembrar as reflexões que costuma levantar junto aos estudantes.

Aí entram também as orientações de ordem prática. Flávia diz insistir para que haja uma mobilização, ainda que as pesquisas não possam ser interrompidas. “Não é normal, é paralisação, então tem que vir o grupo reduzido. ‘Ah, mas eu tenho isso’. Eu digo: ‘então, você vai olhar o experimento dele e vamos fazer a troca, aí cada dia vem um, senão desconfigura’”, exemplifica.

Segundo Flávia, mesmo que alguns trabalhadores não participem ativamente das mobilizações do sindicato, eles encontram na Asfoc pessoas com quem conseguem compartilhar angústias, tirar dúvidas e obter contrapontos sobre assuntos que estejam em pauta. “Se existe um mito de um grevista sem instrução, desescolarizado, não é o caso.

Muito pelo contrário. É uma mobilização social e sindical de um público altamente capacitado”, afirma. Ela ainda lembra que todos os integrantes do sindicato são servidores ativos e que a militância na Asfoc é um trabalho voluntário.

A administradora diz que percebe um descrédito em relação às demandas dos servidores atualmente. Ela identifica um certo estigma segundo o qual funcionários públicos seriam acomodados e privilegiados.

Algumas declarações do próprio governo sustentam essa percepção. Em 2020, por exemplo, houve um episódio bastante emblemático. Durante uma fala sobre reforma administrativa, o ministro da economia Paulo Guedes comparou os funcionários públicos brasileiros a parasitas que estariam se alimentando do Estado. “O hospedeiro está morrendo, o cara virou um parasita, o dinheiro não chega no povo e ele quer aumento automático”¹⁶, declarou.

A partir de sua experiência, Flávia afirma que o estigma de que funcionários públicos são acomodados e altamente privilegiados não condiz com a realidade. “Ali tem servidor comprometido. Eu vejo pessoas trabalhando até tarde da noite ou levando trabalho para casa para fazer a coisa acontecer”, declara.

Sobre os supostos privilégios da categoria, ela lembra que os salários mais altos do funcionalismo público contemplam uma minoria, e afirma que, pelo o que observa entre os pares, existe um grande grupo de servidores cuja remuneração está bastante defasada em relação ao que entregam.

16. Fonte: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/02/07/paulo-guedes-compara-funcionario-publico-a-parasita-ao-defender-reforma-administrativa.ghtml>

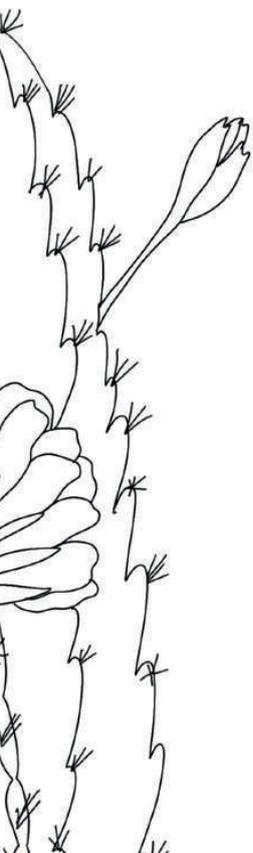
Dados organizados pelo Atlas do Estado Brasileiro, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), mostram alguns recortes que evidenciam a desigualdade na remuneração dos funcionários públicos no país. Entre os níveis da federação, servidores municipais recebem os menores salários, uma média de R\$ 2,9 mil, os estaduais ganham R\$ 5 mil em média e os federais, R\$ 9,2 mil em média¹⁷.

Também há uma discrepância entre os três poderes. O salário médio de um servidor do Executivo é de R\$ 3,9 mil, o de um funcionário do Legislativo, R\$ 6 mil e de um servidor do Judiciário, R\$ 12 mil.

A fonte utilizada na pesquisa é a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), solicitada pelo Ministério do Trabalho e Previdência brasileiro às pessoas jurídicas e outros empregadores anualmente. Os números correspondem ao ano de 2017, última vez que o governo havia concedido reajuste a todos os servidores públicos¹⁸ até o momento da conclusão deste livro.

17. Fonte: <https://www.ipea.gov.br/atlasestado/indicadores>

18. Fonte: <https://www.poder360.com.br/economia/por-reajuste-servidores-federais-convocam-assembleia-para-4a/>



*“Nem tudo que vende
Vem de mim ou vende nós*

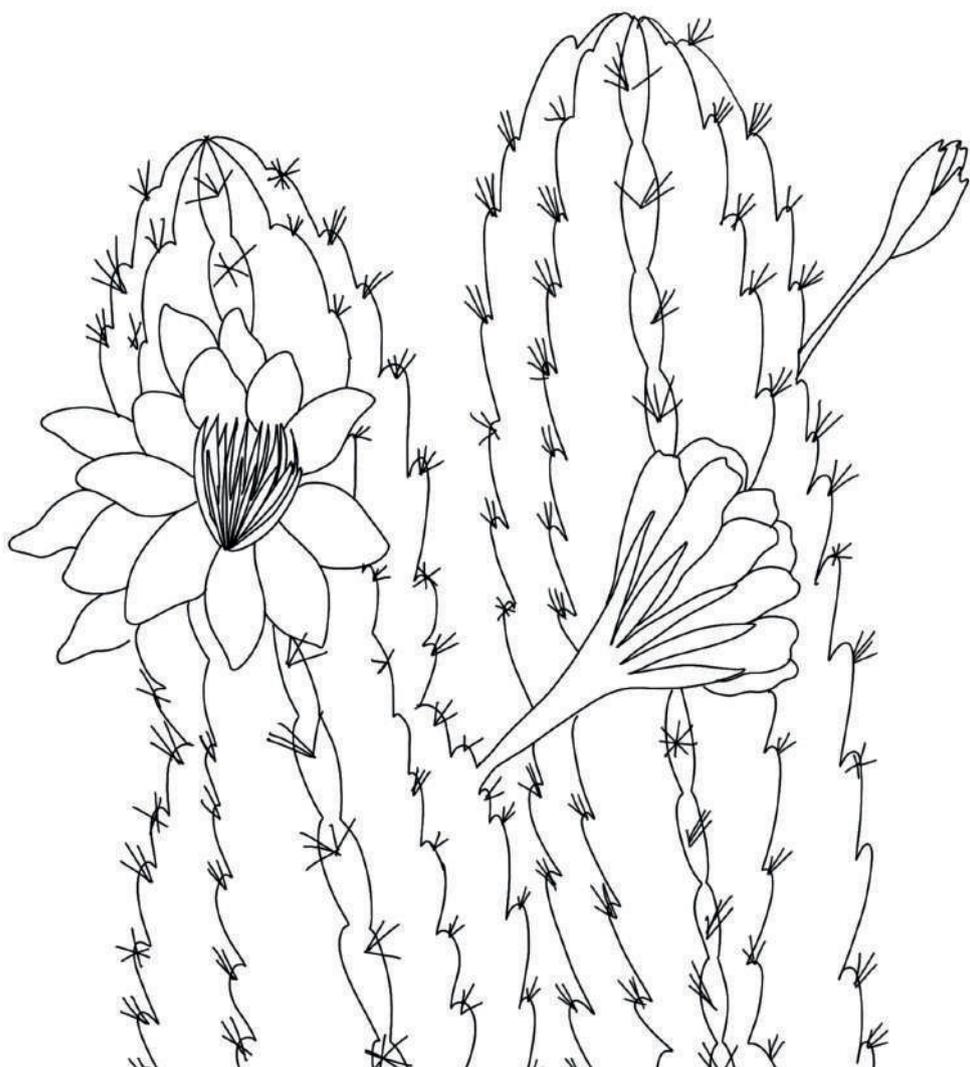
De nós

É ancestral”

Canção “Dispara”, de Linn da Quebrada.

ATO 4

FLORADA



Capítulo 7

Serviço de Planejamento

Flávia estava um pouco inquieta com as atividades que realizava na parte administrativa do laboratório, segundo a amiga Silvana, que à época trabalhava no mesmo pavilhão. Ela explica que o trabalho, mais voltado para a área de secretaria, pouco tinha a ver com o campo de estudo e atuação da administradora.

A rotina era composta por atividades como atender telefone, receber material, entrar em contato com fornecedores, fazer compras e direcionar pagamentos. “A gente sentia que ela queria mais e podia mais também, pela própria formação dela”, comenta Silvana.

Flávia conseguiu uma transferência para o serviço de planejamento da unidade em 2014, depois de oito anos de trabalho no laboratório. “Os pesquisadores começaram a me conhecer como a servidora que trabalha no planejamento e a tirar suas dúvidas”, comenta a administradora.

“Lá, eu me descobri analista de planejamento, cuidando do orçamento da Fiocruz Bahia, da Cooperação Internacional... Foram novos conhecimentos agregados à minha formação”, diz Flávia.

O primeiro ano na nova posição foi agitado e cheio de novidades. Ainda em 2014, Flávia foi eleita para o Conselho Deliberativo da Fiocruz Bahia, como representante da categoria dos Analistas de Gestão em Saúde Pública.

Segundo Flávia, seu engajamento no dia a dia, principalmente durante as mobilizações e palestras do sindicato, foi fundamental para torná-la uma figura conhecida entre os profissionais da unidade baiana. “Isso fez com que pensassem assim: ‘eu acho que Flávia é uma pessoa boa para estar nesses lugares dialogando e propondo soluções’”, afirma a analista, sobre as portas que lhe foram abertas a partir dessa exposição.

“Flávia é uma pessoa politizada, uma pessoa que lê, que discute, que argumenta. Ela não vai na onda, ela procura entender o contexto para poder criar os próprios argumentos dela”. É assim que Silvana diz enxergar a amiga, e sua percepção é bastante semelhante à de outros colegas.

A também antiga colega de laboratório, Ana Paula, define a administradora como uma pessoa comprometida com suas ideias e que sabe transmiti-las. “É uma pessoa que sabe trazer os temas, trabalhar os temas, se articular. Ela tem muita lucidez no que traz”, afirma.

A maneira contundente com que Flávia se posicionava também ganhou destaque nas votações do sindicato, que tradicionalmente abrem espaço para falas. “Às vezes uma pessoa que tem uma origem diferente, um olhar diferente, aquilo pode acordar uma multidão. A Flávia era sempre atuante nesse sentido, ela trazia uma outra voz e argumentava”, diz Adilson, que em 2014 ocupava o posto de Coordenador de Atividades Associativas do Sindicato dos Trabalhadores da Fiocruz (Asfoc) na Bahia.

Flávia diz que percebia as discussões do sindicato um pouco mornas, e achava que para que o debate avançasse, era preciso que alguns espaços fossem

ocupados por grupos mais diversos. Uma das movimentações foi trazer mulheres do seu entorno para as passeatas nacionais. “As mulheres, em geral, não iam para as mobilizações em Brasília, porque não se imaginavam viajando com os homens do sindicato. Falei: ‘a gente junta o clube das garotas e vai ter o nosso quarto. A gente vai ter uma mobilização!’”, conta a administradora, que diz ter tido o apoio de outros colegas sindicalizados para colocar assuntos como esse em pauta.

Em 2015, Flávia foi novamente eleita como representante pelos colegas. Dessa vez, para participar do 7º Congresso Interno da instituição em nome de toda a Fiocruz Bahia. “Ali se abriram possibilidades e caminhos de conhecer a imensidão da Fiocruz e ter o ponto de vista de outros colegas. Para mim, o Congresso Interno é um grande atalho de entendimento, de compartilhamento. É algo que soma muito às nossas carreiras”. Segundo Flávia, a experiência ampliou seus conhecimentos sobre o funcionamento da instituição, assim como suas conexões com servidores de outras regiões do país.

Capítulo 8

Vice Diretoria de Pesquisa & Desenvolvimento Tecnológico

Flávia diz estar sempre em busca de algum aprendizado. “Sempre tive um instinto de mudar de atividades.

Quando eu percebia que chegava num platô para mim, de conhecimento e de dinâmica, logo reivindicava um novo desafio”, declara. Com cerca de dois anos de trabalho na área de planejamento, ela percebeu que vários servidores haviam pedido exoneração da equipe da diretoria e viu aí uma oportunidade.

A administradora identificou que tinha um histórico interessante para assumir uma posição na equipe gestora da Fiocruz Bahia. Ela já havia passado pelas áreas de pesquisa em laboratório e de planejamento. Portanto, conhecia bastante sobre o funcionamento da instituição. Havia ainda um histórico de contato com as demandas internas. “Eu levava uma bagagem muito boa, em especial a de escutar os meus colegas pesquisadores. Eu conhecia as dificuldades que os laboratórios encontravam”, afirma.

Flávia, então, comunicou seu desejo a Marilda de Souza Gonçalves, que à época assumia o cargo de vice-diretora de pesquisa da instituição. Em 2016, Marilda não só convidou a administradora a fazer parte da vice-diretoria de pesquisas (IGM) como também se mobilizou para garantir que o pedido de transferência fosse aceito.

A então vice-diretora entrou em contato com a chefia de Flávia na época e facilitou a transição da colega. “Eu sempre fui muito de conversar com as pessoas, e aí você vê qual o perfil, em qual lugar aquela pessoa se adequa melhor. Às vezes você nem percebe que está fazendo tanta diferença na vida de alguém”, comenta Marilda.

Flávia também diz se surpreender com o impacto que pequenas ações do seu cotidiano geram, por vezes, nas trajetórias de pessoas que cruzaram seu caminho. “Eu já tive a felicidade de conversar com

uma pessoa e ela dizer: ‘olha eu fiz mestrado por tua causa’. Eu digo: ‘mas por quê?’. Ela: ‘porque você me disse que era para eu fazer a prova e, se eu passasse, depois eu decidiria se faria ou não a matrícula’”, conta.

Pouco a pouco, Flávia fez de sua experiência e sua posição profissional trampolins para a sua carreira e para a de outras pessoas. “Enquanto mulher negra, a gente fica como Oxossi, o orixá. É uma flecha só e a flecha dele é certa. Mas agora meu arco deixou de ter uma flecha só, eu tenho mais possibilidades. Viva às minhas escolhas! Quero mirar em algo diferente ou continuar atirando várias flechas no mesmo alvo para acertar a mira? E que tal também dizer para alguém: ‘olha, está acontecendo tal coisa e você tem o perfil. Vai lá que dá certo!’”, comenta.

Boa parte da mobilização cotidiana de Flávia se dá nas atividades voluntárias que a administradora exerce por intermédio da Fiocruz. A principal delas é o trabalho de análise e consultoria que realiza para projetos de pós-graduação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb).

52

“Quando tenho a oportunidade de ser voluntária na Fapesb e ver boas ideias de mulheres baianas ali se movimentando, eu digo: ‘lógico, serei voluntária nisso!’”, acrescenta. Flávia procura incentivar que as pesquisas promovam algum impacto social para a região onde são produzidas. “Para mim, é sobre ajudar um pesquisador que está fazendo um trabalho que vai ter um impacto social no bairro de São Marcos, em Salvador[, por exemplo]. Existe uma reciprocidade quando um pesquisador faz um trabalho que impacta numa área socialmente vulnerável”, afirma.

Flávia se considera uma ativista, mas traz uma ressalva. Ela diz não corresponder à imagem que

sempre atrelou à palavra, de alguém que se doa intensamente para as causas sociais. “Eu tenho uma oportunidade de ativismo e acredito que ele pode acontecer de uma maneira suave, até para o meu equilíbrio emocional e minha sobrevivência. Minha concepção de ativismo é o intervalo do café. Ele vai ter uma piada, mas vai ter uma reflexão sobre os nossos afazeres de trabalho e sobre o que queremos para nossa vida pessoal, profissional, em grupo... E vamos evoluindo para questões da sociedade”, comenta.

Segundo ela, essa atuação do cotidiano é importante, pois ocupa algumas brechas que ações mais estruturadas, como as políticas afirmativas, podem não alcançar. “O que faz uma pessoa indígena permanecer ou abandonar a pós-graduação?”, ela questiona. Segundo Flávia, a permanência estudantil é um dos fatores que vão para além dos mecanismos formais de inclusão. “Eu entendo que quem trabalha no entorno está mais perto para ver [as dificuldades enfrentadas pela pessoa] e atuar”, afirma.

Capítulo 9

Pós-graduação, pesquisa e inovação

Ainda em 2016, Flávia foi aprovada para o mestrado profissional em Administração. “Uma inquietude que existia entre os analistas era a de seguir com a formação acadêmica”, comenta a servidora. Flávia escolheu a gestão de conhecimento como temática e, com seu projeto, teve a oportunidade

de participar do projeto que a escola corporativa da Fiocruz desenvolve em parceria com a Universidade Federal da Bahia (UFBA).

A realização de mestrado e doutorado é algo comum entre os servidores da Fiocruz. Maria Celeste Emerick, que trabalha junto à presidência da instituição no Rio de Janeiro há quase 40 anos, lembra que a capacitação contínua faz parte da Fiocruz desde seus primórdios. “A Fiocruz já foi criada no tripé pesquisa, ensino e produção”, afirma.

Em 2017, Flávia assumiu de forma voluntária a coordenação do Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT) pela Fiocruz Bahia. O núcleo nasceu a partir da pesquisa de mestrado de Celeste, que propôs uma forma descentralizada de resolução de problemas complexos dentro da instituição, trazendo representantes de todas as unidades para contribuírem com os debates.

A respeito de seu contato com Flávia, Celeste diz que se surpreendeu positivamente com a atuação da administradora no núcleo. “A unidade da Bahia sempre mandou pessoas fortes, com capacidade de pegar o microfone e contribuir para o debate, mas quando chegou Flávia foi uma coisa assim de iluminar! Ela chega em uma mesa e a forma de se apresentar já destaca pela segurança. É uma pessoa que chega dizendo a que veio, se posicionando”, afirma.

“O Sistema GESTEC-NIT¹⁹ trouxe para mim as

19. Sistema Fiocruz de Gestão Tecnológica e Inovação, que “propõe o uso inteligente do Sistema Internacional de Propriedade Intelectual no que se refere à proteção dos resultados de pesquisas da Fiocruz, à transferência de tecnologia e à busca de parcerias para o desenvolvimento de produtos ou serviços que atendam aos interesses da saúde pública”. Fonte: <https://portal.fiocruz.br/gestao-tecnologica>

ferramentas de gestão tecnológica. Foi uma ampliação de olhar”, afirma Flávia sobre as reuniões que aconteciam na sede da Fiocruz, no Rio de Janeiro.

Flávia acredita que seu senso crítico tem a ver com sua atuação social e suas experiências de engajamento político, mas também vai para além disso. “Nesse meu ímpeto de falar de ciência e tecnologia, eu só estou sendo assertiva, não é militância naquele momento. Mas às vezes as coisas se confundem e isso logicamente impacta a minha carreira, porque [na Fiocruz] queremos uma pessoa altamente crítica em todas as esferas”, explica.

A administradora, que deu continuidade aos estudos da pós-graduação enquanto trabalhava, concluiu seu mestrado em 2018. Nos dois anos de estudo, além do título acadêmico, Flávia também ganhou uma amiga importante.

Gláucia Barbosa é chefe do Serviço de Gestão do Trabalho (SGT) da Fiocruz Pernambuco e foi colega de sala de Flávia durante o mestrado. “Ao longo do curso a gente saía junto, a gente conversava, e eu percebi que a Flávia tinha um conhecimento grande sobre a Fiocruz mesmo estando numa regional. A gente conseguia dialogar muito bem, então eu acho que foi daí que veio a nossa amizade”, conta Gláucia.

As atividades do mestrado, somadas às horas de trabalho, oficial e voluntário, começaram a pesar na rotina de Flávia. Por um momento, ela se viu em um beco sem saída. “Se dar ao luxo de deixar passar oportunidades, apesar do cansaço, apesar do momento familiar, apesar de várias coisas, é um dilema. É algo que é muito angustiante, às vezes, de responder”, afirma.

Ela conta que, naquele momento, acabou estabelecendo metas muito altas para todas as áreas

de sua vida. A administradora chegou a um nível de exaustão que não está mais disposta a enfrentar. “Vi que saúde mental e física é uma prioridade e saúde do espírito também”, conta.

Na época, uma mulher importante para a trajetória de Flávia também se deparava com os desafios de suas novas atribuições. A pesquisadora Marilda Gonçalves, que facilitou a transferência de Flávia para a vice-diretoria, completava seu primeiro ano como diretora da Fiocruz Bahia, cargo mais alto da unidade. “Eu nunca tracei metas de ser diretora, mas chega um momento que você percebe que é importante, porque não é só você, né? É como se junto com você tivessem muitas outras pessoas”, afirma a diretora.

Nascida em Salvador, Marilda é filha de uma dona de casa e de um supervisor de produção da Petrobras. Segundo ela, o estímulo aos estudos sempre esteve presente em casa.

“Minha mãe, apesar de não saber, era muito feminista. Tinha aquela coisa de dizer que a educação era importante para a conquista da nossa liberdade como pessoa. Tanto minha mãe quanto meu pai sempre estimularam essa independência”, conta.

Todos os irmãos de Marilda possuem nível superior. A pesquisadora se formou em Farmácia Bioquímica na Universidade Federal da Bahia (UFBA) no ano de 1980 e conta que se tornou professora da universidade três anos depois, a tempo de dar aula para alguns de seus antigos colegas de curso.

A partir dali, Marilda pôde dar continuidade à sua carreira acadêmica, com uma segunda graduação e especialização na UFBA, mestrado e doutorado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp),

doutorado sanduíche²⁰ no Medical College Of Georgia e um pós-doutorado na Universidade da Pensilvânia, ambas instituições nos Estados Unidos.

A pesquisadora, reeleita para a diretoria em 2021, foi a primeira mulher a ocupar o cargo na unidade baiana, integrada à Fiocruz desde 1957. Ela destaca que a instituição vive um momento importante, com a chegada de mulheres em posições de liderança, inclusive a presidência, com a socióloga Nísia Trindade Lima também em seu segundo mandato (2021-2024).

No entanto, ainda há muito o que avançar quando se trata de equidade. “Das pesquisadoras [da Fiocruz Bahia], eu sou a única mulher negra. Como um todo, nós temos dois negros, eu e mais um pesquisador. Das servidoras, temos umas quatro mulheres negras. Mesmo com todas as políticas afirmativas que têm sido implementadas, nós ainda temos dificuldade de encontrar pessoas negras nesses cargos mais elitizados”, conclui Marilda.

Mais do que uma referência profissional, Flávia diz que a diretora é seu maior ponto de apoio dentro da instituição. Como exemplo, a administradora cita o incentivo de Marilda a sua mais nova empreitada, como coordenadora para cooperação internacional do instituto. “Mesmo que eu nunca tivesse exercido a cooperação internacional, ela disse ‘vai!’. Foi uma pessoa que escutou alguns desejos meus. Eu tenho ela como uma grande patrocinadora, por permitir essa minha mobilidade dentro da organização”, afirma.

20. Programa de estudos no qual o doutorando realiza parte de seu trabalho em uma universidade no exterior. Fonte: <https://guiadoestudante.abril.com.br/universidades/doutorado-sanduiche-entenda-como-funciona/>

Marilda também foi muito importante para a carreira da pesquisadora e farmacêutica Ana Paula, uma das amigas de Flávia da época do laboratório. Naquele seu primeiro contato com a Fiocruz, por meio de uma iniciação científica, Ana Paula estava sob a orientação de Marilda, que era sua professora de hematologia na UFBA.

Assim que Ana Paula se tornou servidora da Fiocruz, deu início a um mestrado. Ela conta que estava muito animada para realizar o sonho que havia herdado do pai, antigo servidor da unidade, mas acabou vivendo um pesadelo.

Ela lembra que vivia entre a sala de aula, o laboratório e a biblioteca. Chegava à Fiocruz Bahia por volta das seis da manhã e só saía de lá às 20h. No sábado e no domingo, voltava para fazer experimentos. “Teve uma aula de didática que eu me lembro como se fosse hoje. Eu tive uma crise de enxaqueca que eu nunca tinha tido e os colegas precisaram me levar para a emergência”, relata.

Além da sobrecarga, ela conta também que enfrentou uma forte resistência de superiores em relação aos seus estudos. “Foi terrível. Na gestão da época, eu não encontrei nenhuma facilidade para poder continuar as duas coisas, [o trabalho como servidora e o mestrado]. Me disponibilizei a pagar toda a carga horária, chegar mais cedo, sair mais tarde e vir no final de semana, mas nada era suficiente”, conta a pesquisadora, que afirma ter sido pressionada a escolher entre deixar a pós-graduação ou ser exonerada.

Ana Paula precisou contratar um advogado e entrar com uma ação na Justiça para poder concluir o mestrado. Em meio ao tumulto, ela afirma que Marilda foi fundamental para a sua permanência tanto como

aluna, quanto como servidora. “Eu desabafava, chorava... A prof^a Marilda era como uma mãe. Ela me dava muita força para persistir, conversava muito comigo. Se eu não tivesse o apoio dela naquele momento, eu acho que não teria nem força de reação”, declara.

O suporte segue firme até hoje. Segundo Ana Paula, Marilda é “extremamente ocupada”, mas sempre arruma um tempinho para atender quem precisa. “Ela se diferencia totalmente dos pesquisadores daqui. Tem o intuito de ensinar, de te proporcionar experiências. Ela não se desliga da questão humana e está sempre disponível, a qualquer momento que a gente precisa”, afirma a pesquisadora.

Marilda, por sua vez, afirma equilibrar muitos pratos, mas tudo no seu próprio ritmo. “Tenho um atendimento personalizado com as pessoas que me procuram e que têm problemas. E ainda tem a família, né? Que a gente não pode perder de vista. Então, eu acho que é uma equação bastante complexa, mas que com calma dá para administrar. Acho que sou uma pessoa muito tranquila, vou fazendo cada coisa na sua hora”, conta.

Ela afirma que, como muitos trabalhadores, tem enfrentado uma jornada de trabalho sem um limite concreto de horas. Segundo a diretora, a situação se agravou desde a profusão de reuniões online que surgiram com o home office forçado, no início da pandemia de Covid-19.

As mensagens, que chegam a qualquer momento, também se tornaram uma questão. Na tentativa de colocar um freio nas demandas, ela passou a programar uma mensagem para quem entra em contato pelo celular, avisando que está dormindo a partir de certo horário.

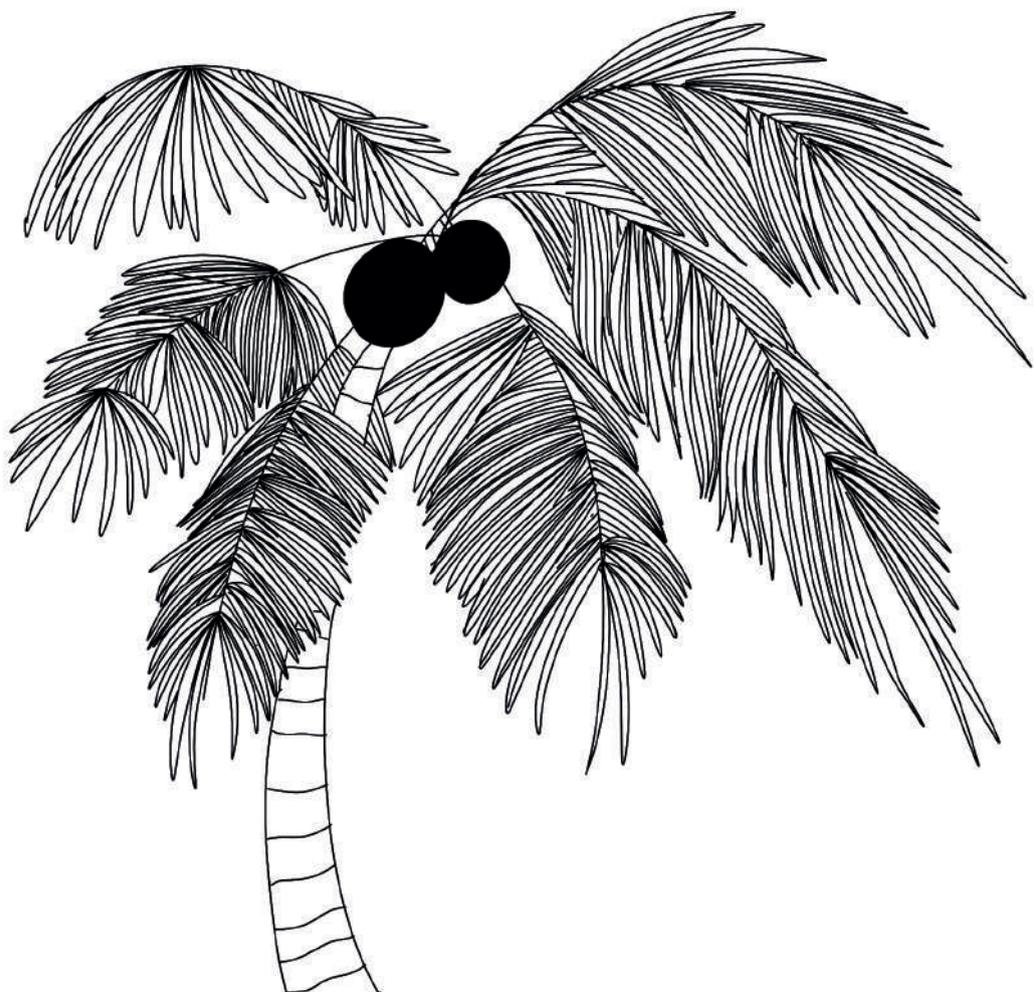
Nas horas em que não está trabalhando, Marilda gosta de praticar seu hobby preferido: a leitura. Além disso, aprecia também o ritual de ir ao cinema e o contato com os amigos. “Tenho um grupo de amigas que são muito queridas. Esses grupos do WhatsApp também são bons, né? Porque você tem notícia de todo mundo, se alguém não se comunica, a gente já procura saber o que está acontecendo”, conta a diretora, sobre a rede de cuidado mútuo que cultiva cotidianamente.



*“Aceito que para a vida, eu vou com calma
Tanta gente panicada, meu tempo de boa é bom”
Canção “Boca”, de Liniker e Os Caramelows.*

ATO 5

COLHEITA



Capítulo 10

Apartamento de Feira de Santana e relações de cuidado

O primeiro caso de coronavírus no Brasil foi confirmado em fevereiro de 2020²¹. No mês seguinte, o Ministério da Saúde decretou o estado de transmissão comunitária do vírus e recomendou o isolamento a nível nacional²².

Flávia resolveu voltar a morar com a mãe durante esse período delicado. Dona Angélica, de 74 anos, diz que não estava se sentindo segura na casa onde cresceu e criou os filhos, na rua principal do bairro da Queimadinha, em Feira de Santana. Além disso, vinha se incomodando com o barulho das movimentações do dia a dia de um colégio inaugurado no terreno ao lado da casa.

Mãe e filha passaram a viver em um apartamento em um bairro vizinho da Queimadinha em Feira de Santana. “Com relação à Covid-19, ainda tenho muitos cuidados e também um pouco de receio dela. Então também tem um suporte emocional e psicológico. Eu entendo que é bom para as duas”, declara Flávia.

Quando concedeu a primeira entrevista para este livro, em fevereiro de 2022, a servidora da Fiocruz

21. Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-02/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-completa-um-ano#>

22. Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-03/covid-19-governo-declara-transmissao-comunitaria-em-todo-o-pais>

seguia trabalhando de forma remota na maior parte do tempo. Ela conta que, como coordenadora de cooperação internacional, faz muitas reuniões que ocorrem em horários diversos, dependendo do país de origem dos pesquisadores com quem está trabalhando.

Segundo ela, o trabalho costuma ocupar por volta de 70% do seu dia. Mas destaca que também se diverte trabalhando. “Em cada projeto, eu vejo a ideia de uma pessoa escrita num papel, vejo a metodologia, vejo as hipóteses e aquilo me instiga! Eu digo que não assisto a séries na televisão, porque eu já tenho aqui as séries científicas nos projetos”, comenta.

Flávia divide os outros 30% do tempo entre estudo e lazer. Ela conta que realiza estudos técnicos constantemente a fim de sedimentar conhecimentos e aprimorar seu trabalho, mas depois da experiência de sobrecarga na época de mestrado, Flávia tem tratado suas pausas como uma necessidade básica.

Ela conta que, aos poucos, começa a criar espaços de descanso. “Eu falei: não, espera aí, que eu tenho que achar uma forma de ser mais produtiva, mas mantendo meu bem-estar”, declara. Desde então, tem incluído várias atividades na rotina.

Flávia começou por livros de colorir e desenho livre. Depois, passou a escrever em um caderno o que lhe vinha à cabeça. “Ali vai me dando um raio x de como eu fui evoluindo ao longo dos meses ou dos dias”, conta sobre o novo hábito.

A última empreitada tem sido fazer bijuterias. Flávia conta que tudo começou quando uma amiga disse ter gostado muito de um de seus brincos. A administradora, então, decidiu presentear-la com

um par, mas não conseguiu encontrar brincos semelhantes em nenhuma loja. Foi aí que decidiu comprar os materiais e fazer por conta própria. No fim, acabou se empolgando e, além de presentear a amiga, passou a produzir peças para si.

“Tenho introduzido essas atividades manuais para mexer com outras áreas da mente e também alimentar a minha criança, porque ela existe”, declara. As práticas entram como uma forma de deixar as telas um pouco de lado, já que passa boa parte das horas de trabalho em frente ao computador.

Os encontros presenciais com os amigos seguiam suspensos no momento da entrevista, por receio de contaminação pela Covid-19. No entanto, as relações se mantinham por meio do contato virtual. “Nós compartilhamos as nossas ferramentas de bem-estar, o que cada um tem descoberto, ou simplesmente conversamos para manter o laço, desabafar. E tem o ócio criativo, né? Às vezes, no meio de uma conversa simples, surgem ideias para solucionar questões de trabalho”, afirma.

Flávia também inclui as ações sociais em suas práticas de cuidado. “É esse chamado de atuar para o bem-estar da comunidade. Então, eu entendo o coletivo não só como o coletivo negro. Eu sou uma mulher do sertão da Bahia e isso me impacta profundamente”, declara.

Além de se manter atenta às oportunidades de contribuição para diminuir as desigualdades no ambiente de trabalho, Flávia atua em ações sociais no bairro da Queimadinha, onde nasceu. Ela e a mãe estão sempre engajadas nas campanhas realizadas pela Paróquia Todos os Santos, frequentada pela família desde a fundação.

Capítulo 11

Solidariedade e defesa de direitos

A principal ação social da Paróquia Todos os Santos em 2022 tem sido a chamada “Corrente do Bem”, para a arrecadação de cestas básicas para famílias da região. “No bairro onde eu nasci, as pessoas estão passando fome”, declara Flávia. Norma, que coordena as iniciativas da paróquia, afirma que chegaram a distribuir 100 cestas por semana nos momentos mais críticos da pandemia.

A paróquia também tem acolhido imigrantes venezuelanos que chegam à cidade de Feira de Santana, município conhecido por ser um ponto de entroncamento, onde várias estradas e rodovias se encontram.

A Venezuela enfrenta a maior recessão da sua história, com 12 trimestres seguidos de retração econômica registrados até maio de 2022. A população tem visto o seu poder de compra ser corroído no país, que fechou o ano de 2021 com a inflação a quase 700% (686,4%), de acordo com dados oficiais²³.

O Brasil é o quinto destino mais procurado pelos refugiados da crise no país vizinho. Entre janeiro de 2017 e março de 2022, o país recebeu 325.763 venezuelanos em caráter permanente²⁴.

23. Fonte: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/venezuela-tem-a-maior-inflacao-das-americas/>

24. Fonte: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-04/brasil-e-o-5o-pais-mais-buscado-por-imigrantes-venezuelanos>

Em Feira de Santana, algumas famílias venezuelanas podem contar com um abrigo disponibilizado pela Paróquia Todos os Santos. Segundo Norma, a casa, capaz de abrigar duas famílias por vez, funcionava como salão para encontros e cerimônias da igreja. No local, havia uma cozinha, dois quartos, dois banheiros individuais e uma área comum.

O espaço foi mobiliado e transformado na casa de acolhida por meio de doações dos fiéis. Fogão, armários, mesa, cadeiras e algumas das panelas foram doações de Dona Angélica, que segue contribuindo para a igreja mesmo após a mudança de bairro.

Norma conta que as famílias costumam permanecer no abrigo de três a quatro meses. Segundo ela, a igreja oferece também um apoio para a obtenção de empregos, indo em busca de empresas parceiras e impulsionando atividades autônomas. Quando conseguem se estabelecer no trabalho, os refugiados acolhidos acabam alugando algum imóvel pela região e disponibilizando a vaga na casa de acolhida para outras famílias.

A Paróquia Todos os Santos não é a única instituição atuante na região. Norma conta que a igreja de tradição jesuíta soma esforços com um centro espírita e igrejas evangélicas do entorno. No entanto, apesar da força-tarefa, ela diz que o trabalho das instituições religiosas ainda é uma ajuda pequena para as demandas da comunidade.

“A gente está voltando ao que era no passado. Está voltando a fome, as pessoas tendo que abandonar as casas onde estavam vivendo. Hoje, é o avô ou a avó que sustenta a família, né? Porque tem um salário mínimo de aposentadoria”, desabafa a devota, que atua na paróquia há mais de 30 anos.

De acordo com dados do Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar, existe um retrocesso no combate à fome no país. O Brasil iniciou o ano de 2022 com 125,2 milhões vivendo com algum grau de insegurança alimentar, número que corresponde a mais da metade (58,7%) da população do país. Segundo a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan), que realizou o estudo entre novembro de 2021 e abril de 2022, o cenário equivale ao registrado na década de 1990²⁵.

Naquela época, Padre Alfredo Dórea estava à frente da Paróquia Todos os Santos. O padre afirma que as dificuldades encontradas pela população do entorno da igreja estavam comumente atreladas ao desemprego e à falta de moradia.

Norma, que já atuava na paróquia, lembra de unir forças com o padre para dar assistência à população naquele período. “Uma época que teve enchente, ele passou na minha casa e falou: ‘bora ali com a Kombi’. A gente saiu catando todo mundo que estava desabrigado. Tinha uma escola na frente da minha casa. Ele: ‘vamos botar aqui, depois a gente vê com a prefeitura como é que faz. O povo é que não pode ficar sem um lugar, aí na chuva’”, conta.

A passagem de Alfredo pela igreja de Feira de Santana foi marcante, porém durou menos de três anos. Na época, ainda em meio à sua formação eclesial, Alfredo acabou partindo para estudar na Itália, onde se tornou mestre em teologia pela Universidade Gregoriana de Roma.

25. Fonte: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/06/08/fome-no-brasil-numero-de-brasileiros-sem-ter-o-que-comer-quase-dobra-em-2-anos-de-pandemia.ghtml>

Quando retornou ao Brasil, Alfredo atuou por alguns anos em Salvador, sua cidade natal. No início dos anos 2000, o padre passou a ser procurado por muitos fiéis que sofriam por não se sentirem confortáveis em assumir sua orientação sexual no contexto em que estavam inseridos. Alfredo, então, decidiu que deveria realizar uma abordagem pastoral dessas questões, o que não foi aceito por um de seus superiores.

Por conta do ocorrido, o padre acabou se desvinculando da igreja católica. “Não tem a figura do ex-padre. Eu era Padre sem igreja. Fiquei quieto com as minhas atividades cotidianas. Sempre trabalhei para me sustentar, nunca vivi do altar”, declara.

Padre Alfredo passou cerca de dez anos sem fazer parte de uma instituição religiosa, até que foi convidado a integrar a Igreja Anglicana Tradicional do Brasil, por volta de 2016. “Já na época eu disse: se for igreja que só fala do diabo e só manda para o inferno, eu estou fora. Não tenho mais idade para isso”, relembra.

Alfredo acabou percebendo que a igreja não era nem um pouco parecida com aquela descrição. Segundo ele, havia uma abertura para a comunidade LGBT e um olhar atento às demandas do público mais empobrecido. O padre começou a auxiliar nas ações locais e logo foi convidado a se tornar bispo. Pouco tempo depois, por volta de 2018, houve a renúncia do arcebispo da instituição e Alfredo foi eleito para o posto.

Em sua conta no Instagram, o padre se define como “negro, anglicano, espiritualista, na defesa das minorias políticas, dos direitos humanos e do diálogo interreligioso”. Alfredo é reconhecido

por sua atuação na assistência a pessoas com HIV, especialmente por meio da Instituição Beneficente Conceição Macedo (IBCM), da qual é coordenador.

Dona Conceição Macedo, que dá nome à instituição, é uma enfermeira aposentada conhecida por cuidar de pessoas empobrecidas vivendo com o HIV/AIDS em Salvador. Foi por meio dela que Alfredo se comprometeu com o combate ao preconceito e com a garantia de assistência à população que convive com o vírus.

A IBCM se tornou referência na luta pelos direitos de pessoas com HIV e, em maio de 2022, assinou um termo de cooperação com a Secretaria De Justiça, Direitos Humanos E Desenvolvimento Social de Salvador para a gestão do centro de defesa dos direitos de pessoas LGBTQIAPN+ da capital²⁶.

“Eu vi de perto essa demanda. Chamam ‘meu padre, eu queria que o senhor fosse em tal lugar’. Ou seja, parodiando o poeta [Erasmus Carlos]: elas querem um padre para chamar de seu. Então, pelo menos aqui tem um. A mãe de santo tem um padre para chamar de seu, a prostituta, a travesti, o gay, eles têm um padre para chamar de seu”, afirma Alfredo.

Apesar do vasto histórico de engajamento com causas sociais, Alfredo não se sente confortável com o rótulo de ativista. “Eu não gosto muito desses ‘istas’ não. Agora é bolsonarista, lulista... Eu tento ser primeiro feliz. Tem que ser feliz e não encher o saco dos outros”, declara. O padre prefere se definir apenas como alguém que não se cala diante de situações de injustiça.

26. Fonte: <https://www.doistercos.com.br/ibcm-assina-termo-de-co-laboracao-com-sjdhds-para-execucao-dos-servicos-do-cpdd-lgbt/>

Alfredo sente falta de “vozes mais proféticas” no Brasil de 2022. “Lembro dos tempos de Dom Pedro Casaldáliga, Dom José Maria Pires, Dom Hélder Câmara... Você vê hoje umas igrejas amofinadas, os bispos silenciosos, lambendo as botas dos militares ou dos políticos. A gente ouve falar de uma Bancada da Bíblia no Congresso Nacional que está a serviço da direita. Vejo com tristeza isso”, desabafa o padre que, aos 68 anos, compara os tempos atuais à época da ditadura militar. Segundo ele, o país vive um fechamento em sua estrutura política e social, com uma mentalidade conservadora que estaria para além de qualquer governo.

Flávia, que leva a atuação do padre como um exemplo de solidariedade, acredita que a tarefa mais desafiadora e necessária no cenário recente é abrir espaço para o diálogo. Com base em sua postura de enfrentamento a assuntos que denomina “espinhosos”, ela declara: “me surpreende ter que discutir a legitimidade dos direitos humanos, ter que discutir nazismo. É algo surreal! Mas já que isso existe, como é que eu posso me comunicar de forma assertiva e amorosa para preservar minha saúde e para que o outro realmente escute?”.

Bibliografia

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019. 256 p.

ASFOC - SN - Associação dos Servidores da Fundação Oswaldo Cruz – Sindicato Nacional. Na pauta: Campanha Salarial 2013. **Jornal da Asfoc-SN**, Rio de Janeiro, out. 2012. Disponível em: <http://www.asfoc.fiocruz.br/OldSite/publi/jornal/pdf/JORNAL%20DA%20ASFOC%20-%20OUTUBRO%202012%20final.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2022.

BAIROS, L. Lembrando Lélia Gonzalez 1935-1994. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 23, 2000. DOI: 10.9771/aa.v0i23.20990. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20990>. Acesso em: 14 jun. 2022.

BARBOSA, M. Por reajuste, servidores federais convocam assembleia para 4ª. **Poder360**, Brasília, 27 dez. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/economia/por-reajuste-servidores-federais-convocam-assembleia-para-4a/>. Acesso em: 14 jun. 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2011. 192 p.

CEZARIO, B; ALCANTARA. Pilea Microphylla: a espécie ornamental usada para fins medicinais. **Casa e Jardim**, São Paulo, 7 jan. 2022. Disponível em: <https://revistacasaejardim.globo.com/Casa-e-Jardim/Paisagismo/Plantas/noticia/2022/01/pilea-microphylla-especie-ornamental-usada-para-fins-medicinais.html>. Acesso em: 7 jun. 2022.

CONCEIÇÃO, C. O desafio do desemprego. In: FGV IBRE. **Blog da Conjuntura Econômica**. São Paulo,

5 out. 2021. Disponível em: <https://ibre.fgv.br/blog-da-conjuntura-economica/artigos/o-desafio-do-de-emprego>. Acesso em: 8 jun. 2022.

COUTINHO, G. IBCM assina termo de colaboração com SJDHDS para execução dos serviços do CPDD-LGBT. **Site Dois Terços**, Salvador. 16 mai. 2022. Disponível em: <https://www.doistercos.com.br/ibcm-assina-termo-de-colaboracao-com-sjdhds-para-execucao-dos-servicos-do-cpdd-lgbt/>. Acesso em: 24 jun. 2022.

DE LIMA, V. Quem foi Charles de Foucauld? **Diocese de Amparo**, Amparo, 2018. Disponível em: <http://www.diocesedeamparo.org.br/index.php/2018/12/06/quem-foi-charles-de-foucauld/> Acesso em: 13 jun. 2022.

DIEESE. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. **BRASIL: A Inserção da População Negra no Mercado de Trabalho**. São Paulo, 2019. Disponível em: https://farm66.staticflickr.com/65535/49101942423_9d00c0858c_o.jpg. Acesso em: 28 jun. 2022.

DOURADO, C; BITTENCOURT, G. Brasil é o quinto país mais buscado por imigrantes venezuelanos. **Agência Brasil**, Brasília, 30 abr. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2022-04/brasil-e-o-5o-pais-mais-buscado-por-imigrantes-venezuelanos>. Acesso em: 22 jun. 2022.

DOUTORADO sanduíche: entenda como funciona. **Guia do Estudante**, São Paulo, 28 nov. 2019. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/universidades/doutorado-sanduiche-entenda-como-funciona/>. Acesso em: 16 jun. 2022.

FAVALLI, M. Venezuela tem a maior inflação das Américas. **CNN Brasil**, São Paulo, 23 mai. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/>

internacional/venezuela-tem-a-maior-inflacao-das-americas/. Acesso em: 22 jun. 2022.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpos e Acumulação Primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2019. 460 p.

HISTÓRIA da Fundação Oswaldo Cruz. **Portal Fiocruz**. Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/historia>. Acesso em: 14 jun. 2022.

HISTÓRIA | Gritodosexcluidos. **Site Grito dos Excluídos**. São Paulo, SP: Grito dos Excluídos, 2022. Disponível em: <https://www.gritodosexcluidos.com/historia>. Acesso em: 13 jun. 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. Rio de Janeiro: RJ, 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em: 28 jun. 2022.

INSTITUTO ETHOS DE EMPRESAS E RESPONSABILIDADE SOCIAL. **Perfil Social, Racial e de Gênero das 500 Maiores Empresas do Brasil e suas Ações Afirmativas**. São Paulo: SP, 2016. Disponível em: https://www3.ethos.org.br/wp-content/uploads/2016/05/Perfil_Social_Tacial_Genero_500empresas.pdf. Acesso em: 28 jun. 2022.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas do Estado Brasileiro**. Rio de Janeiro, RJ: IPEA. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasestado/indicadores>. Acesso em: 14 jun. 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 249 p.

LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016. 416 p.

MACHADO, R. Antes do SUS. **Portal Drauzio Varella**, São Paulo. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/saude-publica/antes-do-sus/>. Acesso em: 8 jun. 2022.

NAGASAVA, H. C. “**O sindicato que a ditadura queria**”: o ministério do trabalho no governo castelo branco (1964-1967). 2015. 202 p. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, Fundação Getúlia Vargas, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/14205/Heliene%20Chaves%20Nagasava.%20O%20sindicato%20que%20a%20ditadura%20queria.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2022.

PRIMEIRO caso de covid-19 no Brasil completa um ano. **Agência Brasil**, Brasília, 26 fev. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-02/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-completa-um-ano#>. Acesso em: 18 jun. 2022.

RAMOS, Silvia (Org.). **Mídia e racismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2002. 96 p.

REITH; Stefanie Landim; RACHID, Alessandra. Gestão da Diversidade - um estudo sobre gênero e raça em empresas no Brasil. **Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar**. Matinhos, v. 14, n. 1, p. 25-43, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/diver/article/view/73706/44059>. Acesso em: 28 jun. 2022.

SANDEL, Michael J. **A tirania do mérito: O que aconteceu com o bem comum?** São Paulo: Civilização Brasileira, 2020. 350 p.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA DE SÃO PAULO. #A2SP ep05: Liniker e Linn da Quebrada

discutem o peso da representatividade. SMC, 2019. 1 vídeo (12:51 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kbyylz0fC-I>. Acesso em: 28 jun. 2022.

SERVIDORES da Fiocruz fazem acordo com o governo e encerram greve. **G1**, Brasília, 27 ago. 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/08/servidores-grevistas-da-fiocruz-chegam-acordo-com-o-governo.html>. Acesso em: 14 jun. 2022.

SILVEIRA, D. Fome no Brasil: número de brasileiros sem ter o que comer quase dobra em 2 anos de pandemia. **G1**, Rio de Janeiro, 08 jun. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2022/06/08/fome-no-brasil-numero-de-brasileiros-sem-ter-o-que-comer-quase-dobra-em-2-anos-de-pandemia.ghtml>. Acesso em: 23 jun. 2022.

_____. Paulo Guedes compara funcionário público a ‘parasita’ ao defender reforma administrativa. **G1**, Rio de Janeiro, 7 fev. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/02/07/paulo-guedes-compara-funcionario-publico-a-parasita-ao-defender-reforma-administrativa.ghtml>. Acesso em: 14 jun. 2022.

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Acerola. In: Horto Didático. **Horto Didático de Plantas Medicinais do HU/CCS**. Disponível em: <https://hortodidatico.ufsc.br/acerola/>. Acesso em: 7 jun. 2022.

_____. Aroeira. In: Horto Didático. **Horto Didático de Plantas Medicinais do HU/CCS**. Disponível em: <https://hortodidatico.ufsc.br/aroeira/>. Florianópolis, 28 dez. 2019. Acesso em: 7 jun. 2022.

VALENTE, J. Covid-19: governo declara transmissão comunitária em todo o país. **Agência Brasil**, Brasília, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-03/covid-19>

governo-declara-transmissao-comunitaria-em-todo-o-pais. Acesso em: 18 jun. 2022.

VIDEOSAÚDE DISTRIBUIDORA DA FIOCRUZ. **Trajetórias Negras na Fiocruz**. Rio de Janeiro: VideoSaúde, 2021. 1 vídeo (1 h e 58 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TsPlzTN6QOM>. Acesso em: 7 jun. 2022.

Entrevista pingue-pongue

Horizonte

Em um chamada de vídeo realizada no dia 5 de maio de 2022, as entrevistadas centrais, Flávia Paixão e Natalia Chaves, se falaram pela primeira vez. Durante a conversa, elas responderam a perguntas sobre o que desejam para o futuro.

O que você deseja para os próximos passos da sua vida profissional?

Flávia Paixão: Eu me encontro reiniciando a carreira, né? Como eu estou trabalhando como assessora técnica de cooperação internacional em pesquisa e [envolve] tudo que tem acontecido, não só a pandemia, [mas também] as mudanças climáticas, o destaque que vem sendo dado ao conceito de saúde única, de saúde global... Então, eu optei por o refazer o meu ciclo de aprendizagem e voltar para a academia. Entrei na especialização de diplomacia em saúde, porque é algo que me incomoda e que mexe comigo, que me mobiliza. Os direitos das pessoas respeitados, incluindo o direito ao ambiente, à saúde. E, para mim, está sendo muito interessante ingressar nesse mundo da diplomacia em saúde, que eu acho que é pouco povoado por mulheres e por mulheres negras, em defesa de um conceito de saúde e de um direito universal da saúde, que eu assumo que para nós do Brasil é muito mais óbvio, e não necessariamente para outros países, [o conceito] de que saúde é um direito de todos. Então eu estou voltando para a academia, retomando os meus passos na diplomacia de saúde. E uma coisa que eu aprendi aqui, para o profissional,

[é que] o céu é o limite. Uma vez estudante, sempre estudante, para o resto da vida estudando e aprendendo. Eu quero ocupar novos espaços não só para me aperfeiçoar profissionalmente, mas também para levar prosperidade para quem está ao meu entorno. Falar: “aqui nos cabe e estou descobrindo o caminho para mim e para outras”.

Natalia Chaves: Muito legal. Para mim, eu gostaria muito de conseguir juntar mais a minha formação com o que eu faço agora, né? Assim de forma mais imediata. Então eu me formei em Letras -- tradução e intérprete -- e eu gostaria de, realmente, unir a minha formação profissional com a minha atuação política. Acho que de mais imediato seria isso.

E como você pretende fazer isso? Tem algum plano em mente?

N: Não um plano, mas eu acho que a forma mais fácil de fazer isso seria atuar mais em políticas públicas para leitura, livros, né? Bibliotecas... É uma coisa que existe o plano municipal já para esse assunto. No caso, eu teria que estudar isso e levar o tema para o mandato, para a gente pensar iniciativas, mas não tem algo super concreto, pensado.

F: Letícia, quando você perguntou a Natalia eu esqueci de comentar, assim... Eu comecei essa semana a especialização em diplomacia da saúde, que eu vou ter que fazer a maratona até o final do ano, e entender esse universo de multilateralismo e manter contatos com pessoas de outros organismos de saúde da América Latina, para a gente fazer essa ponte, e eu espero em breve estar cursando um doutorado em diplomacia da saúde para ter robustez, realmente, para ser essa interlocutora qualificada, sabe?

Eu gosto de ser do Sertão da Bahia, mas o mundo é meu, e é meu e é de todas nós. Eu tenho tentado me voluntariar na ONU, ainda que seja um voluntariado online, né? Me tocou quando a Natalia falou assim: trazer a prática política para a atividade do trabalho, porque são várias jornadas que a gente faz para manter a vida, né? Tem a jornada da subsistência de pagar as contas, tem a jornada de estudar para poder romper as barreiras sociais e alavancar a carreira, tem a jornada de vestir o personagem da profissional e atuar, e mostrar que é competente para além do currículo, e a gente ainda tem que traçar um futuro. Eu digo que eu sou técnica, eu sou zagueira, eu sou torcida... E ocupar todos esses papéis demanda bastante, mas pelo menos em termos práticos, eu conto que novamente a academia vai ser minha trilha de redenção, minha trilha de saída, de cortar caminhos. E obrigada, Natália. Você falou e me deu um estalo aqui.

Gostaria de se aprofundar em alguma área de estudo? Por quais meios?

F: Para mim, a diplomacia da saúde é o ponto. Porque é o caso [em que me encontro], na organização onde eu estou, porque eu trabalho na Fiocruz. Por algum motivo, eu cheguei lá. E é uma organização que tem os valores, vamos dizer assim, que preza pelos valores humanitários e que preza pela saúde no conceito amplo, e a saúde como direito de todos, diferente de outras organizações, e que tem um respaldo internacional e uma imagem internacional boa, e que talvez se eu estivesse em outra organização, eu não teria essas portas abertas, né? Então [pretendo] utilizar realmente desse valor institucional que se alinha com o meu valor pessoal e cursar o doutorado.

Melhor dos mundos um doutorado com um projeto de intervenção prática. Não simplesmente a academia pela letra fria da lei e da literatura. Sim, o referencial teórico é importante e, para mim pessoalmente, ele ganha mais importância quando ele se manifesta na vida, né? Então um projeto com parceiros internacionais dentro do meu doutorado, com uma ação prática, que da mesma forma que a academia me dá autonomia para fazer os meus processos da minha carreira, é uma ferramenta para isso, eu entendo que um projeto de intervenção do doutorado, que ele dê também autonomia a outras pessoas, a outras comunidades, para que outras mulheres também tenham ferramentas para fazer suas jornadas.

N: Eu acho que talvez até faça mais sentido para você a pergunta, porque eu não estudo oficialmente. No momento, o que eu faço é estudar para poder trabalhar e militar. Na verdade, eu sou muito nova ainda nesse mundo da política, então eu preciso estudar muito a coisa. Preciso me aprofundar em muita coisa. Como eu disse no começo, de unir as duas coisas, então talvez nesse sentido, eu acho que pela linguística. A linguística ajuda muito, né? Em análises políticas, a questão de análise do discurso e tudo. E eu vi algumas coisas de relance, as pessoas misturando estudos de linguística ou de linguagem com ecologia, com territórios, que eu acho interessante, mas como no momento a minha principal responsabilidade são realmente esses temas socioambientais e também de gestão política, organização política, são também dois temas que eu quero me aprofundar. E por quais meios, né? É isso. Eu acabo ficando mais na leitura mesmo. Eu gostaria de fazer cursos, mas é muito difícil ter disciplina. Eu fiz graduação e só.

Depois, eu até fiz um curso presencial de tradução literária, mas depois disso não fiz mais nada formal. Eu gosto de estudar, mas eu não encontro espaço na minha rotina, então eu fico nessa de tentar encaixar. É tipo exercício. As pessoas falam: “você tem que pagar alguma coisa, tem que fazer” e eu faço dentro de casa, com o YouTube, para encaixar nas coisas, né? Tenho essa dificuldade de separar um tempo melhor para me aprofundar, porque senão o dia a dia leva a gente, né?

F: Eu compartilho dessa mesma coisa. Eu já venho desde o ano passado procurando algumas pessoas que são fora da minha área do conhecimento para falar sobre produtividade, sobre administração do tempo, algumas coisas assim, e uma coisa que eu percebia é que às vezes eu valorizo mais o estudo da academia do que a minha capacidade de ser autodidata. Eu compartilho isso com você. Às vezes a gente tem que dar conta da vida e fazer uns pequenos estudos ou estudos continuados técnicos para dar conta das atividades da vida, e eu acabo me esquecendo de computar que isso também é atividade de formação, que é uma experiência que a gente faz. E fazemos com as ferramentas que temos mesmo. Eu passei por uma formação acadêmica, mas hoje a forma de educação é outra, né? Na minha época era ensino, agora é educação. Então é uma outra forma. Aprender a computar isso, entendo que caminhamos para um período onde talvez as Universidades se tornem secundárias em termos de protagonismo da educação, né? Eu também entendo que também o YouTube, algumas comunidades, algumas redes sociais específicas, alguns sites, eles têm esse papel, pelo menos para mim, que faz parte do caminho pessoal de cortar as barreiras

sociais e econômicas, às vezes a gente não se chama de autodidata, mas somos de fato. Sempre fomos, né? Então, às vezes, é esse excesso de modéstia ou essa falta desse reconhecimento das nossas genialidades mesmo, porque a gente “se vira nos 30” para conseguir conhecimento e depois as pessoas saem falando: “mas são tão inteligentes”. Eu digo assim: “você não sabe o quanto eu caminhei, como diz a música, para chegar até aqui”.

O que você deseja para o tempo de descanso e lazer?

F: Leveza e serenidade. Mais contato com a natureza e poder estar despreocupada. Simplesmente fazer as coisas por querer. Tipo, eu quero ler meus livros em espanhol e não livros técnicos. Eu me divirto lendo em espanhol. Simplesmente ler sem pressa, ler sem um alvo profissional, sem um grande objetivo. Ou ter um tempo para esvaziar a mente de quem eu sou como profissional, como família e simplesmente estar ali, deitar no chão, contemplar a natureza, me deixar ser. Eu sinto que esse equilíbrio de balanças: trabalho, vida social, família, enfim, carreira... Sempre tem um pouco de tensão. Por mais que eu vá aprendendo ao longo da minha vida a regular mais estresse ou menos estresse, sempre tem uma tensão. A gente sempre tem alguma conta para pagar, seja uma conta financeira, seja uma promessa de um trabalho, de um texto para entregar para alguém, sempre um compromisso. Então, para os momentos de lazer, eu quero ler, quero descansar, quero estar com a natureza, esvaziar a mente. Perdi algumas noites de sono pensando em problemas de trabalho, porque quem fala que separa trabalho, família e vida social,

eu digo: a pessoa tem duas personalidades? Não tem. Você é um ser único. E a última, Letícia, de vez em quando eu dou essas maluquices. Eu comprei um caderno de desenho. Então eu selecionei uma playlist no YouTube e vou tirar algum momento para aprender alguma técnica de desenho. Se vou ter sucesso, eu não sei, mas vou experimentar. É isso.

N: Muito bom. Eu fico com saudades também do tempo que eu comprava revistinha para pintar, no caso. Eu quase comprei esses dias. Depois criaram para adulto, né? Porque é tão legal que fizeram para adulto também. Eu acho que esse se desligar é muito importante para descanso e lazer, porque às vezes, mesmo no final de semana, acho que diminui um pouco mais essa coisa de: eu tenho que ficar todo o tempo conectada, porque podem me acionar, não sei o que, diminui um pouco, mas não é o suficiente para desligar. Então, quando tem um feriado mesmo, que é uma coisa que a maioria das pessoas também está querendo se desligar, né? Ou no caso de mais dias, né? Férias mesmo, aí é muito bom poder falar assim: eu não preciso responder nenhuma mensagem, eu não preciso ficar com o celular ligado, a internet ligada, não preciso. Eu desativo todas as notificações e quase não entro no Instagram, por exemplo. Que, antes, já houve um tempo que o Instagram era uma coisa para eu relaxar mesmo, eu entrava e ficava vendo ilustração, foto de criança... E hoje é uma ferramenta de trabalho também, né? Eu tenho que postar, eu tenho que ficar vendo o que as pessoas estão falando, eu tenho que estar antenado nisso. Então, nos poucos momentos que dá para falar: hoje assim... Como isso faz parte do meu trabalho, eu só consigo desligar quando eu falo: hoje eu não preciso trabalhar mesmo.

E geralmente é isso: férias, que foi no final do ano, ou quando tem feriado também, às vezes, dá para fazer, porque também tem feriado que demanda uma ação política também, como o 1º de maio, né? Que cai em um domingo, mas se eu tivesse caído numa segunda, não ia ser um feriado para mim, e ainda ia fazer bastante coisa. Então, para mim é o principal de descanso e lazer. E tem uma coisa muito específica que eu gosto, que é show. Então, eu prezo muito, eu me esforço muito para ir a shows. É uma coisa que me faz muito bem também.

Quantos anos tem a sua mãe? Como quer que seja a sua vida quando estiver com essa idade?

N: A minha mãe tem 51. Como que eu quero seja a minha vida... Bom, eu não sei. É bem difícil pensar nisso, né? Eu espero ainda ser militante. Eu espero que seja uma dessas pessoas aí que a gente vê que está muito tempo, né? Para ganhar experiência mesmo, porque tem pessoas da minha idade que começaram com 15 anos, então já tem muito tempo, né? Eu vou demorar ainda para ter esse tipo de experiência que algumas pessoas já têm na minha idade. Enfim, é uma coisa que eu acho necessário, né? Para a sociedade. E em termos pessoais, eu não sei. Eu sempre quis ser mãe, mas quando a gente vai crescendo, vê que o negócio é mais difícil do que a gente idealiza, mas eu acho que eu ainda vou querer em algum momento também, ser mãe de alguma forma. Eu não penso muito. Eu não tenho muitos planos, na verdade. Nunca tive. Eu sempre fui meio... Acho que até para manter o que... As coisas acho que vão acontecendo naturalmente e aí eu penso: ah, como que eu quero a minha vida? Eu quero que ela continue... Que ela melhore, claro, mas eu não pen-

so em grandes mudanças. Ser mãe seria uma grande mudança, né? Mas é isso, assim, é a única coisa que eu consigo pensar, porque... Eu acho que eu vou continuar morando em São Paulo. Não é uma cidade que eu odeie tanto quanto outras pessoas, então eu acho que eu vou continuar aqui. Não sei realmente. Não tenho tantas expectativas. E você Flávia?

F: A Letícia pegou pesado aí. Minha mãe tem 74 anos e esse período [que fiquei] mais próxima dela, em razão da pandemia, me fez conhecer coisas dela ou da minha infância, ou do casamento dela, detalhes que eu desconhecia, né? E também, no período de dois anos, eu consegui perceber como muda o corpo e como muda a atitude, a forma de interpretar a vida, vamos dizer assim. Interpretar a vida, interpretar a cidade, porque tudo isso mudou. Somos sobreviventes de uma guerra biológica. Não sei se vocês sabem. E, então, quando Letícia falou, qual é a imagem que me vem? Eu com 74 anos, profissionalmente, eu quero ser uma consultora sénior. Estarei na minha casa, com algumas árvores do lado, alguns pomarzinhos, um quintal relativamente grande, bastante sombra, uma casa espaçosa, farei meus atendimentos em domicílio. Por favor, venham. Minha consultoria será presencial. Então, assim, quem quiser falar dos seus trabalhos, tragam seus trabalhos, vamos ver juntos, vamos pensar soluções e caminhos juntos, né? Me vejo em um lugar de mais silêncio. Se tiver uma praia próxima, ótimo, que aí eu vou reunir as duas coisas que eu gosto: mato e mar, né? E ter os meus tempos para diminuir o ritmo de vida. Maior contato com a natureza. Ter esse contato e esse acesso e receber pessoas que, enfim, eu acho que eu gosto de agregar. Um grande desafio, como Natália falou, para mim, é ter um companheiro.

Eu fiquei na dúvida: vai ter um companheiro ou não vai ter um companheiro? Mas eu acho que ele também pode me visitar. Se não for residente fixo, ele pode me visitar também. Então, quero continuar na ativa, quero continuar dando minha contribuição, mas eu imagino que vai ser de um lugar mais pausado e de... Tipo, olha, eu fiz a minha jornada, ganhei minha experiência, se você quiser vir aqui beber dessa fonte, vamos pensar junto, né? Porque eu entendo que o mundo está mudando a cada 15 segundos, então está uma coisa muito revolucionária. Eu jamais imaginaria que no mundo atual ser artista seria uma profissão de risco, ser jornalista seria uma profissão de risco no nosso país, defender o meio ambiente, ser um ambientalista... Então, eu digo: opa, que mundo é esse? Onde é o norte? Não sei. Então, eu visualizo uma boa saúde física, morando em um lugar um pouco mais recuado, mas com acesso. Ser uma consultora sênior para a minha área de conhecimento e continuar contribuindo com outras pessoas e me sentir produtiva. E também ter os meus espaços e as minhas festas. Ah, gente, vamos fazer uma fogueira aqui? Vamos tocar um violão? Vamos assar um milho? Coisas que também remetem à minha cidade natal. Eu acho que, aos 74 anos, eu terei a casa dos meus sonhos e prestarei o meu retorno em forma de consultoria e vou fazer minhas danças. Alguns vão me chamar de doutora, outros vão me chamar de bruxa, então tá tudo certo. Mais ou menos por aí.

Você trabalha em direção a qual futuro de sociedade?

F: Qual futuro de sociedade... Nossa. Hoje é difícil saber, porque eu realmente não vejo na humanidade um plano conjunto. Mas ainda assim eu

consigo encontrar pessoas no meu caminho, seja entre os amigos, nas relações pessoais, afetivas e profissionais, para uma comunidade única. Não seria essa loucura que os teóricos da conspiração falam de um “ultragoverno”, mas eu entendo assim... Ao respeito aos povos tradicionais, a uma convivência harmoniosa com todas as religiões, que para mim particularmente elas se tocam e se integram. Então, profissionalmente, eu entendo que eu vou na direção de um conceito de direitos humanos, de saúde, de uma sociedade mais equilibrada. Não diria uma comunhão perfeita, uma harmonia perfeita, mas um pouco mais amorosa, um pouco mais equilibrada nas suas relações e que o respeito mútuo se torne algo mais natural, mais simples, como acordar. Mas também que as pessoas consigam se indignar diante das violências, sejam elas físicas, psicológicas, financeiras... Que o incômodo não seja de um ou de outro, mas [que se incomodem] se faltam mulheres, se faltam negros, se faltam meninas, se existem violências, [ou ainda] que naturalmente as pessoas entendam que destruir o meio ambiente de um país é destruir o meio ambiente de todos, que uma epidemia em um país é um problema de todos, que a falta de oportunidade de progredir de algumas pessoas, a nação entender que ela está jogando fora possíveis gênios que trariam soluções de doenças ou de problemas que são graves na sociedade e que perdemos enquanto humanidade e, para os mais ligados no financeiro, perdemos em competitividade mundial, perdemos dinheiro quando perdemos pessoas com capacidade produtiva. Então, que ou pelo amor ou pela razão, que tenhamos uma sociedade mais respeitosa, mais amorosa e mais harmoniosa. E eu entendo que cabe.

Cabe amor nas relações, cabe afeto, cabe respeito nas relações profissionais, nas relações sociais, nos nossos contextos de trabalho, porque o olhar frio muitas vezes da lei ou do método científico, muitas vezes ele não dá conta de tudo o que a gente precisa de fato.

N: Eu acho que, na verdade, era nessa linha até que eu ia responder. O que a gente defende, das organizações de que eu participo, assim, esse programa é o que a gente chama de Bem Viver, que tem vários nomes. Cada comunidade, principalmente as andinas, indígenas, têm os seus próprios nomes, que a tradução no Brasil é Bem Viver. Na verdade, é uma construção, né? Mas a essência seria essa harmonia entre todos os seres. Vivos e não vivos. Então, todos os animais, humanos, não humanos e toda a natureza como um todo. E isso não está desatrelado, né? Para a gente conseguir isso, a gente vai ter que mudar a forma como a gente produz, como a gente trabalha, como a gente se relaciona. É uma mudança de civilização mesmo. É muito grande, é um horizonte bem difícil de se construir, mas a gente precisa de um horizonte para avançar, senão a gente fica no mesmo lugar. E eu acho interessante, porque no caso que eu defendo de sistema socioeconômico que poderia nos levar ao Bem Viver seria o ecossocialismo, mas os próprios indígenas que vivem isso, o Ubuntu, que tem em muitos países africanos também, que é muito alinhado a isso... As pessoas têm outras concepções também sobre como deveria ser a organização da sociedade, da economia, mas é isso. A gente tem essas diferenças, mas no fundo a gente quer a mesma coisa. Que é esse Bem Viver. Que não é essa vida pautada no lucro, pautada na doença. A Flávia, que é da [área da] saúde, [comentou sobre e eu] achei muito legal

isso da diplomacia da saúde. Não conhecia muito, eu gostaria de conhecer. E como a gente não vive em um mundo saudável, né? Acho que a gente até poderia dizer isso: a gente quer um mundo realmente saudável para todo mundo, né? E acho que é um pouco isso. O futuro que a gente busca construir desde agora, né? Tentar criar pequenos pólos assim, que dê para a gente vislumbrar o que seria esse futuro que a gente quer para a maioria da população, para toda a população. Só para os que causam isso, aí não tem muito o que fazer, mas para a maioria que está sendo esmagada aí, é o que a gente quer.

O que no dia a dia faz valer a pena seguir dedicando tempo ao ativismo ou à militância?

N: Acho que o principal motivo para fazer isso valer a pena é a necessidade mesmo. Se a gente for esperar pelos outros, nada vai acontecer. Tem uma frase meio pronta, que às vezes a gente usa, mas que é verdade, que é: só a luta muda a vida. Então, por mais difícil, por mais improvável que possa parecer, a gente ainda tem as pequenas vitórias que a gente estava falando, quando a gente se movimenta, quando a gente faz alguma coisa. E não dá. É muito cansativo, existem muitos níveis, mas se você vai ver as notícias, se você olha para o seu lado, para a vida das pessoas que estão ao seu redor, para a sua própria vida, para a nossa própria existência, com a crise ecológica que a gente está vivendo, não dá para só sentar e esperar. Quem que vai fazer isso por nós? A política ainda... As pessoas que estão lá e tentam fazer algo diferente ainda são minoria, e a estrutura das instituições, ela não é suficiente para o nível de transformação que a gente quer fazer, então a gente tem que ocupar todos

os espaços exatamente por causa disso, porque em cada espaço a gente vai conseguir fazer uma coisinha. Então, eu acho muito importante que cada vez mais pessoas tenham consciência disso, de que em todo lugar que a gente estiver é possível ter um nível de ativismo, algum nível de militância, porque se a gente precisa melhorar todas as áreas, a gente precisa das pessoas de todas as áreas. É aquilo que a gente estava falando também, de que não é só da academia que a gente tem conhecimentos. Então a gente precisa da costureira, a gente precisa da pessoa que tem os conhecimentos de ervas, a gente precisa das diferentes habilidades que a gente tem, sejam manuais, sejam intelectuais e tantas outras. Na verdade, nem sei se eu respondi direito, né? Porque é mais o que me leva ao ativismo e à militância. Mas eu acho que também é isso que faz valer a pena. Eu acho que ter pessoas no ativismo e na militância ajuda para que nós e as outras pessoas também não percam a esperança. Então, tem diferentes níveis. As grandes vitórias, as pequenas vitórias, mas só de saber que tem alguém que quer fazer diferente, isso já ajuda a levar o dia a dia.

F: Eu vejo ativismo e militância como uma forma de estar na vida. Como eu comentei antes, quando eu vi o episódio do assassinato de Marielle, que eu vi a vida de Marielle e a Marielle ali da Maré, do lado da Fiocruz, e eu me reconheci naquele período, eu fiquei com vergonha da minha vida. Eu digo: nossa, que mulher, que espetáculo. Tudo aquilo que Marielle mobilizou e o que ela fez, e quantas barreiras ela rompeu e o assassinato dela também, uma mensagem muito clara para as pessoas que ousam cruzar essas linhas. Então, eu assumo também, nas minhas limitações e no conhecimento que eu tenho, em menor proporção

quando eu olho para Marielle, mas que eu seja ativista entregando para as pessoas aquilo que eu posso de melhor. E para mim é uma forma de estar na vida, porque eu não saberia ser diferente. O militar em si e o posicionar-me, o pautar a vida e as decisões com base em conceitos, em causas humanitárias, porque me aflige como pessoa, como indivíduo, o que aflige o coletivo também, porque eu me identifico com esse coletivo. E ver alguém dando certo e sorrindo, porque existe essa troca, né? Às vezes, eu contribuo com a vida de alguém que eu não faço ideia de que eu estava contribuindo e aquilo me alimenta a dizer assim: “Flávia, vai por aí que dá para fazer um pouco mais”. Então, no meu trabalho, ter as posições e olhar de maneira humana e de me posicionar a favor de pessoas que são meu espelho, que são parte da minha história também, independente do país ou da família, mas que trilhamos histórias e caminhos similares, me faz uma esperançosa também incorrigível, apesar de todo o cenário difícil. Então, por que continuar insistindo nesses assuntos? Porque para mim a mudança precisa acontecer, ela é inevitável, e da mesma forma que mulheres antes de mim abriram esse caminho, eu para fazer jus tenho que dar alguns passos também, né? Então, para eu conseguir ocupar esses espaços e conseguir me mover, alguém lá atrás estava na enxada, mas prezando de que um filho, de que um neto, de que um bisneto ia estar na escola, então eu tenho um compromisso para trás e um compromisso para frente. E me faz seguir, porque é o fluxo do rio. É uma forma de avançar na vida e de continuar. Eu vejo como uma necessidade imediata. E, quando a Natalia traz, eu super concordo de que precisamos ocupar os espaços de diferentes formas.

A gente precisa de pessoas com um outro olhar e com uma outra consciência nas grandes organizações, tomando decisões, ocupando os colegiados da academia, para que tenha diversidade e traga outros olhares para esses alunos, ocupando os comércios e o empresariado também, para que se plante uma outra lógica de negociação e de valorização do trabalho das pessoas. E fico feliz também quando eu encontro pessoas mais ativistas, vamos dizer assim, porque cobrimos diferentes áreas de todo esse campo que tem que ser coberto, né? Realmente é uma batalha muito grande, então vou me aperfeiçoando enquanto pessoa, a cada passo do que eu posso entender mais e do que eu posso entregar mais enquanto mulher negra ocupando esses espaços, dando a mão para outras pessoas. E é estar em atividade, é viver a vida, porque o avanço que é meu, individual, também é de outros e é um compromisso comigo mesma, com a minha história, deixar minha assinatura no mundo. Assim, olha, eu dei a mão para alguém, então já valeu a pena, né? E também reconhecer que eu sou o sonho de muita gente na minha família antes de mim. Então, eles fizeram um esforço para me colocar aqui, então para mim é compulsório eu continuar andando. E continuar andando é continuar acreditando na mudança e entregando essas discussões. Quando alguém fala algo meio fora da realidade, eu digo: mas você tem certeza disso que você está falando? Mas a gente está em um país de mais de 200 milhões de pessoas. Você tem certeza absoluta disso que você está falando? Aí a pessoa: “talvez...”. Eu digo: ah, já estamos evoluindo, já surgiu um talvez aí. Então, existem altos e baixos. O período que estiver mais cansada, vou me recolher. E renovadas as energias, voltamos para a corrida,

para a maratona, mas eu acho que é imperioso continuar porque é acreditar, é ter esperança, alimentar a esperança. Então, se eu tenho esperança de mudança, eu vou continuar caminhando e caminhar faz parte de militar e de estar em atividade.

FOTOS



Flávia e demais integrantes do Núcleo de Inovação Tecnológica (NIT) do Instituto Gonçalo Moniz (IGM). Créditos: Assessoria de Comunicação do Instituto Gonçalo Moniz (Fiocruz Bahia).

Da esquerda para a direita: Flávia, sua amiga Ana Paula e Jurema, do Laboratório Avançado de Saúde Pública (LASP), em treinamento de inglês da Fiocruz Bahia. Créditos: Assessoria de Comunicação do Instituto Gonçalo Moniz (Fiocruz Bahia).





Da esquerda para a direita: Laerte, do setor de patrimônio, Sonia do RH e Julia Lins, assessora de comunicação da Fiocruz Bahia. Créditos: Assessoria de Comunicação do Instituto Gonçalo Moniz (Fiocruz Bahia).

Integrantes da Vice Diretoria de Pesquisa da Fiocruz Bahia. Créditos: Assessoria de Comunicação do Instituto Gonçalo Moniz (Fiocruz Bahia).





Flávia e demais integrantes do Centro de Relações Internacionais em Saúde (CRIS-Fiocruz). Créditos: Assessoria de Comunicação do Instituto Gonçalo Moniz (Fiocruz Bahia).

À frente, Glaucia junto à turma de mestrado em administração da Escola Corporativa da Fiocruz em parceria com a Universidade Federal da Bahia (UFBA). Créditos: Assessoria de Comunicação do Instituto Gonçalo Moniz (Fiocruz Bahia).





Flávia e Celeste (2ª e 3ª, da esquerda para a direita) com demais servidores no Centro de Integração de Dados e Conhecimentos para Saúde (Cidacs). Créditos: Assessoria de Comunicação do Instituto Gonçalo Moniz (Fiocruz Bahia).



Participantes do Workshop Técnico e Summer School do Projeto EULAC PerMed em parceria com o Instituto de Salud Carlos III de Madrid. Créditos: Assessoria de Comunicação do Instituto Gonçalo Moniz (Fiocruz Bahia).

Integrantes do Projeto EULAC PerMed. Créditos: Assessoria de Comunicação do Instituto Gonçalo Moniz (Fiocruz Bahia).





Da esquerda para a direita: Antônio Carlos, sua esposa Isadora, seu filho, Flávia e Angélica. Créditos: acervo de Flávia Paixão.

